

RELATÓRIO FINAL DO PROJECTO

CNE: práticas, representações, motivações e expectativas dos actuais, dos antigos e dos potenciais
membros

DISCÍPULOS DE BADEN-POWELL SOCIOLOGIA DAS REPRESENTAÇÕES E DAS EXPECTATIVAS DO ESCUTISMO EM PORTUGAL

Rui Leandro Alves da Costa Maia¹

CNE – CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Escutismo Católico Português

¹ Professor Associado da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa e Investigador do CECLICO – Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento.

Nota de abertura

Celebrando o Centenário do Escutismo, verificámos que, ao longo dos últimos 100 anos, o Escutismo contribuiu para o desenvolvimento de milhões de pessoas que aderiram à Promessa e à Lei do Escuteiro, pertencentes à generalidade dos países e das culturas.

Nas comemorações deste centenário não quisemos ficar apenas num olhar sobre o passado. Pretendemos propiciar a continuidade do bom serviço prestado pelo Escutismo apostando, por isso, num estudo que permita um melhor conhecimento do nosso Movimento e que indicie percursos de adaptação e de mudança que se impõem realizar. É importante prepararmos o futuro, conseguindo perceber as tendências e antever as evoluções, no intuito de continuar a servir eficazmente os jovens, as suas famílias, a Igreja Católica, a que pertencemos, e a sociedade em geral.

Com esta perspectiva, no âmbito da preparação do PEP – Plano Estratégico Participativo, que ajudará a orientar os rumos do CNE – Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português nos próximos anos, foram lançadas várias iniciativas.

Destacam-se o estudo *CNE – Uma História de Factos*, fruto da investigação do Dr. João Vasco Reis, e o estudo realizado pelo Dr. Edgar Zeferino, com a colaboração das Juntas Regionais e de Núcleo do CNE, sobre a evolução dos nossos associados entre os anos de 1990 e de 2006.

Por este último, percebe-se que o CNE aumentou continuamente, durante anos, o número de efectivos, atingindo cerca de 70.000. A partir do ano 2000, contudo, iniciou uma tendência de estabilização ou de ligeira diminuição do número de associados. Face à população alvo – as crianças e os jovens portugueses dos 6 aos 22 anos –, a sua taxa de penetração média não chega aos 3 por cento. Cerca de 11.000 elementos deixam anualmente o activo do CNE e igual número aproximado entra. O estudo conclui que o tempo médio que cada escuteiro permanece no activo tem vindo a diminuir e de que, portanto, o CNE precisa de melhorar a resposta às expectativas que cria.

Em vários países, o Escutismo tem vindo a ser estudado, tanto de forma endógena, ou seja, para si e por si, como de forma exógena, pelo exterior, enquanto movimento organizado de jovens e pelas funções sociais que desempenha, socialmente inserido, participando na sociedade de que faz parte e dela buscando também a idiossincrasia que, mesmo sendo Movimento internacional, o distingue nos planos regional e nacional.

O Conselho Nacional Plenário do CNE, órgão máximo da associação dos Escuteiros Católicos Portugueses, decidiu que, na inexistência de qualquer trabalho do género em Portugal, fosse elaborado um estudo sociológico, inserido nas celebrações do Centenário do Escutismo.

Um dos objectivos do presente estudo foi o de se saber o que espera hoje a sociedade do Escutismo e o que Escutismo, consciente do que representa, pode buscar da sociedade.

Com tal propósito foi lançado um concurso para a sua elaboração, que ficou a cargo do Prof. Doutor Rui Leandro Maia, docente e investigador da Universidade Fernando Pessoa.

No tempo definido, responderam ao questionário lançado para o efeito 5294 pessoas. As informações recolhidas contribuíram para uma caracterização sociológica sistemática de um Movimento organizado que desempenha importantes funções sociais.

Este estudo sociológico, participado pelo Fundo Centenário do Escutismo, foi parcialmente exposto pelo seu autor no Congresso Científico Mundial sobre Escutismo e Educação, realizado em Genebra, Suíça, em Novembro de 2007, na sequência de convite do Secretário-Geral Mundial do Movimento Escutista.

O Escutismo, movimento de educação não formal, continua a ter o grande desafio de contribuir para o crescimento e o desenvolvimento da juventude.

É importante enriquecer os seus programas educativos e proporcionar condições para uma eficaz aplicação do Método Escutista, numa óptica de melhoria contínua, em direcção a uma modernidade que seja fiel ao espírito fundacional do Escutismo e do CNE.

Lisboa, 15 de Novembro de 2007.

José Machado

Coordenador das Celebrações do Centenário do Escutismo, no CNE.

Introdução

Um dos elementos caracterizadores da sociedade é a heterogeneidade na justa medida em que a sua composição resulta das acções estabelecidas entre os indivíduos e em que estes, por definição, diferem uns dos outros. *A sociedade dos indivíduos*, usando a expressão de Elias (1991), encerra, em qualquer dimensão, uma questão de fundo: como estudá-la, considerando a unicidade de posições, de vivências, de opiniões de cada um dos seus membros?

Na perspectiva da SOCIOLOGIA o que está em causa, no jogo dialéctico entre o singular e o plural, entre o integrar a posição de cada um no todo e o compreender o todo pela participação de cada um, com vista a observar, a analisar e a fornecer um contributo para a explicação da sociedade é, pode afirmar-se, um exercício permanente, porque incompleto e renovável, de captação da diversidade recorrente².

O estudo da realidade social, com maior ou menor visibilidade, faz emergir, neste sentido, em simultâneo, diferenças e convergências entre indivíduos que a compõem e enforma de determinadas orientações teóricas e metodológicas que condicionam o modo como a mesma será parcialmente explicada e interpretada.

DISCÍPULOS DE BADEN-POWELL... assenta nestes pressupostos na medida em que valoriza, em diversidade, cada um dos contributos – e são milhares – que sustentam as abordagens que o constituem e os agrega, em recorrência, pelos grupos em estudo e pelos espaços sociais a que os indivíduos se filiam em função de perfis específicos.

Sem existir, de partida, uma determinação absoluta e rígida que dificultasse o exercício adequado de construção progressiva de conhecimento pela aproximação à realidade social, esteve sempre subjacente a ideia de estudo centrada nas práticas, nas representações, nas motivações e nas

² Para uma leitura mais abrangente sobre a SOCIOLOGIA como ciência social que contemple as suas referências históricas e os seus protagonistas, pode ler-se Lança e Maia (2002: 359-364).

expectativas dos actuais, dos antigos e dos potenciais membros do Escutismo, em correspondência com os objectivos traçados de princípio pelo CNE – Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português.

Submetidos a um conjunto alargado de questões coincidentes, as respostas destes três grupos participantes concorreram para o mesmo propósito de contribuírem para um melhor conhecimento do Movimento Escutista em Portugal e, em particular, para a identificação, endógena e exógena, das suas funções sociais, funcionando aqueles que nunca militaram no Escutismo como uma espécie de grupo de controlo e os Escuteiros, em exercício ou não, como uma espécie de grupo experimental.

O processo subsequente desencadeado para cumprir este desiderato está devidamente escalpelizado no capítulo inicial dedicado ao *procedimento metodológico e técnicas de análise*. Contempla a descrição em pormenor do censo do CNE, fonte usada entre os anos de 1990 e 2006 com o propósito de caracterizar em perspectiva marco a realidade sociológica por faixas etárias, por géneros e por regiões, e a descrição dos instrumentos fundamentais de recolha de informações que sustentam o estudo – o inquérito por questionário e as entrevistas semi-directivas – que, como adiante se expõe, se completam e que tornam operacional a interpretação da realidade social pelo jogo dialéctico entre o indivíduo e o grupo: se o primeiro fornece a visão de conjunto pela categorização e pelo número, em análise isolada e por associação de variáveis, o segundo evidencia a interpretação múltipla e singular que complementa a vivifica o que em síntese se congrega em torno do subtítulo *REPRESENTAÇÕES E EXPECTATIVAS DO ESCUTISMO EM PORTUGAL*. Diverso poderia ter sido o procedimento, nomeadamente em relação à dimensão e às características da amostra. Mas o caminho trilhado, de conveniência, pareceu ser o mais adequado em face dos poucos meios materiais e humanos e do desconhecimento com objectividade de universos referentes aos grupos em observação.

O estudo focalizado, com objectivos específicos, procura perceber e explicar o Movimento Escutista enquanto micro organismo social e, virado para si, enquanto espaço organizado que exerce determinadas funções sociais e, nesse sentido, releva duas orientações teóricas que, não colidindo, permitem leituras paralelas sobre os entendimentos e as práticas dos seus actores: da sociedade para o Movimento Escutista e vice-versa em abordagem sistémica, fazendo realçar o conjunto sobre o indivíduo, e do indivíduo integrado na sociedade, micro e macro, interaccionista e promotor do seu caminho e das suas posições sociais, fazendo realçar o singular face ao conjunto. Tratou-se em primeiro lugar de fazer o devido enquadramento teórico e descritivo, de base documental, desta perspectiva e, em capítulos aglutinadores, de descrever primeiro *o Escutismo e a sociedade* e depois *o Escutismo para si mesmo*.

Quando um movimento procura conhecer-se e dar-se a conhecer está a contribuir para o seu enraizamento social e para a sua dignificação. Tal desiderato constituiu o grande desafio deste estudo.

I – Procedimento metodológico e técnicas de análise

1. Método e perspectivas de análise

As questões que se colocam sobre como realizar uma investigação derivam da conjugação estreita de, pelo menos, três factores:

- Existência de um *corpus* teórico que se adquire em função do património de informações recolhido e descrito e com o qual há uma identificação que conduz à ponderação de um conjunto mais ou menos amplo de pré-noções e de grandes sínteses que sustentarão todo o trabalho empírico.
- Existência de informações, em número e com a qualidade suficientes, que permitam conhecer o objecto de estudo.
- Adopção de um procedimento metodológico e de técnicas de análise adequadas, capazes de garantirem a obtenção de resultados sustentados, ou seja, que conduzam à construção de conhecimentos (cf. Gilbert 1996: 18).

É a partir do procedimento metodológico e de técnicas de análise a ele associadas que se tomam opções e que, de certa forma, se condiciona o que se quer investigar. Os estudos de caso estão à partida submetidos à função de fornecerem explicações globais que se estendam para além deles mesmos. São de natureza indutiva, isto é, resultam de um processo intenso de observação e de análise sistemática de relações e de percursos entre grupos ou entre indivíduos que, eventualmente, nos podem conduzir a teorizações que dificilmente permitem a dedução, isto é, a observação fora do âmbito em que foram produzidas. Os estudos de caso não permitem deduzir, no sentido em que normalmente nos referimos ao termo. São um caso em si e apenas como tal devem ser considerados, o que, no entanto, não impede, pelo contrário, que a partir deles se estabeleçam teorizações e que os aspectos neles estudados possam ser equacionados noutros contextos. Será esse um dos seus grandes contributos: produzir novos conhecimentos em relação ao objecto de

estudo e produzir novos conhecimentos teóricos que sustentem posteriores investigações (Quivy e Champenhoudt 1992: 238). Na sua essência, os estudos de caso não surgem alheados de uma teoria ou de um conjunto de teorias. Mesmo que essa teoria ou conjunto de teorias sejam usadas de forma não consciente. No dizer de Horcajo e Uña "... toda a taxonomia implica una teoría, una división inconsciente de sus alternativas, se opera necesariamente en función de una teoría inconsciente, es decir casi sempre de una ideología." (1996: 67). Se o produto da sua exploração conduz à teorização, ela é, ao mesmo tempo e em parte, precedida pela teorização, pelo que a respeito foi já induzido e que, existindo embora consciência da causalidade dos resultados, o investigador usa como dedução, considerando essa dedução como um ponto de partida, como um modelo que o seu caso – o tratamento e explicação dos seus dados – testará (cf. Strauss 1994: 11-12). A teorização precedente está, em grande parte, relacionada com a construção de uma ou de várias hipóteses que orientarão todo o estudo de caso, cuja concretização se alcança com as técnicas de análise mais apropriadas. Como sustenta Gilbert: "Thus induction is the technique for generating theories and deduction for applying them." (1996: 23). É assim provável que as teorizações formuladas a partir da investigação realizada possam vir a servir como modelos de observação, consideradas como deduções, no desenvolvimento de pesquisas, por exemplo, sobre as valias e as funções sociais do Escutismo. E isto, da mesma forma que resultados alcançados por outros investigadores funcionaram como modelos, como mecanismos de dedução, em relação à investigação que se faz à posteriori. Neste sentido, toda a investigação empírica é dependente da teoria (O'Brien 1996: 11). Mas, por outro lado, todas as questões que esta investigação coloca e analisa, os resultados produzidos, não são susceptíveis de dedução – no sentido clássico do termo – para outros contextos temporais e espaciais, porque a natureza desses contextos é, em si, factor de "desvirtuação" em relação ao objecto que nos propusemos conhecer melhor, a saber, o que

socialmente representa o Escutismo, em que medida se constitui como factor de formação humanista, valorativa, que permanece, para aqueles que o frequentam.

Uma questão essencial colocou-se em termos de procedimento técnico à observação e análise das questões levantadas para o presente estudo: as abordagens quantitativas e qualitativas não são estanques nem constituem universos à parte na apreensão dos fenómenos sociais. O ponto de partida foi o da complementaridade e de alargamento de horizontes pela interacção entre informação quantificável e informação descritiva ou vulgarmente designada por informação de carácter qualitativo. Não raras vezes se percebe a opção clara em trabalhos académicos por um destes dois tipos de abordagem. Historicamente, no plano sociológico e para as ciências sociais em geral, a primeira abordagem está sustentada no paradigma positivista, que procura explicar os comportamentos sociais através do estabelecimento de “leis gerais”, de comportamentos específicos de grupos sociais por oposição a outros grupos, enfeitando quaisquer expressões de carácter individual (Lessard-Hébert *et al.* 1994: 38). Por esta via, são criadas categorias de classificação que, necessariamente, conduzem o investigador para uma visão uniformizada dos comportamentos relativamente a cada um dos grupos ou actores sociais que sustentam as suas observações. É como que se, a respeito desta investigação, os escuteiros se comportassem todos da mesma forma, como se todos tivessem idênticos percursos e motivações, como se fossem idênticas as suas formas de entendimento a propósito das mais diversas questões (cf. Foddy 1996:13). A segunda abordagem representa o paradigma interpretativo, que procura conhecer a posição social dos actores envolvidos no objecto de análise, o sentido das suas acções, o significado que os próprios lhes atribuem e, mais do que isso, o significado que outros actores que com eles interagem atribuem a essas mesmas acções, passando agora a estar em causa a compreensão dos indivíduos num determinado contexto social e não a compreensão do grupo em relação à sociedade ou micro-sociedade em que se insere (cf. O'Brien 1996: 7). O que está em causa nestas circunstâncias é o

reconhecimento da variabilidade de comportamentos de cada um dos indivíduos pertencentes aos grupos que se definiram previamente, permitindo-se a aquisição de um conjunto diferenciado de percepções que, apenas por quantificação, perdem o sentido (cf. Foddy 1996: 16). Para os mesmos comportamentos só é possível perceber-se significados diversos a partir de análise qualitativa, a partir de auto-descrições que tendem a explicar e, ao mesmo tempo, deixam interpretar, o que o investigador, por quantificação, objectiva. Deste ponto de vista, a uniformidade do real não é senão aparente, porque em cada classificação estabelecida por opção do investigador ou pré-definida existe uma evidente diversidade de situações e, na perspectiva dos actores sociais, de sentidos e de interpretações para as suas acções (cf. Lessard-Hérbert *et al.* 1994: 36-40). Partindo do princípio da existência de um contínuo analítico entre abordagens quantitativa e qualitativa procurou-se evitar caminhos unívocos e redutores. E para isso houve que gizar e realizar todo um trabalho de apropriação de experiências de terreno que se foram construindo progressivamente entre as entrevistas exploratórias³ e o tratamento de fontes documentais, para o caso, os censos do CNE, de periodicidade anual, entre 1990 e 2006.

Procurou-se como linha de rumo para toda a investigação uma constante construção do conhecimento a partir das fontes não ortodoxas, diríamos assim, e na obtenção de informações através de técnicas não documentais, neste caso o inquérito por questionário e as entrevistas semi-

³ As entrevistas exploratórias foram realizadas ao longo do mês de Setembro de 2006. Procurou-se por elas obter o máximo possível de informações relacionadas com o Escutismo. Estas entrevistas exploratórias tiveram essencialmente dois objectivos: ajustar as expectativas iniciais de investigação e permitir uma maior aproximação das pré-noções às realidades, isto é, contribuindo para que se ultrapassasse o conhecimento de senso comum (Quvy e Campenhoud 1992: 24; Silva 1986); por outro lado, as entrevistas exploratórias constituíram um importante suporte para a elaboração do inquérito por questionário. A este propósito Foddy salienta: “Existe um razoável consenso relativamente à pertinência do princípio que defende a realização de entrevistas qualitativas como procedimento prévio à construção do leque de opções de resposta (fixas e pré-fornecidas) de modo a incorporar nessas opções o vocabulário dos inquiridos” (1996: 168).

directivas⁴, o que as fontes “clássicas” não permitem de todo⁵. Desde logo, comparar grupos com as características definidas: escuteiros ou antigos escuteiros e não escuteiros, em todos os aspectos tidos por pertinentes. Não se tratou portanto de trabalhar uma temática de forma convencional, enveredando por uma das duas vias referidas. Tratou-se de estabelecer comparações entre grupos, sem se estar de todo apegado a classificações pré-existentes. Muito embora estivéssemos atentos à literatura que enquadra directa e indirectamente o objecto de estudo, em função das percepções e das opções tomadas – que julgamos passíveis de suscitar novas percepções sobre os Escutismo e sobre o seu papel em relação à formação do jovens e à sociedade –, foi colocada uma questão central para a investigação: como organização não formal, que contributos relevantes presta o Movimento Escutista para o desenvolvimento moral e espiritual dos jovens deste tempo?

Da sua colocação derivam duas questões cruciais, embora associadas:

- Que fontes podem contribuir para encontrarmos respostas esclarecedoras?
- Por outro lado, como organizá-las de forma a tornarmos eficientes as respectivas análises?

⁴ O inquérito por questionário é uma técnica de observação em que as respostas escritas se limitam às questões que nele se encontram definidas; enquanto que a entrevista semi-directiva, realizada também pelo investigador ou por aqueles que com ele colaborem, cinge-se a um conjunto mínimo de tópicos a desenvolver com os informantes deixando a estes a liberdade de se expandirem nas explicações que sobre os mesmos entendam dever dar. Por isso são semi-directivas, isto é, não se restringem a focar de forma directa o que se quer investigar e considera-se pertinente a obtenção de informações sucessórias, de complemento, capazes de darem a conhecer em profundidade os informantes. A respeito, v. Jahoda *et al.* (s.d.: 276). Poirier *et al.* explicam, de forma simples, as diferenças entre as duas técnicas de recolha de informação pela forma como se respondem às questões: “Entre a directividade completa, que implica o domínio da entrevista pelo investigador - e que supõe o recurso a um questionário fechado - e a ausência de controlo, a solução intermédia é certamente a da semidirectividade. O questionário torna-se, então, um simples guia, certamente muito útil, mas que não deve nunca ser apresentado ao informante como se se tratasse de um qualquer formulário administrativo, anónimo e constrangedor; trata-se de um simples recordatório, ao qual se pode recorrer com a discrição que se impõe.” (1995: 11).

⁵ As fontes produzidas pelo CNE, os censos, apenas permitem uma abordagem indirecta e superficial do Escutismo, reduzida a meras abordagens e análises, por quantificação, circunscritas no tempo.

São conhecidas, à partida, as limitações: nenhuma fonte responde de forma absoluta às interrogações e dúvidas dos investigadores. Por isso, a opção foi pelo cruzamento de informações recolhidas segundo técnicas que se complementam. A complexidade da questão reside em definir critérios que permitam testar tal questão central. Diverso poderia ter sido o caminho a escolher, entre os parâmetros que entendemos mais adequados e originais ou uma maior tendência para parâmetros já testados.

Tentar quantificar cada uma das questões consideradas e, sobre as mesmas, obter explicações em profundidade para a evolução de percursos e para a comparação de comportamentos conduziu-nos obrigatoriamente a uma abordagem microscópica que não se reduz apenas à dimensão das recolhas obtidas. É o resultado de uma pesquisa que se presta à obtenção de informações individualizadas e explicativas em relação a comportamentos e que a documentação “ortodoxa” trata como unidades atomísticas e indescritíveis, isto é, em que as diferenças entre escuteiros e não escuteiros, ou quaisquer outras, não se estabelecem. Essa consciência de vazio e de impossibilidade de captação de um problema social a partir de uma abordagem macroscópica constitui um dos motivos para a utilização de técnicas de observação que permitam um conhecimento aprofundado para a caracterização de tendências gerais que as estatísticas comuns constroem.

2. O Censo do CNE

A partir de um conjunto de informações constantes nos censos do CNE entre os anos de 1990 e de 2006, após uma reflexão crítica sobre as potencialidades e os limites da própria fonte, são apresentados os resultados do tratamento estatístico, por caracterização isolada e por cruzamento de variáveis, com elevado grau de detalhe: por género e por região, fazendo uso de procedimentos adequados a uma análise sociodemográfica.

A apresentação das informações, após tratamento estatístico, considera valores absolutos e valores relativos, taxas de crescimento anual médio, pirâmides etárias e grupos funcionais, ou seja, o estabelecimento de comparações entre escuteiros educandos e escuteiros educadores.

Faz-se também uma reflexão em torno das características da fonte, das suas potencialidades e dos seus limites, que sustenta o estudo.

O censo do CNE é um documento que apresenta um número considerável de variáveis passíveis de quantificação. É de supor que tenha credibilidade e que assegure a construção de indicadores demográficos e sociais, que permita o posicionamento nacional e, sobretudo, internacional do Movimento e que dê possibilidade de traçar o seu retrato real, que, feita a recolha de dados de forma padronizada, assegure a comparabilidade entre espaços e entre períodos.

O censo tem características fundamentais:

- Deve responder basicamente à questão: no CNE qual é o número de escuteiros no País, na Região, no Núcleo ou no Agrupamento? Isto para fornecer dados a utilizar no planeamento e na tomada de decisão. Como se pode programar e decidir sem se saber, ao certo, o número de pessoas que estão associadas ao Movimento?
- A unidade de recolha dos dados é o Agrupamento.
- A riqueza da informação que se deduz de um censo não depende somente do número e do tipo de perguntas. Depende também do tratamento que se dá às distintas características recolhidas, combinando-as entre si, e do grau de detalhe territorial com o qual as informações se elaboraram e se disponibilizam. E neste particular, o censo do CNE carece de aperfeiçoamento na perspectiva de uma racionalização que vá além da utilização administrativa e financeira.

O censo é o documento que produz directamente, por questionário, estatísticas regulares organizadas, obedecendo a quatro princípios de execução:

- É individual, no sentido em que cada escuteiro é contabilizado por si e considerando todas as características que o plano de recolha prevê.
- É universal, dentro dos limites do território nacional e, nesse sentido, nenhum indivíduo deixa de ser considerado.
- É simultâneo, no sentido em que ocorre por referência a um mesmo momento, dia(s) ou hora(s).
- É de periodicidade definida, ou seja, de ano a ano.

O que nos dá o censo? A possibilidade de captarmos o número de escuteiros no que respeita às suas variáveis macrodemográficas: por sexo e por secções: lobitos, exploradores, pioneiros, caminheiros e, fora das secções, por dirigentes. A partir de uma série de combinações, é possível sabermos bastante sobre os indivíduos registados numa perspectiva sincrónica, isto é, período a período, como se em cada um deles existisse a possibilidade de fixar a população de escuteiros numa fotografia. E como? Através de uma combinação simples das variáveis consideradas em grupos funcionais, em pirâmides de idades, em relações de masculinidade e em taxas de crescimento anual médio.

Limitações do censo. Este documento apresenta, na perspectiva do tratamento sociológico de informações, limitações diversas que poderá interessar corrigir, como, aliás, tem sido corrente ao longo do tempo com documentos que têm um sentido perene e que deverão conter uma série de requisitos para permitirem a observação em longa duração.

A questão coloca-se, em primeiro lugar, ao nível da construção de um questionário que englobe um conjunto de dados de natureza sociodemográfica até aqui ausentes e que são da maior importância para que se possa conhecer com profundidade um Movimento de grande riqueza sociológica e que,

certamente, abrange transversalmente a sociedade portuguesa. Mas com que profusão? Com que acuidade segundo n características? Como tem, por essas características, evoluído?

Estes dados de natureza sociodemográfica são indispensáveis à realização de qualquer estudo de pormenor. Entre outros, são de relevar, como muito importantes, os seguintes: sexo, idade, naturalidade, residência, estado civil, escolaridade, profissão / ocupação.

Evidentemente que outras dados deverão estar presentes no caso em concreto de um censo do CNE, como, por exemplo, o ano de ingresso no Escutismo e a via de ingresso no Escutismo, a profissão / ocupação dos progenitores e a escolaridade dos progenitores, a filiação religiosa e a prática religiosa.

Este tipo de indicadores costuma ainda considerar a existência ou não de irmãos e, em caso afirmativo, o número de irmãos e, com critério regulado, a existência ou não de filhos e, em caso afirmativo, o número de filhos.

É importante que este documento passe a considerar um questionário de caracterização individual em substituição do questionário do agrupamento como unidade de recolha. Só assim se pode potenciar a informação ao máximo em termos sociológicos. A natureza da fonte que não está centrada no indivíduo, não está padronizada em relação a indicadores oficiais e é limitada em matéria de variáveis sociodemográficas e, por isso mesmo, limitada na exploração e no fornecimento de informações.

O acrescento destas questões, ao ser considerado, trará ao documento um grande potencial de análise e, aspecto não menos importante, permitirá a padronização das informações do CNE com informações de outras fontes, sobretudo oficiais, o que no momento não é muito simples e fácil de se conseguir, em particular em relação às definições espaciais, não apenas pela ausência de decalque entre circunscrições paroquiais e freguesias como também pelo facto de a tipologia

espacial usada pelo CNE não corresponder à tipologia espacial oficial em matéria, por exemplo, de distritos e de NUT's⁶.

A revisão do documento que agora existe deve ser feita com todos os cuidados, com profissionalismo, para que, no futuro, o CNE possa realizar estudos de natureza sociológica com a acuidade e com a profundidade desejáveis. É justamente isso que deve permitir um censo: conhecer para planear em relação ao futuro. É importante que se considere que o Escutismo é um Movimento inserido numa sociedade global e que está sujeito a mutações. Só um *corpus* de questões consideradas relevantes pode permitir perceber até que ponto a identidade e o objecto do Movimento e da Instituição permanecem no essencial ou se vão alterando com o tempo e se a mesma carece ou não de ser repensada perante a sociedade global.

A Junta Central do CNE, com data de 22 de Dezembro de 2006, forneceu a base de dados que sustenta esta descrição e que se fundamenta em exclusivo no documento censo que, com carácter anual, produz desde 1990.

Os dados foram explorados, até ao momento, com a exaustividade possível, por desagregação ao nível das regiões segundo a tipologia do CNE e, para além do tratamento e da caracterização para o todo nacional, foram consideradas vinte regiões para efeitos de comparação e de análise: Açores, Algarve, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Évora, Guarda, Lamego, Leiria, Lisboa, Madeira, Portalegre e Castelo e Branco, Porto, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real, Viseu (v. anexo I).

Para a aferição da evolução de valores por associação de espaços, a partir destas regiões, correndo-se embora o risco de algumas imprecisões, as regiões foram agregadas em litoral, excluindo as de Lisboa e do Porto, em interior, em Lisboa e Porto e em ilhas.

⁶ NUT – Nomenclatura de Unidade Territorial

O litoral considerou as seguintes regiões: Algarve, Aveiro, Braga, Coimbra, Leiria, Setúbal e Viana do Castelo.

O interior considerou as seguintes regiões: Beja, Bragança, Évora, Guarda, Lamego, Portalegre e Castelo Branco, Santarém, Vila Real e Viseu.

A agregação das regiões de Lisboa e do Porto.

E a agregação das regiões dos Açores e da Madeira.

3. O inquérito por questionário

O recurso ao inquérito por questionário para a captação do entendimento endógeno e exógeno sobre o Escutismo fez-se por duas razões principais⁷. Uma delas, referida atrás, repousa na ausência de dados que permitam a análise comparativa a diversos níveis entre escuteiros e não escuteiros. A segunda razão prende-se com a necessidade de introduzirmos o elemento tempo, isto é, de podermos de facto classificar as opções dos escuteiros, actuais ou antigos, em relação a momentos e a situações distintas. Trata-se de alcançar, ainda que parcialmente, uma dupla ambição: a de se estabelecer comparações entre dois grupos e entre o mesmo grupo ao longo do tempo.

É claro que a comparação é, já de si, um dos objectivos da adopção do inquérito por questionário, mas que vulgarmente apenas acentua a dimensão de comparação de grupos ou de indivíduos, ou seja, raramente tem por preocupação o estabelecimento da comparação em momentos distintos da vida desses grupos ou desses indivíduos. Ao mesmo tempo, o inquérito por questionário sobressai pela representatividade dos dados quantificáveis que recolhe, pela adopção de uma amostra que se pautar, em número, pela expressividade. A quantificação dos comportamentos sociais que o inquérito

⁷ O inquérito por questionário, precedido de um pré-teste realizado a quinze voluntários escuteiros e a quinze voluntários não escuteiros, foi administrado entre, inclusive, as datas de 23 de Abril e de 30 de Junho de 2007, através de alojamento em página na Internet e mediante divulgação por lista de endereços electrónicos, em número de 50.000, organizada por actividades ocupacionais.

por questionário viabiliza, ao comparar comportamentos de grupos ou de indivíduos, permite revelar atributos e traços colectivos de que os indivíduos, por si sós, não têm consciência (cf. Touraine 1996: 99; Ghiglione e Matalon 1993: 2). Não deixa de ser verdade, contudo, que o que o inquirido por questionário dá em objectividade quantificada, perde-o em profundidade compreensiva. Assim, estabelecendo determinados princípios de recolha, tentou-se vislumbrar muitos dos comportamentos objectivados por quantificação, através da realização de um conjunto de entrevistas semi-directivas que se impõem como um complemento e um desenvolvimento dos grandes momentos do inquirido por questionário. Por outro lado, o inquirido por questionário é inflexível, porque, uma vez lançado, não permite readaptações em função de novas percepções da realidade que o curso da investigação vai permitindo descortinar. Além disso, parte do princípio de que todas as respostas se enquadram nas lógicas subjacentes à sua construção, o que não é evidente, mesmo quando esta se faz com base num trabalho persistente de aproximação entre as expectativas de construção de conhecimentos do investigador e a vida, tal como foi e é, de cada um dos inquiridos. Tentou-se dar à objectividade quantificada pelo tratamento dos dados provenientes do inquirido por questionário a profundidade das explicações provenientes das entrevistas semi-directivas e, dessa forma, alargar a observação e a interpretação para questões colocadas sob diferentes prismas. É que entre as respostas às questões fechadas, características do inquirido por questionário, e as respostas às questões abertas, características das entrevistas semi-directivas, não existe necessariamente coincidência e, como sustenta Foddy, “não é óbvio qual é o formato que produz resultados mais válidos.” (1996: 168). O inquirido por questionário constitui, porém, uma técnica fundamental de observação quando se pretende obter uma considerável variedade de respostas acerca da vida de um elevado número de informantes, ao longo de diferentes momentos (cf. Ghiglione e Matalon 1993: 14). No final da realização do inquirido, o tratamento dos dados, mediante as categorias pré-estabelecidas, conduz necessariamente à produção de um discurso unívoco, porque mais não faz

do que agregar a multiplicidade de respostas e de sentidos. Esse discurso unívoco é aqui claramente assumido, muito embora na descrição de resultados provenientes das quantificações categorizadas se vá constantemente aludindo às diferenças patenteadas pelos discursos individualizados e com maior pertinência em relação a cada uma das questões que o inquérito coloca. Foi precisamente por se ter em conta as características do inquérito adoptado, dominado por questões fechadas – embora atento às diferentes possibilidades de resposta – e, de certa forma, limitadas na linguagem académica e no campo de observação, que mais se sentiu a necessidade de captar, de forma tão directa e livre quanto possível, os discursos dos actores sociais sobre aspectos relacionados com o Escutismo: ouvir e registar descrições constituiu porventura o veículo mais importante para a compreensão das opções assumidas.

A amostra não representativa é bastante expressiva. Responderam ao inquérito por questionário 5294 indivíduos, no tempo determinado, conforme descrição de pormenor feita adiante. Trata-se, portanto, de um estudo de carácter intensivo.

O questionário contempla duas partes distintas e é dominado por questões fechadas e dirigidas às realidades concretas sobre o Escutismo (v. anexo IV). Deixa, por isso, pouca margem à subjectividade e às não-respostas, pois contém trinta questões com diferentes opções de resposta e dezassete solicitações de precisão em relação a opções tomadas, com o intuito de mera complementaridade. A primeira parte do questionário, “identificação, condições sócio-económicas e conhecimento do Escutismo”, fornece as bases para a caracterização da população, a partir de um conjunto de variáveis padronizadas neste tipo de instrumentos de recolha de informações – como a idade, o sexo, o estado civil, o grau de escolaridade, a nacionalidade, a naturalidade, a residência, a ocupação e a profissão, a existência ou não de irmãos e de filhos, e, em caso afirmativo, os números – e de outras variáveis de interesse direccionado, como a religião praticada, a intensidade dessa prática e, finalmente, o grau de conhecimento do Escutismo. Esta primeira parte tem ainda a

importante função de conter as variáveis fundamentais à realização de diversos testes de associação utilizados em relação ao conjunto de variáveis identificadoras do Escutismo. São aqui determinantes as variáveis idade, sexo, grau de escolaridade, religião, prática religiosa e grau de conhecimento do Escutismo.

A segunda parte do questionário, “caracterização do Escutismo”, condensa todas as questões que permitam compreender aspectos fundamentais para a resposta à questão central que a investigação coloca: que contributos relevantes presta o Movimento Escutista para o desenvolvimento moral e espiritual do jovens deste tempo?

Um conjunto significativo de variáveis, a maior parte composta por grande número de categorias, permite captar aspectos da identidade do Escutismo, da adesão e da permanência, do que é menos apreciado, do que é importante para o futuro, da distinção entre as diversas associações escutistas, dos motivos de abandono, da prevalência da mensagem e da relação entre o Escutismo e a Igreja.

As variáveis são, antes de mais, analisadas em separado, cada uma por si, e considerando, em algumas, três opções de resposta por ordem decrescente de importância, na medida em que não existem posições unívocas e, muitas vezes, de dominância clara sobre o que se questiona, sobretudo quando os temas são de natureza valorativa e implicam a expressão de opiniões. Esboçam-se, por isso, tendências em que determinadas categorias ou opções de resposta podem prevalecer sobre as demais. São ainda analisadas considerando a lógica de exposição que, de princípio, se instituiu e que está, em síntese, dividida em duas partes. A primeira que estabelece a caracterização do Escutismo em todas as dimensões consideradas pelo questionário através da comparação de respostas entre os que são ou que foram escuteiros e os que não são. Trata-se aqui de tentar perceber o que sabe e que entendimento faz a sociedade, *lato senso*, do Movimento Escutista e também em que medida, para aspectos relevantes da intervenção escutista, se aproximam ou se diferenciam estes dois grupos. A segunda centrada exclusivamente nas respostas

dos que são ou que foram escuteiros com recurso a testes de associação de variáveis capazes de traduzirem a diversidade recorrente para motivações comportamentais e de entendimento sobre sentimentos e estados, presentes e futuros, do Escutismo.

As medidas de associação de variáveis foram realizadas mediante o recurso a diferentes testes:

- O Qui-Quadrado (χ^2), que relaciona variáveis qualitativas ou nominais e nos dá informação sobre a independência das mesmas, e do grau de associação existente entre elas avaliado pelo coeficiente V. de Cramer, cujos valores variam entre 0 e 1 e significam, respectivamente, a ausência de associação ou a associação perfeita. Para efeitos de verificação entre as variáveis que cruzamos nos diferentes quadros, considera-se que o V. de Cramer não têm qualquer relevância para valores abaixo de 0,2, é fraco entre 0,2 e 0,3, é forte entre 0,3 e 0,4, e é muito forte acima dos 0,4;
- 2) O Teste t para duas amostras independentes, que permite comparar a média de uma variável de um grupo com a média de outra variável noutra grupo (por exemplo, escuteiros ou antigos escuteiros e não escuteiros);
- 3) A Anova ou análise de variância, que relaciona variáveis qualitativas ou nominais, compostas por três ou mais categorias e assumindo a posição de independência, com variáveis quantitativas ou ordinais.

Qualquer dos testes referidos analisa-se em conjunto com o nível de significância (p) a 95 por cento e teve como suporte informático a utilização do SPSS, programa específico para a análise de dados em ciências sociais (cf. Pestana e Gageiro 2003)⁸.

4. As entrevistas semi-directivas

⁸ SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*.

Importará referir os motivos que, no contexto desta investigação, justificam o recurso às entrevistas semi-directivas⁹. De forma simples, destacam-se dois:

- A necessidade de captar e de descrever interacções e relações sociais dos diferentes actores que o inquérito por questionário e os censos não permitem observar. Nestas circunstâncias, as entrevistas semi-directivas surgem como uma técnica autónoma de recolha de informação.
- A necessidade de descrever comportamentos observados por quantificação, de encontrar explicações para “factos sociais”, de perceber a diversidade de percursos em cada uma das categorias de actores sociais, escuteiros e não escuteiros, também a necessidade de entender o modo como os indivíduos justificam e dão sentido às suas opções e actividades. Aqui as entrevistas semi-directivas assumem uma função de complemento na explicação e compreensão relativamente às demais fontes de informação.

Dos dois motivos invocados decorrem diversas explicações sobre a aplicação das entrevistas semi-directivas. A complexidade da problemática não poderia ser apenas estudada por quaisquer fontes clássicas ou pré-existentes, sempre limitadas na capacidade de registo e absolutamente omissas em relação a explicações e interpretações de comportamentos. Daqui se infere que os dados recolhidos pelos censos e pelo inquérito por questionário apenas permitem explicações e interpretações produzidas pelo investigador, enquanto que as entrevistas semi-directivas dão voz aos intervenientes directos no objecto de estudo, isto é, deles se obtêm explicações e interpretações para os seus próprios comportamentos e opções. As entrevistas semi-directivas não são exaustivas,

⁹ Foram realizadas sessenta e três entrevistas entre os meses de Outubro e de Dezembro de 2006 e responderam aleatoriamente indivíduos associados e não associados ao Escutismo através do mesmo procedimento usado para as entrevistas exploratórias. Estas entrevistas, reproduzidas em anexo, são aqui utilizadas como reforço à exposição e à discussão de resultados, sendo identificadas pelo uso da letra E (entrevista) e pelo número correspondentes da sua organização.

regem-se por um conjunto limitado de tópicos que situam os indivíduos em relação ao que se pretende explorar e em relação a momentos precisos das suas vidas.

Tendo em conta o manancial de informação recolhido pelos censos e pelo inquérito por questionário, as entrevistas semi-directivas incidiram sobre os mesmos pontos fundamentais:

- Identificação.
- Conhecimento do Escutismo.
- Apreciação sobre o Movimento.
- Prospectiva sobre o Movimento.
- Mensagem dos escuteiros.
- Relação entre o Escutismo e a Igreja.

Cada entrevistado constitui um elo ou fio condutor para a obtenção de informações e, por isso, os relatos de percursos de vida de cada um deles têm uma dimensão social, familiar e comunitária (cf. Fentress e Wickham 1994: 7).

Procurou-se a simplificação discursiva, eliminando as poucas questões contidas no guião, produzindo um relato a partir de cada um dos depoimentos e enfatizando apenas em discurso directo algumas expressões de maior interesse, relacionadas sobretudo com questões que não figuram no inquérito por questionário. A simplificação das entrevistas, nomeadamente pela eliminação de questões, e, ao mesmo tempo, a construção dos discursos com uma certa coerência é frequente.

O material recolhido teve um tratamento exclusivamente qualitativo: procurou descrever pormenorizadamente situações que se pudessem revelar pertinentes para a compreensão dos valores observados por quantificação, e, por outro lado, procurou revelar as avaliações – positivas

ou negativas – expressas pelos actores sociais em função das suas condições de escuteiros ou de não escuteiros.

II – Ensaio teórico e descritivo sobre o associativismo – o Escutismo por enfoque

1. Enquadramento teórico

O Escutismo mundial pode ser encarado como uma organização social marcada mais pela informalidade do que pela formalidade. Apesar da existência de uma estrutura de funcionamento vinculada, de que o CNE – Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português constitui exemplo bastante – com procedimentos e hierarquias definidos – subjaz à sua sustentabilidade a manifestação permanente do voluntariado, directo ou indirecto, de adesão e de permanência. E daí decorre que, ao não ser imposto, o Escutismo é marcado socialmente pela presença de relações sócio-afectivas e não por posturas relacionais de poder e de conflito.

O chamamento à participação e à permanência no Escutismo é muito emotivo e decorre tanto da expectativa que os outros têm dos seus efeitos benéficos para aqueles que o frequentam como da relação empática e de influência que estes últimos exercem sobre os pares. É portanto uma organização caracterizada pela informalidade: uma organização não formal que tem regras fundamentais que asseguram o seu regular funcionamento, onde existem um conjunto de etapas e de procedimentos associados que, em cadeia, estabelecem uma certa hierarquização nas relações entre os seus membros¹⁰. Só que são relações de consenso e de partilha de responsabilidades em que, individualmente, cada um se realiza pelo contributo que empresta ao conjunto, numa lógica de “patrulha”. Os escuteiros estabelecem entre si relações comunicacionais não funcionalizadas, definidas muito mais pela espontaneidade e pela vontade de cada um em participar do que pelo protocolo e, muito menos, pela obrigação. Usam farda mas não se comportam como as tropas nas relações que entre si decorrem, na razão directa em que não está em causa o *status* e o papel social

¹⁰ Três características fundamentais definem uma organização não formal: 1. A existência de relações sociais afectivas, como as de simpatia / antipatia ou de confiança / desconfiança. 2. A existência de relações de comunicação não definidas, ou seja, privadas, sem referência ao estatuto social ou ao papel social. 3. E a existência de grupos primários não oficiais susceptíveis de influenciarem parcialmente ou de forma expressiva o conjunto.

de cada um e, dessa forma, não é valorizável o indivíduo face ao conjunto mas, ao invés, o conjunto, por aquilo que realiza, valoriza o indivíduo.

Se observado em si, o Escutismo, pela organização mínima de agrupamento ou pela governação regional e mesmo nacional, é mais o resultado de dinâmicas coincidentes ou de oposição de grupos primários que se caracterizam por não serem oficiais e por funcionarem como espaços de acção espontânea.

Se observado do exterior, o Escutismo é aceite e sobre ele existe expectativa de associação complementar ao crescimento e à formação de crianças e de jovens. Nunca enquanto associação formal que substitua ou desempenhe qualquer função paralela e competitiva à Escola, esta sim formalizada e obrigatória.

O Escutismo é uma organização, em parte, fundada por aquilo que os outros julgam e sabem, o que, dela, as crianças e os jovens podem beneficiar, o que podem ganhar – sempre em complemento, com a entrada e a participação plena naquilo que o Movimento lhes oferece. Corresponde, pode afirmar-se, do ponto de vista das expectativas das famílias, à concretização do conceito sociológico de *habitus*, no sentido em que representa a predisposição para fomentar a continuidade do que se faz e do que se quer¹¹.

¹¹ Enquanto elemento de ligação entre a sociedade e o indivíduo, na compreensão dos processos de socialização, o conceito de *habitus* de Bourdieu assume particular acuidade. Em jogo de palavras sucessivamente definido e redefinido, Bourdieu traduz *habitus* por “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objectivamente reguladas e regulares” (1983: 60-61). Numa outra passagem, considera o *habitus* como “esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição, um estilo de vida unitário, quer dizer, um conjunto unitário de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.” (1997: 9). Partindo deste conceito, cuja capacidade de operacionalização resulta ou pode resultar do facto de o mesmo se constituir como um processo de mediação entre os indivíduos e a sociedade e, mais do que isso, como um processo dinâmico no tempo, que permite observar mutações e permanências, tanto na sociedade, como nos indivíduos, importa fazer a sua descodificação, ou seja, perceber, além dos “códigos” apreendidos por cada indivíduo aquando da socialização dita primária, que outros

Não fosse o Escutismo um Movimento umbilicalmente ligado à família, directa e colateral, como não poderia deixar de ser ao congregar crianças que, desde tenra idade, a ele podem aderir. Fazem-no, em muito, quando pequenos pelos pais e familiares com quem se relacionam de perto e fazem-no, quando maiores, também por ligação aos grupos de pares, numa dimensão em que o “espaço social” de cada um nunca se distancia de forma relevante dos demais, sem que com isto se negue a transversalidade social do Movimento.

O Escutismo é de todos mas, enquanto Movimento assente no voluntariado, é marcado pelas referências sociais, pelas expectativas das famílias e pelas relações entre indivíduos, elas mesmas sempre muito descritas por proximidades e complementaridades de interesses e de práticas, ou seja, pela dominância de traços comuns e não tanto pelo distanciamento entre pessoas a partir de *n* características que as possam definir. Existem, na dimensão económica, ricos e pobres a frequentar Escutismo. Existem. Mas existem sobretudo crianças e jovens que comungam das mesmas referências culturais, sociais e económicas. Existe por isso, talvez, uma não coincidência entre Escutismo de raiz católica e Escutismo de raiz não confessional.

O Escutismo obedece e funciona numa lógica de organização não formal, de voluntariado, de relações sociais de comunicação espontânea e de dinâmicas feitas dos grupos para os indivíduos, não competitiva, e pela sobreposição de grupos primários, de influência e de aproximação entre indivíduos, mais do que quaisquer definições de funções sociais e de hierarquias funcionais.

Numa dimensão sociológica que procure perceber as motivações que estão na base da adesão e da permanência dos indivíduos ao Escutismo, considerando a sua condição de micro organização que toma parte da sociedade global, as explicações podem colocar-se, tal a opção feita, a duas

elementos contribuem para a renovação e a continuidade destas “disposições duráveis” ou destas “estruturas estruturadas e estruturantes”. O *habitus* constitui uma espécie de pré-definição do trajecto dos indivíduos em função da existência e da pertença a uma dada cultura de origem e a uma dada condição de classe.

dimensões: a sistémica, que valoriza as relações mútuas e permanentes entre a sociedade global, estruturante, e o Escutismo e a interaccionista, que valoriza a dimensão psicossocial e a analisa como resultado da vontade individual e das motivações que se estabelecem entre o ser aderente e participante e os outros, membros ou *outsiders* ao Escutismo.

Começa-se pela primeira. A sociedade global enforma e forma os que nela participam e interagem pelas normas, pela cultura, pelos valores e pelas mentalidades. Nas múltiplas formas de organização que congrega, sintetiza, produz e reproduz a idiosincrasia colectiva que se sujeita, com dinâmica, a revisões, a flutuações e a permanências, num jogo de forças que, imperceptivelmente, lhe confere identidade. A estruturação social é criada e mantida pelas instituições que a legitimam e, na esfera de influência em que actuam, a dinamizam. O Estado, a Família, a Escola, a Igreja ou outras instituições que, em afirmação sobre as demais, o tempo faz e refaz confundindo-as, aproximando-as ou distinguindo-as de forma dissimulada porque a separação não existe de facto, constituem estruturas de regulação e de orientação social. São elas que fazem os indivíduos, envolvidos do nascimento à morte nas vinculações que criam. O conjunto de interdependências, gerado de permanentes dinâmicas, absorve e envolve os micro-organismos, mais ou menos formalizados, e concorre para a organização social ao permitir:

- a adaptação e a integração dos indivíduos aos grupos e às instituições;
- a prossecução dos interesses colectivos; e
- a manutenção de modelos vigentes.

E é nesse quadro sistémico que se pode explicar a implantação e o desenvolvimento do Movimento Escutista, nascido e enraizado na sociedade comunitária. Apesar da sua dimensão universal e supra estadual, o Escutismo em Portugal é singular na origem, na criação, na implantação e no desenvolvimento e também no estado em que se encontra.

O Escutismo, como micro-organismo social, interage permanentemente com a sociedade global porque, por um lado, os indivíduos se encontram em ligação contínua pelos grupos em que se inserem, promovendo permutas diversas, e, por outro lado, na conjugação de *inputs* e de *outputs* de valores e de práticas que os formam e os enformam. Num exemplo: são *inputs* possíveis do Movimento Escutista os valores e as referências provenientes da Família, da Igreja e da Escola e, por sua vez, são *outputs* possíveis a auto-educação, a valorização do trabalho individual em prol do conjunto ou as regras de convivência em grupo.

A dimensão sistémica assume a grande interdependência entre a sociedade global e cada micro-organismo que dela faz parte, aqui por relação ao Escutismo que apresenta a particularidade de se constituir como o maior Movimento juvenil organizado do País. E assim sendo, importaria sobretudo, tal o desígnio desta investigação, saber que real contributo dão os escuteiros para a sociedade global para que, por essa via, os seus constituintes possam perceber melhor as funções sociais que lhes assistem, o que pode a sociedade esperar deles e que real contributo empresta cada uma das instituições sociais ao Escutismo para se perceber, por exemplo, até que ponto os mesmos se revêem neles, se afastam deles ou se, mesmo, com eles conflituam. Eis um dos grandes objectivos de cada organização voluntária que tem por escopo fins altruístas e que os expande na sociedade onde emergem. O seu crescimento pode conduzir no limite à própria transformação da sociedade. Não fosse a história da Igreja um exemplo significativo. É muito importante conhecer-se os micro-organismos sociais para, de forma endógena, sabermos o que são em si e como servem a cada um que neles participam e para, de forma exógena, sabermos o que contribuem para o todo social, o que socialmente representam.

Se a perspectiva for a da abordagem do Escutismo pela dimensão interaccionista, importará considerar o conjunto de razões que conduzem os indivíduos a ingressar, a permanecer e mesmo a abandonar o Escutismo. O que implica que os indivíduos não se considerem todos no mesmo plano

de abordagem e que, antes, se movam em espaços sociais não de todo coincidentes. Certamente que o ingresso de uma criança de seis anos no Escutismo resulta mais da motivação dos seus progenitores e das expectativas que os mesmos têm face ao Movimento do que da sua própria vontade. Resulta mais daquilo que eles sabem e esperam do Escutismo em relação ao seu descendente, considerando a formação que lhe pretendem inculcar, resultado, nalguns casos, das suas próprias aproximações ou vivências ao e no Movimento. Nesse sentido o *habitus*, já atrás definido, consiste num conjunto de predisposições duráveis que se esperam ver reproduzidas em relação aos descendentes e que estes, por sua vez, assimilaram em parte e também reproduziram, num jogo de forças em que, no limite, pode redundar em rejeição, pese embora a mesma se poder fazer sempre por confronto com *habitus* de referência. É certamente o que acontece quando se alude, adiante, ao papel que a família directa e próxima têm no ingresso das crianças do Escutismo comunitário.

As motivações de ingresso em idades correspondentes com a pré-adolescência ou com a adolescência derivam, regra geral, da gravitação dos indivíduos por espaços sociais em que se inserem outros já pertencentes ao Movimento. E desse ponto de vista, o Escutismo tende a ser homogéneo, apesar de poder congregar crianças e jovens de todas as condições: no seu seio, é grande a proximidade económica, social e cultural dos seus membros e não o contrário. Até porque o recrutamento não é mecânico. Acontece mais em “rede” ou por associação, no espaço comunitário, de uns indivíduos a outros, ou seja, uns chamam os outros, tanto em interdependências familiares como comunitárias para cada um em relação a grupos de pares criados no exterior, na escola, no espaço de residência ou em ambos.

Ainda nesta perspectiva, outra abordagem se poderá fazer em relação aos que, para lá do tempo estabelecido de pertença, permanecem como dirigentes. O que os move? Um conjunto de razões a que não são alheios os aspectos mais importantes de serviço ao próximo, altruístas, de colocação

de todo o capital de experiência em prol da formação de crianças e de jovens, quantas vezes os filhos ou outros familiares directos. Mas outros contornos existirão: não serão estes alheios ao desejo de reconhecimento comunitário e social e, no limite, ao exercício do alter-ego.

O interaccionismo considera o papel determinante que os sujeitos têm no organismo a que estão associados e, nesse sentido, influenciam e são influenciados. Para equacionarmos esta perspectiva no Escutismo será de relevar o estágio de desenvolvimento físico e intelectual daqueles que o frequentam. Se para uma criança não está em causa a existência de uma interacção exercida de forma paritária mas, antes, a prevalência de uma vontade externa dos familiares e, de forma endógena, dos que lhe estão acima no agrupamento, para um adulto tudo pode ser diferente: ele assume-se como um verdadeiro actor, interveniente, decisor e dirigista do seu futuro e do papel que desempenha no grupo de que faz parte. Recebe, é certo, influências mas, também é certo, direcciona as suas acções e relacionamentos da forma que lhe for mais conveniente ou da que lhe parecer mais acertada. Talvez isso explique, a par de um conjunto de outros motivos, a decisão de abandono do Escutismo em idades em que os jovens se encontram nesse estágio de interagir e de decidir por eles mesmos, buscando outros rumos para as suas vidas mais consentâneos com as expectativas que transportam.

2. Enquadramento descritivo – censos

Uma perspectiva da evolução do CNE pelos censos permite perceber que, entre 1990 e 2006, o número de efectivos passou de 46168 para 67921. Um acréscimo de 21753 efectivos, correspondente a uma taxa de crescimento anual médio de 2,4 por cento, que, contudo, não foi regular: 2003, 2004 e 2000 registaram, do mais alto para o mais baixo, os maiores valores absolutos e 1990, 1991 e 1992 registaram, do mais baixo para o mais alto, os menores valores absolutos.

Por ordem decrescente, face aos anos anteriores, 2001, 2005, 2006, 2002 e 2004 foram de decréscimo, com relevância para o facto de nos últimos três anos ter existido perda consecutiva de efectivos.

A representação gráfica dá conta de um crescimento continuado, embora ténue, entre 1990 e 2000 e, a partir daí, de uma estagnação, com perdas ligeiras, exceptuando em 2003, até 2006.

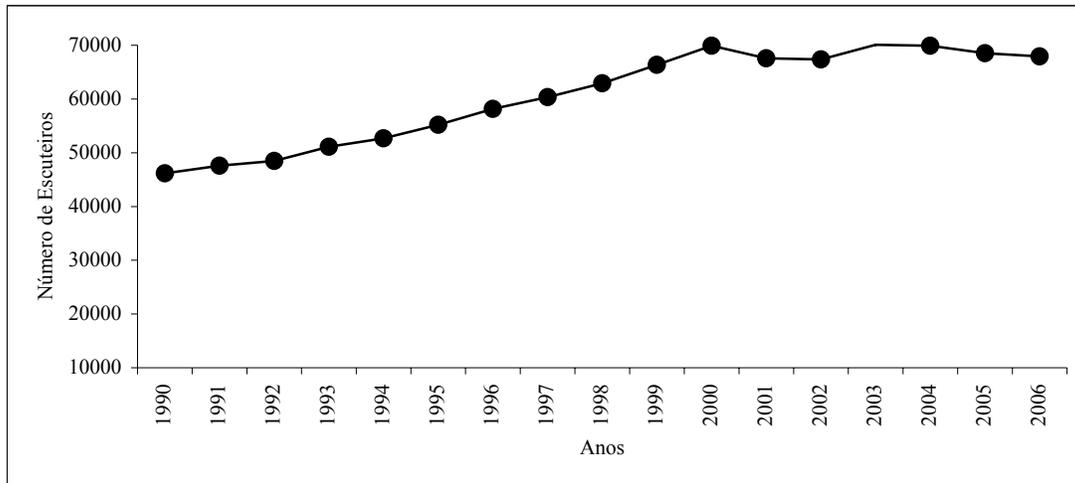


Fig. 1 – Evolução do número efectivo de escuteiros, incluindo dirigentes: 1990-2006 Fonte: Censos do CNE

A evolução do número de escuteiros por secções parece evidenciar, à imagem da tendência observada na sociedade global, um duplo envelhecimento da estrutura global dos escuteiros: pela diminuição dos que estão na sua base, exploradores e pioneiros, e pelo aumento dos que estão no seu topo, dirigentes. Os anos de 2004, 2005 e 2006 foram de crescimento negativo para os dois primeiros, respectivamente, -0,1, -2,0 e -3,4 e -1,6, -3,2 e -0,8, e de crescimento positivo para os dirigentes, respectivamente 2,5, 0,7 e 1,1¹².

¹² Os valores aqui apresentados, em percentagem, resultam da aplicação da taxa de crescimento anual médio, TCAM, que se traduz na seguinte fórmula: $TCAM = (P1/P0)^{(1/n)} - 1$. Em que P0 = população no primeiro momento, P1 = população no momento posterior e n = ao número de anos que distam entre P0 e P1.

Exceptuando os caminheiros, cujo número começa a decrescer ligeiramente a partir de 1998, e os dirigentes¹³, que, invertendo a tendência geral, crescem sempre e com maior evidência precisamente a partir de 1998, as restantes secções crescem ininterruptamente até 2000, decrescendo a partir de então até 2002 e crescendo, com avanços e recuos, até 2006: os lobitos recuperam entre 2002 e 2003 e apresentam um ligeiro crescimento entre 2005 e 2006 e os exploradores e os pioneiros recuperam entre 2002 e 2003 e apresentam um continuado decréscimo até 2006.

Percebe-se que a evolução não é uniforme por secções e que a estrutura dos escuteiros se tem modificado ao longo dos anos. Se é verdade que os lobitos, os exploradores e os pioneiros, separadamente e em conjunto, continuam a dominar em número face aos caminheiros e aos dirigentes, também é verdade que estes dois últimos grupos têm sofrido significativas alterações, o primeiro pela regressão e o segundo pelo acréscimo, o que, em si, deve ser interpretado por relação conjunta entre os mesmos, uma vez que à diminuição do primeiro, por avanço da idade e por desejo de continuidade no Movimento, corresponde o aumento do segundo. A par disso, outros motivos existirão com certeza.

Confrontando as datas extremas, 1990 e 2006, em cada cinco escuteiros a contabilidade passou de 1,16 para 1,19 nos lobitos, 1,52 para 1,34 nos exploradores, 1,00 para 0,98 nos pioneiros, 0,70 para 0,60 nos caminheiros e 0,62 para 0,89 nos dirigentes. Houve, portanto, uma evolução negativa nas posições relativas face ao conjunto nas secções de exploradores, de pioneiros e de caminheiros e uma evolução positiva na secção de lobitos e no grupo de dirigentes.

¹³ Os caminheiros registam, a partir desta data, as taxas de crescimento mais baixas, à excepção do ano 2000, sem recuperação para valores positivos e com o ano de 1999 a registar, face ao ano anterior, um decréscimo superior a 9 por cento.

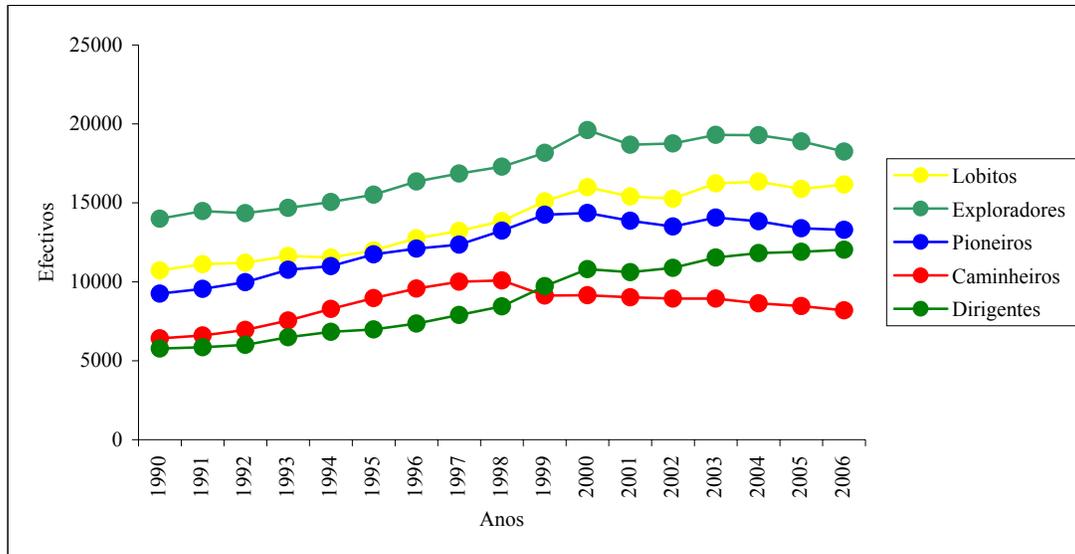


Fig. 2 – Evolução do número de escuteiros por secções e de dirigentes: 1990-2006

Fonte: Censos do CNE

Entre 1990 e 2006 foi constante a aproximação entre sexos: a representação masculina passou de 66,5 por cento para 54,0 por cento e a representação feminina passou de 33,5 por cento para 46,0 por cento. Numa leitura de conjunto, os números permitem compreender que o CNE é um Movimento que, no presente, congrega sem diferenças substantivas elementos dos dois sexos.

Mas esta equidade não é assim tão linear quando, a partir do cálculo da relação de masculinidade¹⁴, se faz uma leitura de maior pormenor por secções de filiação e por dirigentes. A aproximação é expressiva para os mais novos – lobitos, exploradores e pioneiros – e ainda distante para os mais velhos – caminheiros e grupo de dirigentes.

Enquanto que os lobitos, os exploradores e os caminheiros fizeram a aproximação entre sexos de forma continuada e sem *nuances* ao longo destes anos, para os caminheiros houve como que uma interrupção da aproximação entre 1994 e 1997 e para os dirigentes o processo esteve estagnado entre 1990 e 1995.

¹⁴ Relação de Masculinidade – RM = (número de elementos do sexo masculino / número de elementos do sexo feminino)

* 100.

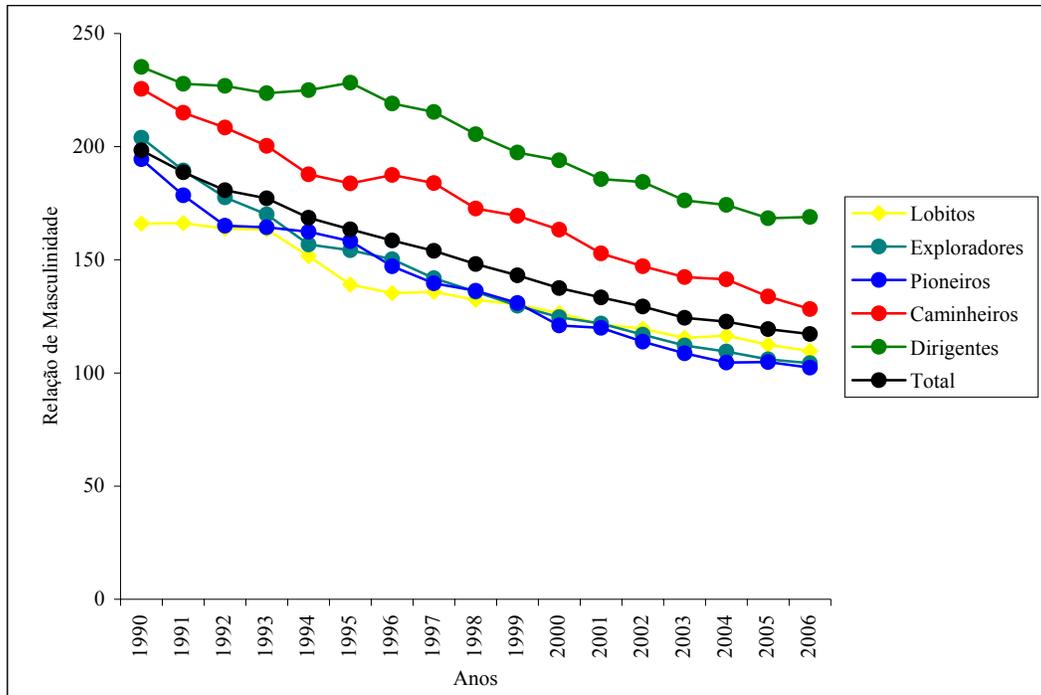


Fig. 3 – Evolução da Relação de Masculinidade por secções de escuteiros e por dirigentes: 1990-2006

Fonte: Censos do CNE

Nas datas extremas, a relação de masculinidade passou:

- Nos lobitos de 166 para 110.
- Nos exploradores de 204 para 104.
- Nos pioneiros de 194 para 102.
- Nos caminheiros de 226 para 128.
- Nos dirigentes de 235 para 169.

Com a excepção dos dirigentes, em que houve reforço, a posição relativa dos elementos do sexo masculino diminuiu nas restantes secções. Para os elementos do sexo feminino, quase para o dobro, essa posição foi reforçada em todas as secções.

Em 1990 as diferenças de representação entre sexos eram mais notadas, referindo as três com maior evidência por importância decrescente, para exploradores, pioneiros e lobitos, em 2006 são mais notadas para dirigentes, caminheiros e lobitos.

A representação da estrutura por secções dos membros do CNE evidencia bem a dupla tendência de envelhecimento referida atrás. De facto, observando apenas a evolução relativa da secção dos lobitos e do grupo dos dirigentes, compreende-se que ocorreram mudanças nos anos considerados e, mais do que isso, que essa mudanças vão ter repercussões na evolução próxima da estrutura etária e por secções do CNE.

Entre 1990 e 2006 os lobitos, considerando os dois sexos, passaram de 23,2 por cento para 23,8 por cento, os exploradores de 30,3 por cento para 26,9 por cento, os pioneiros de 20,0 por cento para 19,6 por cento, os caminheiros de 13,9 por cento para 12,1 por cento e os dirigentes de 12,5 por cento para 17,7 por cento.

Equacionando prospectivamente para igual período de tempo, ou seja, entre 2006 e 2022, a mesma taxa de crescimento anual médio observada em cada uma das categorias, as suas posições relativas poderão ser: para os lobitos 24,4 por cento, para os exploradores 23,8 por cento, para os pioneiros 19,1 por cento, para os caminheiros 10,4 por cento e para os dirigentes 25,1 por cento¹⁵. Se este cenário se cumprir, a importância relativa dos dirigentes será superior, pela primeira vez, à importância relativa dos lobitos. Sendo o Escutismo, por caracterização e identidade, um Movimento de jovens e para jovens estes números merecem reflexão e eventualmente apelam para a necessidade de os seus dirigentes os tentarem inverter ou, também possível, simplesmente adoptarem o princípio de que o Escutismo, micro organismo social, acompanha os sinais dos

¹⁵ As taxas de crescimento anual médio foram calculadas com base nos valores de cada uma das categorias nas datas extremas de 1990 e 2006. Ela é de 0,0259775 para os lobitos, de 0,0166818 para os exploradores, de 0,0229173 para os pioneiros, de 0,0152897 para os caminheiros e de 0,0470082 para os dirigentes.

tempos e se assume, e assumirá cada vez mais, como um Movimento educativo que congrega jovens dos 7 aos 77 anos.

Numa exposição de maior detalhe, por sexos e por categorias de filiação, verifica-se que:

- Para os lobitos, no sexo masculino, a representação face ao total de escuteiros passou de 14,7 por cento para 12,8 por cento, e, no sexo feminino, de 8,7 por cento para 11,7 por cento.
- Para os exploradores, no sexo masculino, passou de 20,7 por cento para 14,1 por cento, e, no sexo feminino, de 8,7 por cento para 10,9 por cento.
- Para os pioneiros, no sexo masculino, passou de 13,4 por cento para 10,2 por cento, e, no sexo feminino, de 6,9 por cento para 9,9 por cento.
- Para os caminheiros, no sexo masculino, passou de 9,8 por cento para 7,0 por cento, e, no sexo feminino, de 4,3 por cento para 5,4 por cento.
- Para os dirigentes, no sexo masculino, passou de 8,9 por cento para 11,4 por cento, e, no sexo feminino, de 3,8 por cento para 6,7 por cento.

Para os elementos do sexo feminino, tem havido uma afirmação relativa em todas as secções, tendo acontecido o contrário, à excepção do grupo dos dirigentes, com os elementos do sexo masculino.

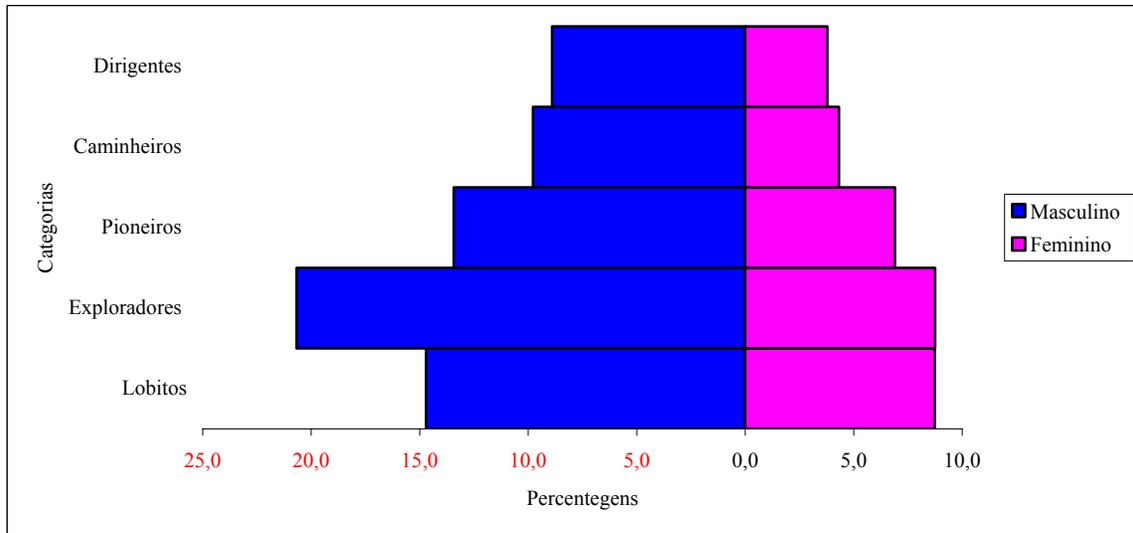


Fig. 4 – Escuteiros efectivos por secções e dirigentes: 1990

Fonte: Censos do CNE

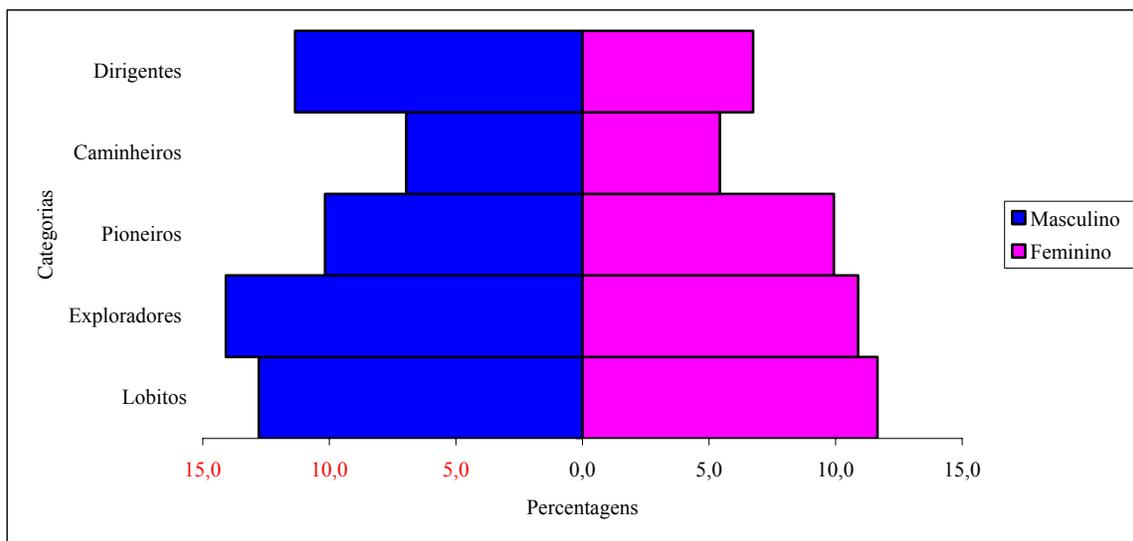


Fig. 5 – Escuteiros efectivos por secções e dirigentes: 2006

Fonte: Censos do CNE

O número de lobitos por cada 100 dirigentes passou de 185 em 1990 para 135 em 2006 e o conjunto de escuteiros – lobitos, exploradores, pioneiros e caminheiros – passou, entre as mesmas datas, de 689 para 452 por cada 100 dirigentes.

Entre estas duas estruturas representativas, regista-se uma alteração fundamental: a de 2006 inverte de forma expressiva a representação dos dirigentes em relação à representação dos

caminheiros. Vontade em permanecer para os primeiros, vontade de sair ou, entre razões diversas, incompatibilidade com outras tarefas para os segundos.

O notório envelhecimento da estrutura poderá não constituir em si um problema e ser até mesmo uma oportunidade. Mas importa saber, para os que permanecem, que perfis apresentam, e o que podem fazer pelo Movimento, quais as suas qualidades de liderança e de motivação, para que, buscando-se o equilíbrio, se consiga contrariar a tendência de quem, nos últimos tempos, tem abandonado o Movimento.

A dinâmica do Escutismo, em termos de inversão da tendência estrutural que se vem descrevendo, vai jogar-se no futuro quase que exclusivo através dos lobitos, ou seja, da capacidade que o Movimento tiver em rejuvenescer a partir da base e de ganhar, de novo, a configuração lógica de prevalência de crianças e de jovens que o identifica e não a de acentuação do processo de envelhecimento que, de certa forma, o “modifica”.

A observação dos valores entre as datas extremas para cada uma das regiões permite identificar regularidades diversas e manifestações e tendências específicas que, além de caracterizadoras, induzem à reflexão com vista à intervenção correctiva.

As posições relativas de cada uma das regiões face às demais não se alteraram muito entre as datas extremas: por ordem decrescente, as três primeiras regiões com maior número de escuteiros são Braga, Lisboa e Porto e as três últimas regiões com menor número de escuteiros são Beja, Bragança e Lamego, em 1990, e Lamego, Bragança e Beja, em 2006.

Para além das descritas, mantêm ainda a mesma posição relativa as regiões de Coimbra, 6ª, de Aveiro, 7ª e de Bragança, 19ª. Alteram a posição relativa as regiões dos Açores, da 4ª para a 5ª, de Setúbal da 5ª para a 4ª, de Viana do Castelo da 8ª para a 11ª, de Viseu da 9ª para a 10ª, da Guarda da 10ª para a 15ª, de Portalegre e Castelo Branco da 11ª para a 16ª, de Vila Real da 12ª para a 14ª, de Santarém da 13ª para a 9ª, do Algarve da 14ª para a 12ª, de Leiria da 15ª para a 8ª, da Madeira

da 16^a para a 17^a, de Évora da 17^a para a 13^a, de Beja da 18^a para a 20^a e Lamego da 20^a para a 18^a.

As regiões que subiram na posição relativa face às demais entre 1990 e 2006 foram: Leiria com 7 posições, Santarém e Évora com 4 posições, Algarve e Lamego com 2 posições e Setúbal com 1 posição. E as regiões que mais perderam foram Portalegre e Castelo Branco e Guarda com 5 posições, Viana do Castelo com 3 posições, Viseu, Vila Real e Beja com 2 posições, Madeira e Açores com 1 posição.

Cada uma das três regiões com maior número de escuteiros distancia-se bastante das demais em correspondência com a expressão demográfica que os espaços em que as mesmas se inserem representam.

Admitindo embora a possibilidade de se incorrer em algumas imprecisões, a assunção das regiões do CNE em espaços correspondentes com o Litoral, o Interior, com Lisboa e Porto e com as ilhas, minimizada pelo cumprimento da função comparativa, permite perceber que não houve alterações muito expressivas dos valores relativos entre cada uma destas categorias espaciais de 1990 para 2006.

Regiões	1990	2006
Litoral	46,0	48,4
Interior	21,8	18,0
Lisboa e Porto	24,2	24,4
Ilhas	8,0	9,2
Total	100,0	100,0

Quadro 1. – Posição relativa das regiões agregadas do CNE Fonte: Censos CNE 1990, 2006

Numa outra leitura, percebe-se o peso considerável, superior a 70 por cento, da implantação do CNE no litoral face à totalidade do território continental e ilhas em correspondência com a situação demográfica assimétrica do País. O Escutismo, Movimento associativo arauto da proximidade e da relação com e na Natureza, está profundamente enraizado nos meios urbanos, justamente onde, por definição, a Natureza escasseia ou está mesmo ausente.

A relação de cada uma das categorias consideradas face ao total de indivíduos não difere significativamente entre cada um destes espaços agregados. Duas tendências são inequívocas, tal e qual o que sobressai a nível nacional: os escuteiros têm evoluído no sentido de uma representação aproximada dos sexos e de um envelhecimento considerável.

Se a primeira tendência é desejável e vai ao encontro do sentido ecuménico do Movimento, a segunda, embora sinal dos tempos, deve conduzir a uma reflexão e ao incremento do trabalho de ligação ao exterior, com a sociedade global, para que o Escutismo rejuvenesça pela expansão da base da sua estrutura por categorias e por idades.

O estabelecimento de uma relação comparativa a partir de grupos funcionais, ou seja, de grupos que dentro do Movimento cumprem funções, embora complementares, distintas entre lobitos e dirigentes¹⁶ deixa perceber o considerável e continuado aumento dos segundos face aos primeiros ao longo do tempo para cada um dos espaços observados.

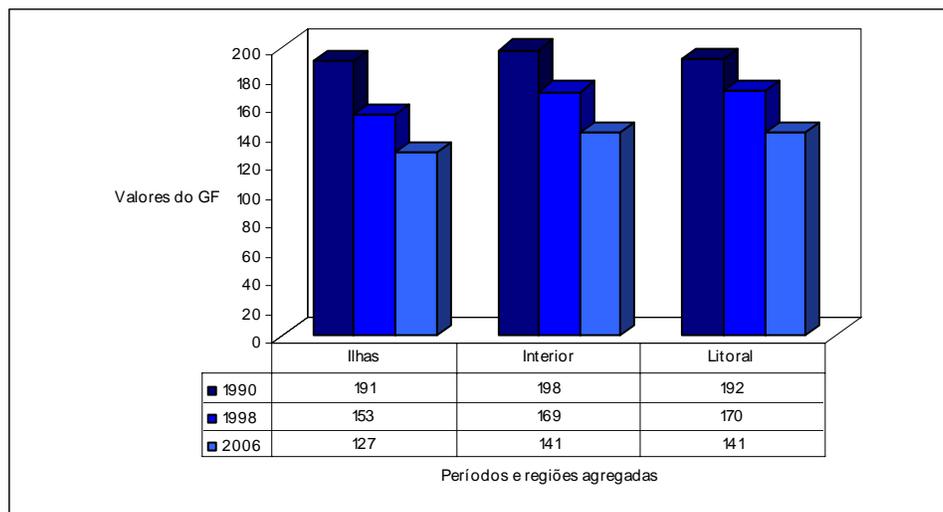


Fig. 6 – Número de Lobitos por cada cem Dirigentes por regiões agregadas: 1990, 1998, 2006

Fonte: Censos do CNE

¹⁶ Grupo Funcional GF = (n.º de lobitos / n.º de dirigentes) * 100.

As ilhas apresentam uma situação comparativa de maior acentuação do equilíbrio entre os grupos, passando de 191 lobitos por cada 100 dirigentes, em 1990, para 127 lobitos por cada 100 dirigentes, em 2006, enquanto que o interior e o litoral, passaram, respectivamente, de 198 e 192 lobitos por cada 100 dirigentes, em 1990, para 141 lobitos por cada 100 dirigentes, em 2006. Esta não é uma situação estrutural que diga mais respeito ao interior do que ao litoral. Apesar de algum distanciamento, dir-se-á, positivo, entre as duas últimas regiões e a primeira, parece evidente a transversalidade do envelhecimento do Movimento escutista no CNE.

Uma análise por regiões, para 1990, evidencia, por cada 100 dirigentes, um maior número de lobitos para Setúbal, com 326, Portalegre e Castelo Branco, com 255, e Vila Real, com 223; para 2006, as que apresentam maior número de lobitos são Algarve, com 200, Vila Real, com 175, e Setúbal, com 174. Setúbal e Vila Real mantêm aqui uma posição relativa de maior expressão ao longo dos anos em observação.

Para 1990 é evidente um menor número de lobitos para Viana do Castelo, com 115, Lamego, com 130, e Leiria, com 158; para 2006, as regiões que apresentam menor número de lobitos são Viana do Castelo, com 97, Açores, com 115, e Lamego, com 119. Lamego e Viana do Castelo mantêm aqui uma posição relativa de menor expressão ao longo dos anos em observação.

Numa outra alusão que, de certa forma, reforça o que atrás se afirma, considera-se agora a relação funcional entre as secções de lobitos, de exploradores, de pioneiros e de caminheiros com o grupo de dirigentes¹⁷.

¹⁷ Grupo Funcional GF = (n.º de lobitos, n.º de exploradores, n.º de pioneiros e n.º de caminheiros / n.º de dirigentes) * 100.

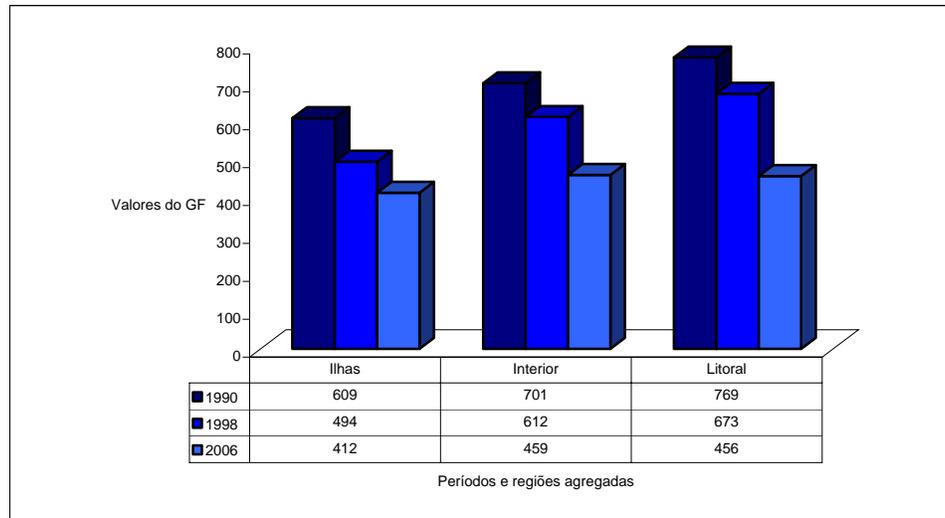


Fig. 7 – Número de Lobitos, de Exploradores, de Pioneiros e de Caminheiros por cada cem Dirigentes por

regiões agregadas: 1990, 1998, 2006

Fonte: Censos do CNE

As ilhas continuam numa situação comparativa de maior acentuação do equilíbrio entre os grupos, passando de 609 educandos por cada 100 dirigentes, em 1990, para 412 educandos por cada 100 dirigentes, em 2006, enquanto que o interior e o litoral, passaram, respectivamente, de 701 e 769 educandos por cada 100 dirigentes, em 1990, para 459 e 456 educandos por cada 100 dirigentes, em 2006.

A análise por regiões, para 1990, evidencia, por cada 100 dirigentes, um maior número de educandos para Setúbal, com 1260, Coimbra, com 900, e Lisboa, com 881; para 2006, as que apresentam maior número de educandos são Lamego, com 543, Algarve, com 529, e Vila Real, com 526.

Para 1990 é evidente um menor número de educandos para Viana do Castelo, com 446, Açores, com 497, e Viseu, com 538; para 2006, as que apresentam menor número de educandos são Viana do Castelo, com 312, Açores, com 386, e Portalegre e Castelo Branco, com 391. Açores e Viana do Castelo mantêm aqui uma posição relativa de menor expressão ao longo dos anos em observação (v. anexo I).

3. Enquadramento descritivo – inquérito por questionário e entrevistas semi-directivas.

As informações recolhidas através do lançamento do inquérito por questionário permitem ir mais longe na identificação de perfis de respondentes que, numa primeira apreciação, contempla escuteiros e não escuteiros.

A idade média global é de 30,3 anos, 31,8 para os elementos do sexo masculino e 28,9 para os elementos do sexo feminino, representando uns e outros, respectivamente, 49,8 por cento e 50,2 por cento da amostra. Mais de dois terços, têm idade igual ou superior a 23 anos. São sobretudo adultos, de nacionalidade portuguesa, 94,5 por cento, que colaboram com este estudo. Por categorias em relação ao total de respondentes: entre os 6 e os 10 anos representam apenas 0,2 por cento, entre os 11 e os 14 anos representam 1,6 por cento, entre os 15 e os 18 anos representam 10,2 por cento, entre os 19 e os 22 anos representam 15,8 por cento, entre os 23 e os 32 anos representam 36,4 por cento, entre os 33 e os 42 anos representam 20,7 por cento, entre os 43 e os 52 anos representam 11,2 por cento, entre os 53 e os 62 anos representam 2,9 por cento e entre os 63 e mais anos representam 0,9 por cento. A menor idade média dos elementos sexo feminino está expressa na distribuição por grupos de idades. Até aos 22 anos, inclusive, essa representação é, para o sexo masculino, de 23,3 por cento e é, para o sexo feminino, de 32,5 por cento.

São sobretudo pessoas que trabalham ou que já trabalharam, 71,4 por cento, nas mais diversas ocupações e profissões¹⁸ – embora com maior prevalência para os especialistas das profissões

¹⁸ Foram adoptadas as nove grandes categorias da CNP – Classificação Nacional de Profissões: 1 – Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas. 2 – Especialistas de Profissões Intelectuais e Científicas. 3 – Técnicos Profissionais de Nível Intermédio. 4 – Pessoal Administrativo e Similares. 5 – Pessoal dos Serviços e Vendedores. 6 – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas. 7 –

intelectuais e científicas, 22,6 por cento, e para os técnicos e profissionais de nível intermédio, 16,0 por cento – e que se encontram nas condições civis de solteiras, 60,2 por cento, e de casadas ou a viver em união de facto, 35,9 por cento. A grande maioria, 88,1 por cento, têm irmãos, em média, 1,8, e 32,0 por cento têm filhos, em média, 1,7.

Mais de metade tem estudos superiores, 57,8 por cento cursos superiores politécnicos ou universitários, e 5,3 por cento mestrados ou doutoramentos, com os restantes a distribuírem-se pelo ensino secundário, 29,6 por cento, e os que têm estudos de menor grau são em número pouco expressivo.

A maior parte está radicada nas cidades de Lisboa e do Porto, 45,7 por cento, e, excluindo-as, no litoral, 38,6 por cento. O interior do País e os arquipélagos dos Açores e da Madeira têm menor expressão comparativa, respectivamente, 12,1 por cento e 3,6 por cento.

Há a registar ligeiras diferenças da representação relativa dos espaços de residência descritos e os espaços de nascimento, coincidentes com a estrutural tendência de concentração urbana para além das grandes cidades e com a litoralização da população.

Uma observação à parte para os respondentes que estão ou estiveram ligados ao Escutismo revela idêntica tendência de distribuição geográfica. Assim também em relação aos cinco distritos mais representativos. Por ordem decrescente: Lisboa, 31,5 por cento, Porto, 13,8 por cento, Setúbal, 9,1 por cento, Leiria, 6,9 por cento, e Braga, 6,2 por cento.

A expressão relativa que as respostas assumem é consentânea com a importância demográfica dos distritos face ao conjunto do País e não com a representação que os escuteiros aí possam deter.

A religião católica predomina quase que em absoluto, 98,6 por cento, em relação às outras confissões, embora a assunção da prática religiosa fique aquém de regularidade e da persistência:

Operários, Artífices e Trabalhadores Similares. 8 – Operários de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem.

9 – Trabalhadores Não Qualificados.

bem mais de metade dos respondentes, 67,7 por cento, oscila entre a *pouca* e a *ausência* de prática religiosa.

A expressiva representação da religião católica, para além da implantação no País, está certamente associada com o facto de 81,0 por cento dos respondentes ser ou já ter sido escuteiro e, destes, 90,5 por cento estarem ou terem estado filiados ao CNE – Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português, para além das outras associações representadas e de carácter também católico ou de carácter não confessional.

O conhecimento sobre o Escutismo e as actividades dos escuteiros é grande. É maior, como se compreende, para aqueles que são ou que foram escuteiros. Entre as categorias de *muito bem* e de *bem* encontram-se 96,0 por cento das respostas, respectivamente, 78,9 por cento e 17,1 por cento. Para aqueles que não têm qualquer ligação directa ao Movimento as mesmas respostas correspondem a 82,2 por cento, com a categoria de *muito bem* a representar 64,6 por cento e a categoria de *bem* a representar 17,6 por cento. Ainda para estes, há 10,2 por cento que referem conhecer alguma coisa do Escutismo. Os que conhecem só de nome ou que não conhecem não têm qualquer representação relevante.

O Escutismo é um Movimento socialmente bastante conhecido e, como adiante se descreve, reconhecido. Alguns testemunhos de quem não tem qualquer ligação directa ao Movimento:

- *Os escuteiros são uma escola de vida para a juventude (dos 8 (?) aos 18). Foram fundados por Baden-Powell com o intuito de dar às crianças e aos adolescentes uma educação que complementasse aquela que é dada nas famílias e nas escolas. Para isso aproveita conhecimentos originários do exército e de uma certa cultura do grupo (com uma identidade muito marcada: o uniforme, os estandartes, os símbolos, a hierarquia, os escalões), e junta elementos pedagógicos adequados aos vários escalões etários (promovendo valores como o respeito mútuo, o serviço e o amor à Natureza). Pelo que sei há reuniões semanais mas*

não sei o que se faz nessas reuniões. E, regularmente, ao longo do ano, há acampamentos, que são os tempos fortes de formação do Escutismo. O meu contacto com escuteiros é quase nulo. Conheço algumas pessoas que o foram. Se voltasse à minha infância gostaria de me meter nos escuteiros: não sei bem porquê, sinto uma grande admiração pelos escuteiros. Acho que fazem um grande serviço à Humanidade. E3

- *Tenho algum contacto com os lobitos. Além de passeios pela Natureza, promovem encontros com outros escutas de outras realidades e trocam experiências entre eles, ocupando parte do tempo em obras de apoio social. E7*
- *Tenho dois filhos escuteiros. Todas as semanas têm um encontro, aos sábados de manhã, onde fazem diversos tipos de actividades e aprendem as "regras" dos escuteiros. Ocasionalmente, fazem acampamentos ou acantonamentos. E8*
- *Humanistas, defendem uma filosofia solidária, de trabalho em equipa para o bem-estar físico e psíquico do grupo e da Humanidade em geral. Defendem a Natureza. Tenho três filhos escuteiros. E9*
- *Quando era noviço da Companhia de Jesus em Coimbra foi-me pedida a colaboração pelo Grupo de Escuteiros da Sé Nova. Não mantenho mais contacto com este grupo. Os que conheci claramente eram de inspiração católica e, através de uma organização muito bem montada, planeiam a formação integral dos escuteiros, quer a nível humano, quer a nível espiritual. E24*
- *Sou mãe de uma escuteira lobita com 10 anos. Fazem muitas actividades em grupo que, na minha opinião, ajudam. E61*

III – O Escutismo e a sociedade

Na distribuição das idades por categorias, verifica-se que as correspondentes aos respondentes mais novos são mais expressivas em relação aos respondentes que estão ou estiveram associados aos escuteiros, o que se compreende, uma vez que estes estiveram mais despertos e avisados para a participação no estudo: a distribuição relativa é dominada por dirigentes, 67,8 por cento, seguidos de caminheiros, 17,8 por cento, e de pioneiros, 12,1 por cento. Os exploradores e os lobitos apresentam valores residuais, respectivamente, 2,0 por cento e 0,2 por cento.

As diferenças em relação aos respondentes que não têm qualquer relação directa com o Escutismo são visíveis em todas as categorias ($p = ,000$; $V. \text{Cramer} = 257$). Estes com maior expressão relativa nas categorias correspondentes a idades mais elevadas: a distribuição relativa é sobretudo de adultos, a partir dos 23 anos, 72,1 por cento, seguidos do grupo etário entre os 19 e os 22 anos, 15,8 por cento, e do grupo etário entre os 15 e os 18 anos, 10,2 por cento. Os grupos entre os 11 e 14 anos e entre os 6 e 10 anos apresentam valores residuais, respectivamente, 1,6 e 0,2 por cento.

Tratando-se, no conjunto dos dois grupos, de uma amostra claramente dominada por pessoas de maior idade, as respostas espelham a experiência de vida reconhecida para emitir opiniões e para expressar posições sobre o Escutismo e são reflexo de um certo pensamento social, válido portanto, capaz de promover a reflexão e a consciencialização sobre questões fundamentais:

- Existe um discurso e um conjunto de valores fundamentais que persistem para além da experiência no Escutismo?
- Existe uma ideia social sobre o Escutismo e a sua missão? O que sabem as pessoas sobre a missão do Escutismo, os seus métodos e as suas preocupações sociais?
- Que consciência têm os escuteiros da sua própria missão social?

A grande maioria dos respondentes tem grau de escolaridade médio superior, com maior ênfase para os que não têm qualquer relação directa com o Escutismo, o que era esperado. Destes 68,4

por cento têm curso superior e 7,1 por cento têm pós-graduação e, para os escuteiros, no activo ou não, os valores relativos são, respectivamente, 55,5 por cento e 4,8 por cento ($p = ,000$; V. Cramer = ,128). Para os que desempenham uma profissão ou uma ocupação, embora com diferenças estatisticamente significativas ($p = ,015$; V. Cramer = ,064), há uma distribuição próxima entre os que são ou foram escuteiros e os que não são. O predomínio está nos especialistas das profissões intelectuais e científicas, 22,7 por cento (21,8 por cento para os escuteiros e 26,1 por cento para os não escuteiros), seguidos dos técnicos profissionais intermédios, 15,8 por cento (15,5 por cento para os escuteiros e 17,1 por cento para os não escuteiros), e do pessoal administrativo e similares, 10,0 por cento (9,9 por cento para os escuteiros e 10,5 por cento para os não escuteiros). As outras categorias apresentam valores mais distanciados e, nalgumas, residuais.

O que se pretende é enunciar e discutir a questão da frequência do Escutismo estar associada a crianças e a jovens de todas as condições sociais, económicas e culturais ou, ao invés, estar associada a algum tipo de discriminação.

Como Movimento socialmente transversal, o Escutismo é ecuménico, aberto a todos, não elitista. Se alguma dificuldade existisse em relação à sua frequência ela colocar-se-ia igualmente em relação à frequência de qualquer outro movimento de crianças e de jovens. Pode sempre apontar-se um ou outro aspecto indicativo de alguma discriminação mas, no geral, o Escutismo é, em expressão de consciência colectiva, para todos, considerando-se, porém, o que já se descreveu sobre a proximidade entre espaços sociais dos membros que o constituem. É o maior Movimento associativo do País e com grande expressão mundial espalhado por continentes e países a cerca de 28 milhões de pessoas, o que não deixa dúvidas em relação à sua aceitação social e à sua abertura à participação de todas as pessoas, como reforçam os próximos testemunhos decorrentes da questão: quem frequenta o Escutismo?

- *Jovens de todos os estratos sociais e de todas as culturas.* E11

- *Sim, penso que abrange jovens de qualquer condição. Normalmente os Agrupamentos dispõem de meios financeiros para auxiliar elementos mais necessitados. Ao nível cultural penso que não há grandes diferenças. E12*
- *Todo o tipo de pessoas, não interessa se são ricos ou pobres, brancos ou de outra raça qualquer. E16*
- *Todos: o Escutismo é para todos! E19*
- *Sim, não escolhe condições sociais, raças ou credos. E43*
- *Julgo que não há elitismos nos escuteiros. Pelo que tenho presenciado no Movimento Escutista encontramos "o filho do sapateiro e o filho do ministro". É possível que existam certos agrupamentos que, devido à região onde se encontram implantados, apresentem membros de uma classe social superior à de outros. E46*
- *Sim, penso que nos escuteiros há uma grande variedade de pessoas. Classe média, classe alta ou classe baixa... Também penso que há diferentes tipos de etnias presentes... Aliás... Em termos de companheirismo, este é para mim o dado mais relevante e mais surpreendente... A união entre pessoas que noutras situações evitariam qualquer contacto. Dentro do Escutismo deixam de existir posições sociais, raças e etnias... Somos todos uma equipa, com os mesmos objectivos... E57*

Qual o real contributo do Escutismo para o desenvolvimento moral e espiritual das crianças e dos jovens no tempo presente? A resposta a esta questão, embora fundamentada no caso português, pode evidentemente ter extrapolação internacional.

O ponto de partida para uma análise que a objective é o da comparação de posições face a palavras e a expressões identificadoras entre dois grupos de respondentes: o daqueles que são ou que foram escuteiros e o daqueles que não têm qualquer ligação directa ao Escutismo.

São duas as consequências dessa análise:

- A observação de uma maior identificação por parte dos escuteiros em relação a palavras e a expressões conotadas com essa função de desenvolvimento moral e espiritual, que, a ser singular ao Movimento, o torna detentor de uma identidade, que lhe expressa uma função social importante, que quem o frequenta deve conhecer e reconhecer. Nas sociedades contemporâneas, nomeadamente nos países ditos democráticos, as organizações não formais desempenham a importante função de manter e de promover o diálogo entre diferentes ideologias. Provavelmente os escuteiros não têm plena consciência da sua função e missão na sociedade como Movimento que defende grandes causas como a da paz e a da defesa do meio ambiente.
- A possibilidade de aquisição de conhecimentos sobre o pensamento social acerca do Escutismo. O que sabem as pessoas da missão do Escutismo, dos seus métodos e das suas causas sociais?

O amplo conjunto de palavras e de expressões, nalguns casos muito próximos uns dos outros, estão, por definição, associados ao léxico do Escutismo e são também parte da expectativa social sobre o que o Movimento deve ser e fazer.

Uma primeira ilação, embora genérica, pode fazer-se: os testes de associação indicam, sem excepção, que quem tem ou quem teve filiação ao Escutismo se posiciona de forma diferenciada em relação a quem nunca frequentou o Escutismo¹⁹. O que permite afirmar que, enquanto Movimento promotor de educação não formal, o Escutismo tem espaço social definido, molda e forma consciências, marca a diferença pelas acções que empreende, pelos valores que defende e que pratica.

¹⁹ O intervalo de confiança em todos os testes apresentados é sempre superior a 95 por cento ($p < ,05$).

As palavras e as expressões podem filar-se, por associação, em três categorias e, por conseguinte, a exposição dos resultados do tratamento das respostas fundamentar-se-á nelas. Considera-se ser esta, evidentemente, uma forma de sistematizar as informações e de as explicar melhor, embora se deva também considerar que a classificação, apesar de fundamentada em amplo trabalho de aproximação à realidade pelas muitas entrevistas realizadas, não pode ser absolutamente rígida. As categorias de associação reportam-se a:

1. Questões de facto directamente associadas ao Escutismo. O que sabem e sentem as pessoas consoante tenham ou não vivências no Escutismo? Respeitam, neste contexto, ao que de forma directa acontece e se materializa pelas actividades do Escutismo e ao que faz parte da sua identidade, que se pressupõe que os seus membros conhecem. Podem ser interpretadas de forma diversa consoante o posicionamento social dos indivíduos, considerando-se, entre várias possibilidades, o género, a idade, o grau de escolaridade ou a ocupação. Mas, antes de mais, far-se-á uma descrição reduzida à comparação de respostas entre quem tem e quem não tem vivência no Escutismo, pondo em evidência, para além de apreciações genéricas, a expressão das respostas dos que consideram não existir qualquer associação, associação mínima e associação máxima. São aqui consideradas as questões relativas às palavras *acampamentos*, *Baden-Powell*, *caminhada*, *compromisso* e *promessa*, todas, diga-se, de clara identificação para os respondentes, tenham ou não ligação ao Escutismo, embora os que não a têm apresentem um maior número de respostas de não associação ou de baixa associação e um menor número de respostas na categoria de máxima associação.

Talvez os acampamentos sejam a actividade que colhe, junto dos não escuteiros, maior identificação com o Escutismo. As diferenças em relação à distribuição das respostas pelas categorias consideradas são as de menor expressão face às que se verificam para as restantes palavras ($p = ,000$; $V. \text{Cramer} = ,179$). As palavras que fazem parte do léxico escutista são, naturalmente, menos

conhecidas da população em geral e, por isso mesmo, a distribuição das respostas pelas categorias consideradas é mais diferenciada. *Baden-Powell*, o fundador do Escutismo, é menos identificável ($p = ,000$; V. Cramer = ,291). Assim também em relação às outras palavras: *caminhada* ($p = ,000$; V. Cramer = ,181), *compromisso* ($p = ,000$; V. Cramer = ,275) e *promessa* ($p = ,000$; V. Cramer = ,341). A correspondência de cada uma das palavras ou expressões é ligeiramente superior para os elementos do sexo feminino em comparação com os elementos do sexo masculino, tenham ou não filiação com o Escutismo. Para os primeiros a associação é mais forte na medida em que as palavras e as expressões lhes são mais próximas, embora o grau de conhecimento demonstrado por aqueles que não têm qualquer relação directa com o Escutismo seja, à excepção da palavra *promessa*, sempre superior a 5 numa escala máxima de 6. Na mesma linha estão outras associações: em relação aos grupos de idade, aos graus de escolaridade e às profissões e ocupações. Quase sempre existem diferenças estatisticamente significativas entre categorias das variáveis consideradas, embora quase irrelevantes, com excepção da variável profissões e ocupações.

2. Questões genéricas que podem ou não ser apanágio do Escutismo, ou seja, que podem estar presentes em quaisquer outros movimentos associativos de jovens e ou de adultos. Podem indicar os graus de proximidade ao Escutismo e, por isso, permitem uma dupla leitura: isolada, por deixarem perceber o grau de identificação que colhem entre os escuteiros, e de conjunto, por permitirem perceber como socialmente os escuteiros são por elas identificados.

Na primeira acepção, poder-se-á questionar se os escuteiros têm consciência de determinadas referências que, com maior ou menor acuidade, os caracterizam.

A associação de palavras e expressões homólogos, que podem gravitar ao redor da função educativa e formativa do Escutismo, é percebida como fazendo parte do Movimento por aqueles que o frequentam? Diversas palavras – como *aprendizagem*, *cidadania*, *disciplina*,

educação, método, organização, regras, respeito pelas diferenças, responsabilidade, solidariedade, trabalho em equipa ou *voluntariado* – estão, em consciência, presentes naqueles que integram o Movimento? Parece que sim. O grau máximo de identificação nunca é inferior a 54,4 por cento, em relação a regras, e chega aos 80,1 por cento, em relação ao trabalho em equipa. Isto quer dizer que é grande a associação entre as palavras referenciadas e o Escutismo.

Para palavras mais reportáveis a questões práticas, de concretização, o mesmo se verifica. A importância que lhes é atribuída no grau máximo de associação oscila entre as *actividades*, com 77,2 por cento das respostas, e a *qualidade*, com 50,1 por cento das respostas. Isto quer dizer que existe uma grande identificação dos escuteiros para estas palavras e para as outras – *saudável, acção, construção, motivação* e *empreendedorismo*. Apenas a expressão *ocupação dos tempos livres*, considerada na apreciação no mesmo quadro de referência, se fica pela recolha de 38,4 por cento das respostas no grau máximo de associação. Não parece que os escuteiros considerem que o que fazem no âmbito do Movimento se traduza num conjunto de actividades e de funções desprovidas de sentido e de estratégia ou sem conteúdo.

Na expressão de sentimentos o valor relativo de respostas no grau mais elevado de associação é significativo: *amizade* 78,6 por cento, *alegria* 77,3 por cento, *companheirismo* 73,6 por cento, *aventura* 72,7 por cento, *convivência* 71,2 por cento e *juventude* 67,7 por cento. Mas também para o conjunto de palavras ou expressões tradutoras de relacionamentos altruístas: *equipa* 76,2 por cento, *espírito de serviço* 74,8 por cento, *entreadajuda* 70,9 por cento, *partilha* 67,5 por cento.

Embora com grande concentração de respostas no grau máximo de associação, 56,7 por cento e 59,7 por cento, *felicidade* e *apoio à comunidade* são as que, respectivamente, em relação a sentimentos e a sentido altruísta, colhem menor projecção. A frequência do Escutismo pode ter obviamente qualquer relação com a felicidade e, enquanto estado de espírito, ela depende de vários factores mutáveis no tempo. Mas o facto de o *apoio à comunidade* não ter intensidade equivalente a

outras palavras ou expressões pode ser indicador de uma maior tendência endógena do Escutismo em relação a questões de partilha e de actividade altruísta: actuam mais em si e para si do que com e para a comunidade.

Na segunda acepção, importa saber se estas mesmas palavras encontram idêntica projecção quando apreciadas por aqueles que não têm ligação ao Movimento? Parece que não.

No grau máximo de associação, a palavra *educação* corresponde a 65,1 por cento do total de respostas para os escuteiros e a 34,0 para os que nunca forma escuteiros. Nos restantes graus as diferenças, embora com menor amplitude, estão também presentes ($p = ,000$; V. Cramer = ,304). Assim também acontece por referência à palavra *aprendizagem* que, respectivamente, corresponde a 70,1 por cento e a 39,8 por cento ($p = ,000$; V. Cramer = ,298).

Não parece estranho que a distribuição relativa de respostas pelos graus de associação seja dissemelhante entre os que têm e os que não têm relação directa com o Escutismo. Palavras como *construção* ($p = ,000$; V. Cramer = ,313) ou *empreendedorismo* ($p = ,000$; V. Cramer = ,306), que no grau máximo de associação correspondem, respectivamente, a 60,0 e a 59,1 do total de respostas para os escuteiros e a 29,6 e a 28,2 para os que nunca forma escuteiros – a par de outras como *actividades*, *saudável*, *acção*, *motivação*, *entretenimento* ou *qualidade* – farão certamente mais sentido para o primeiros e causarão maior estranheza para os segundos na medida em que tanto podem ser identificáveis com o Escutismo como com qualquer outro Movimento ou até não ter qualquer identificação. Ou, no domínio dos sentimentos, – a par de *amizade*, *aventura*, *companheirismo*, *convivência* ou *liberdade* – palavras como *felicidade* ($p = ,000$; V. Cramer = ,322) ou *alegria* ($p = ,000$; V. Cramer = ,288). Ou ainda no domínio dos relacionamentos altruístas atrás referidos.

Já as expressões correntes *ocupação de tempos livres* e *juventude*, respectivamente, no grau de associação máximo, com 38,4 por cento e 38,0 por cento ($p = ,000$; V. Cramer = ,137) e com 67,7

por cento e 47,9 por cento de respostas na distribuição relativa dos respondentes escuteiros e dos que nunca foram escuteiros ($p = ,000$; V. Cramer = ,185) são bem mais próximas dos segundos e de menor identificação com os primeiros ($p = ,000$; V. Cramer = ,185).

A associação de cada uma das palavras e expressões em avaliação com o género revela que as diferenças são sempre estatisticamente significativas ($p < ,05$), ou seja, independentemente de existir ou não associação ao Escutismo, a sua identificação pelos elementos do sexo feminino é sempre mais expressiva do que pelos elementos do sexo masculino. Essa associação é sempre mais forte para os escuteiros do que para os não escuteiros e, na comparação entre estes dois grupos de análise, as diferenças maiores verificam-se, sem excepção, em relação aos elementos do sexo masculino, com maior destaque para as palavras *método*, *aprendizagem*, *cidadania* e *educação*.

3. Questões de expectativa, ou seja, decorrentes do que socialmente se entende ser atributo do Movimento Escutista. Poderão, eventualmente, corresponder a uma maior uniformização de respostas entre escuteiros e não escuteiros. Quando tal não se verifica é de supor a existência de algum desfasamento entre o que socialmente se espera do Escutismo e o que o Escutismo realmente representa ou, ao inverso, entre o que o Escutismo é e o que a sociedade julga que ele é. Nesta categoria de associação, são apreciados em conjunto três grupos de palavras ou de expressões:

- Um primeiro em torno de *ambiente*, *ecologia* e *Natureza*. São palavras de grande identificação com os respondentes quem têm ligação directa com o Escutismo mas de bastante menor identificação com os que não são escuteiros. Para *Natureza* a associação máxima ocorre em 77,4 por cento das respostas para os primeiros e em 56,7 por cento das respostas para os segundos ($p = ,000$; V. Cramer = ,217). Com distribuição relativa próxima está a palavra *ambiente*, respectivamente, com 73,4 por cento e 47,3 por cento das respostas no grau máximo de associação ($p = ,000$; V. Cramer = ,256). Quanto à palavra

ecologia as diferenças na distribuição das respostas não são tão acentuadas: no grau máximo de associação são de 56,8 por cento para os escuteiros e de 41,0 por cento para os não escuteiros ($p = ,000$; V. Cramer = ,146). Não parece estranho que a palavra *ecologia* congregue menos respostas no grau de associação mais elevado para os escuteiros e que, dessa forma, exista maior aproximação com a distribuição relativa das respostas em relação aos não escuteiros porque justamente ela não faz parte do léxico escutista. Gravita no mesmo universo de representações e de sentidos mas não faz parte da linguagem corrente usada na formação escutista. Os elementos do sexo feminino tendo ou não qualquer ligação ao Escutismo são sempre mais sensíveis em relação ao trio de palavras consideradas com maior acuidade para a palavra *Natureza*, seguida de *ambiente* e de *ecologia*. No caso dos escuteiros as diferenças de apreciação estão presentes em relação a todas as palavras ($p < ,05$), o que não acontece para os não escuteiros apenas para a palavra *Natureza* ($p > ,05$). Os escuteiros atribuem-lhes uma maior importância relativa por associação ao Movimento do que os não escuteiros sem distinção de género. Mas o trio de palavras está sempre muito presente na associação, endógena e exógena, ao Movimento constituindo, certamente, um elo forte da sua identificação. Não faz qualquer diferença o grau de escolaridade ou a tipologia profissional ou ocupacional dos respondentes em relação a esta forte associação das palavras ao Escutismo, tanto para os que são ou foram escuteiros como para os que não têm qualquer contacto com os escuteiros ($p > ,05$). A distribuição por grupos de idades vai justamente no mesmo sentido da grande importância relativa que todos os respondentes atribuem ao conjunto das palavras, mais no caso dos escuteiros do que no caso dos não escuteiros, quase sempre superior ao valor médio de 5 na escala máxima de 6. Nos primeiros as diferenças de médias, embora presentes, são pouco notadas em relação às palavras como *ambiente* e *ecologia* e não existem em relação à palavra

Natureza, que é de universal associação ao Movimento. Assim também para os segundos que lhe associam a palavra *ambiente* e que apenas diferenciam por grupos de idades a palavra *ecologia*, não tão associável do exterior com o Escutismo.

- Um segundo em torno de *crescimento harmonioso*, *mística* e *valores*. As duas primeiras palavras colhem um menor número de respostas, por parte dos escuteiros, no grau máximo de associação do que a última: crescimento harmonioso 62,2 por cento, mística 65,4 por cento e valores 76,1 por cento. Quando comparadas com as respostas daqueles que não têm qualquer ligação com o Escutismo é a palavra mística que apresenta as maiores diferenças na distribuição relativa de valores. Colhem, neste grupo, apenas 21,4 por cento das respostas no grau máximo de associação ($p = ,000$; V. Cramer = ,453). De todas as palavras e expressões analisadas é, de facto, a que apresenta maiores diferenças relativas na distribuição das respostas pelos graus de associação. Se é de significado claro para os escuteiros o mesmo não se poderá afirmar em relação aos não escuteiros. Os elementos do sexo feminino associam sempre mais o trio de palavras do que os elementos do sexo masculino. Por ordem de importância valores, crescimento harmonioso e mística são palavras de grande identificação com o Movimento sem distinção significativa entre grupos de idades, graus de escolaridade e categorias de profissões e de ocupações.
- Um terceiro em torno de *Deus*, *espiritualidade*, *Igreja* e *religião*. Palavras de um mesmo universo que, embora registem diferenças na distribuição, estão mais próximas entre os escuteiros e os não escuteiros do que todas as outras já descritas. Se *Deus* e *espiritualidade*, no grau máximo de associação, recolhem a maior parte das respostas de escuteiros, respectivamente, 52,8 por cento e 52,1 por cento, o mesmo não acontece com as palavras *Igreja* e *religião*, respectivamente, 41,3 por cento e 48,0 por cento. Parece haver uma maior identificação com a dimensão espiritual e não tanto com a dimensão

organizacional e institucional. Nesta perspectiva será interessante perceber-se se existem diferenças substantivas de posição entre escuteiros católicos, o CNE – Corpo Nacional de Escutas, e escuteiros sem confissão religiosa, a AEP – Associação de Escoteiros de Portugal. A descrição faz-se pela ordem apresentada das palavras e comparando a distribuição relativa das respostas entre os que são escuteiros, em cada associação, e os que não são escuteiros, considerando as respostas dadas no grau máximo de associação. O conjunto de palavras tem expressão mais elevada no grau de associação máximo nos escuteiros do CNE e, por conseguinte, quando comparadas a distribuição das respostas entre escuteiros e não escuteiros as diferenças, embora sempre presentes, fazem-se mais sentir na relação entre os escuteiros católicos e os que não têm qualquer contacto directo com os escuteiros: *Deus* (AEP $p = ,018$; V. Cramer = ,246; CNE $p = ,000$; V. Cramer = ,180), *Igreja* (AEP $p = ,031$; V. Cramer = ,239; CNE $p = ,000$; V. Cramer = ,138) e *religião* (AEP $p = ,002$; V. Cramer = ,291; CNE $p = ,000$; V. Cramer = ,171). Excepção parece colocar-se em relação a *espiritualidade* (AEP $p = ,000$; V. Cramer = ,321; CNE $p = ,000$; V. Cramer = ,288), que talvez se explique pelo facto de ter uma dimensão mais abrangente ou menos determinista. A associação destas palavras com as tipologias de religião consideradas é sempre mais intensa no caso dos que são ou foram escuteiros do que no caso dos que não têm qualquer ligação directa com o Escutismo. As diferenças de valores médios entre religiões, no primeiro caso, estão presentes em todas as palavras ($p < ,05$), mais notadas em relação a Igreja, e no caso dos que não foram escuteiros, apenas não estão presentes em relação a *espiritualidade* ($p > ,05$). Indistintamente observa-se que quanto maior é a prática religiosa menor é a tendência para se associar o Escutismo a estas palavras ($p < ,05$). A associação é sempre superior, em todas as palavras, do que no caso dos não escuteiros, que também é forte. A menor associação no caso dos escuteiros é feita em

relação à palavra *Igreja*, com os que afirmam praticar sempre a religião a apresentar um valor médio de 2,96 e os que afirmam nunca praticar a religião a apresentar um valor médio de 5,30. No caso dos não escuteiros a menor associação é feita em relação à palavra *espiritualidade*, com os que afirmam praticar sempre a religião a apresentar um valor médio de 3,87 e os que afirmam nunca praticar a religião a apresentar um valor médio de 4,45.

Como organização não formal que, por isso mesmo, padece de voluntarismo e de adesão espontânea, o Escutismo está sujeito a apreciações menos favoráveis tanto por parte daqueles que nunca o frequentaram como por parte daqueles que o frequentaram e que, por algum motivo menos gratificante, o tenham abandonado. Mas também, quase sempre numa perspectiva construtiva, por parte daqueles que a ele estão activamente associados. É por isso importante, com a amplitude máxima pelas tipologias de respondentes consideradas, saber-se o que os seus representantes pensam sobre *o que o Escutismo tem de menos bom?*, considerando-se somente aqueles que afirmam conhecer suficientemente o Movimento²⁰.

A maior projecção das apreciações menos favoráveis vai obviamente para aqueles que não têm qualquer ligação com o Escutismo do para aqueles que são ou já foram escuteiros, que representam justamente percentagem superior de respostas concordantes, embora distribuídas por diferentes graus de apreciação ($p < ,05$)²¹. O que parece perfeitamente razoável. Isso apenas não acontece, para os que são ou foram escuteiros, no caso das *chefias pouco preparadas*, embora o número de respostas claramente concordantes se situe apenas nos 31,3 por cento. *Algumas chefias estão menos bem preparadas!* E9. Só neste caso é que a percentagem de respostas discordantes não é superior às que manifestam algum grau de assumida discordância.

²⁰ Aqui foram apenas consideradas as quatro primeiras categorias da questão 13, ou seja, conhece o Movimento escutista? de 1 *muito bem* a 4 de *forma vaga*.

²¹ Foram consideradas as respostas dos que afirmam ter conhecimento minimamente fundamentado do Escutismo.

Os aspectos em que a distribuição das respostas se assumem, globalmente, com maior expressão crítica são o das *chefias pouco preparadas* e o da *muita dependência da Igreja*: se no primeiro caso são aqueles que estão ou já estiveram ligados ao Escutismo a mostrar a maior concordância no segundo caso manifestam-se mais os que não têm qualquer ligação com o Escutismo. Sinal dos tempos.

A distribuição relativa das respostas entre os que são ou foram escuteiros e os que não têm qualquer ligação directa com o Escutismo mostra-se mais distanciada em relação à *vivência à parte da sociedade*, rejeitada em clara maioria pelos primeiros, 62,2 por cento das respostas, e nem tanto em relação aos segundos, 44,4 por cento das respostas.

- *Não sei. Talvez sejam demasiado "arrumadinhos". Talvez o lado "militar" pudesse ser equilibrado com um lado mais criativo, mais espontâneo. Daquilo que me é dado ver eu poria os escuteiros no extremo "arrumadinho" (com o perigo de tender para o rigorismo) e o cantil (a associação de campos de férias que conheço por dentro) no outro extremo da criatividade/espontaneidade (com o perigo de cair na bandalheira). Outro aspecto a ter em conta, e que é inerente a movimentos com uma identidade tão forte como o vosso, é o perigo de se tornar uma vivência separada do dia-a-dia, ou seja, há sempre o perigo de, vivendo uma experiência muito rica no seio do Escutismo (seja a nível da educação, seja ao nível das amizades ou do divertimento), as pessoas poderem criar sem querer uma cisão entre isso e a vida normal na família, na escola, com os outros amigos. Uma questão que vale sempre a pena colocar é se aquilo que se ganha no Escutismo se reflecte ou se repercute na vida das pessoas. E3*
- *Uma certa incapacidade de adequação a novas metodologias de acção, ou seja, o seu carácter hierárquico e tradicional faz com que os grandes valores que defende não sejam*

facilmente compreendidos pelas comunidades juvenis actuais, particularmente a urbanas.

E35

Na perspectiva de um aumento do Movimento ao exterior e de um acréscimo de visibilidade social, importará que o Escutismo se dê a conhecer melhor junto da sociedade, que dê conta das suas acções e dos seus propósitos a todos quantos não o conhecem ou, pelo menos, não o conhecem suficientemente. Nos outros aspectos, tanto para os primeiros como para os segundos, a percentagem de não concordância é sempre inferior a metade das respostas. Embora com distribuição relativa de valores por diferentes graus de apreciação, existe correspondência na ordem de aceitação em quatro aspectos considerados como os menos positivos no Movimento. A ordem é a seguinte: *chefias pouco preparadas* – o aspecto mais criticado –, *muita dependência da Igreja*, *demasiada hierarquia e autoritarismo*.

As apreciações destes aspectos menos positivos, embora não ultrapassem valores médios superiores a metade da escala considerada – a oscilar entre 1 e 6 – permitem, no entanto, deslindar diversas tendências por associação de variáveis:

Manifestam-se a partir do género: os elementos do sexo masculino têm sempre posições mais críticas do que os elementos do sexo feminino. As diferenças de género são sempre evidentes entre os que são ou foram escuteiros ($p < ,05$) e, embora existam, não são tão claras entre aqueles que não têm qualquer ligação directa ao Escutismo e nos casos de *autoritarismo* e de *demasiada hierarquia* não são sequer estatisticamente significativas ($p > ,05$). Divergem sim em relação a *chefias pouco preparadas*, a *desorganização*, a *regras em excesso*, a *inadequação ao presente* e a *vivência à parte de sociedade*. As diferenças mais expressivas deste grupo tocam as duas últimas características o que, em certo sentido, corrobora a necessidade de os escuteiros se mostrarem socialmente ou de darem visibilidade – para além deles mesmos – às acções que empreendem, às

metodologias de educação e de formação que utilizam e aos valores por que se regem e que procuram transmitir às crianças e aos jovens.

O grau de intensidade – comentado apenas as posições relativas extremas –, embora próximo, diverge consoante as palavras e as expressões consideradas:

- Para os que são ou foram escuteiros, a crítica mais expressiva vai para as *chefias pouco preparadas* e a crítica menos expressiva vai para a *vivência à parte da sociedade*.
- Para os que não têm qualquer contacto directo com o Escutismo, a crítica mais expressiva vai para a *muita dependência da Igreja* e a crítica menos expressiva vai para a *desorganização*.

De uma maneira geral, sem distinção de género, as apreciações menos favoráveis são sempre mais expressivas por parte dos externos ao Movimento, com excepção, já se afirmou, à questão das *chefias pouco preparadas*, o que se compreende: são sobretudo os escuteiros que, dentro do Movimento, o podem sentir e perceber.

Manifestam-se a partir da idade. Como seria de esperar, quanto maior a idade dos respondentes maior a tendência para o posicionamento crítico, o que se fundamenta pela experiência de vida e pelo conhecimento mais ou menos próximo do Movimento e do que ele representa em si e socialmente. Isto apenas não se verifica, para aqueles que não têm qualquer relação directa com o Movimento, na palavra *autoritarismo*. O que não é de todo descabido e deve ser motivo de introspecção por parte daqueles que se preocupam com a imagem social do Movimento. Algumas crianças e jovens associarão o escutismo, eventualmente – até talvez pelo uso da farda e dos distintivos – a um injustificado autoritarismo que importe corrigir.

- Para os que são ou foram escuteiros, as diferenças de posição mais notórias existem para as *chefias pouco preparadas*, apreciação que se fundamenta por si mas que também poderá estar associada à modificação de interesses dos jovens e dos adultos e à sua

progressão educacional, e as diferenças de posição menos notórias existem para as *regras em excesso*. Em relação à *muita dependência da Igreja* as diferenças não são relevantes ($p < ,05$).

- Para os que não têm qualquer contacto directo com o Escutismo, as diferenças de posição mais notórias existem para a *inadequação ao presente* e as diferenças de posição menos notórias existem para *demasiada hierarquia*. Apreciações que poderão derivar da pouca visibilidade social do Escutismo, que não se dá a conhecer, com algum pormenor, para lá daqueles que o frequentam. Em relação ao *autoritarismo*, às *chefias pouco preparadas*, à *desorganização*, à *muita dependência da Igreja*, às *regras em excesso* e à *vivência à parte da sociedade* as diferenças não são relevantes ($p < ,05$).

Uma apreciação que se cinja às idades mais avançadas, na comparação entre grupos, demonstra que os que são ou que foram escuteiros são mais críticos em relação a *autoritarismo*, a *chefias pouco preparadas*, a *demasiada hierarquia* e a *desorganização*. Os outros são tendencialmente mais críticos em relação a *inadequação ao presente*, a *muita dependência da Igreja* e a *vivência à parte da sociedade*. Parece existir coincidência quanto à apreciação de *regras em excesso*.

Manifestam-se a partir dos graus de escolaridade. Não existe aqui linearidade entre apreciações menos favoráveis e graus de escolaridade mais elevados: são quase sempre divergentes entre escuteiros e não escuteiros. Os testes de associação revelam que a intensidade das apreciações se altera entre as palavras e as expressões consideradas, não alcançando em qualquer circunstância valores globais correspondentes a metade da escala e que é sempre mais evidente entre os que nunca foram escuteiros do que os que são ou que já foram escuteiros. Os primeiros têm tendência a criticar independentemente dos graus de escolaridade. Daí que as diferenças de valores apenas se façam sentir em relação a três aspectos, enquanto que para os segundos elas estão presentes em cinco dos oito aspectos considerados.

Para os que são ou foram escuteiros, por ordem decrescente nas apreciações, as diferenças de posição mais notórias existem:

- Para as *chefias pouco preparadas*, com posições mais críticas, por ordem decrescente, para os que têm pós-graduação, mestrado ou doutoramento, curso superior e ensino unificado ou equivalente ($p = ,000$; $F = 12,192$).
- Para *autoritarismo*, com posições mais críticas, por ordem decrescente, para os que têm ensino unificado ou equivalente, ensino preparatório e pós-graduação, mestrado ou doutoramento ($p = ,000$; $F = 5,320$).
- Para *desorganização*, com posições mais críticas, por ordem decrescente, para os que têm pós-graduação, mestrado ou doutoramento, curso superior e ensino unificado ou equivalente ($p = ,007$; $F = 3,194$).
- Para *inadequação ao presente*, com posições mais críticas, por ordem decrescente, para os que têm ensino primário, pós-graduação, mestrado ou doutoramento e ensino superior ($p = ,033$; $F = 2,437$).
- Para *vivência à parte da sociedade*, com posições mais críticas, por ordem decrescente, para os que têm pós-graduação, mestrado ou doutoramento, ensino unificado ou equivalente e ensino primário ($p = ,000$; $F = 5,068$).

Para os que nunca foram escuteiros, por ordem decrescente nas apreciações, as diferenças de posição mais notórias existem:

- Para as *chefias pouco preparadas*, com posições mais críticas, por ordem decrescente, para os que têm ensino preparatório, pós-graduação, mestrado ou doutoramento e ensino secundário ($p = ,018$; $F = 2,734$).

- Para *demasiada hierarquia*, com posições mais críticas, por ordem decrescente, para os que têm ensino preparatório, ensino superior e pós-graduação, mestrado ou doutoramento ($p = ,042$; $F = 2,311$).
- Para *vivência à parte da sociedade*, com posições mais críticas, por ordem decrescente, para os que têm ensino preparatório, ensino superior e ensino primário ($p = ,018$; $F = 2,754$).

Considerando, para o estado civil, as categorias de solteiros e de casados e de união de facto, com excepção da crítica a *chefias pouco preparadas*, todas as outras palavras e expressões são mais acentuadas, com valores médios superiores, por parte daqueles que não têm qualquer relação directa com o Escutismo, sem que, para eles, as diferenças sejam estatisticamente significativas ($p <,05$). Os que são ou foram escuteiros apresentam respostas de intensidade diferenciada ($p <,05$) em relação a *chefias pouco preparadas*, a *demasiada hierarquia*, a *desorganização* e a *muita dependência da Igreja*.

Para os escuteiros, a frequentar ou não, os mais críticos são, com excepção de *muita dependência da Igreja* e *regras em excesso*, os casados. E para os não escuteiros os mais críticos são, quase sempre, os solteiros: assim acontece em relação a *autoritarismo*, a *chefias pouco preparadas*, a *demasiada hierarquia*, a *desorganização*, a *inadequação ao presente* e a *vivência à parte da sociedade*.

Embora as diferenças observadas entre os graus de intensidade dos respondentes com origens geográficas no litoral e no interior do País não sejam estatisticamente significativas ($p >,05$) é clara a tendência dos segundos, no caso dos escuteiros, para a adopção de posições mais críticas. E no caso daqueles que não têm qualquer relação directa com o Escutismo, são os do litoral que assumem posições mais críticas, com excepção para a de *muita dependência da Igreja* e para a *vivência à parte da sociedade*. É o reforço do que se tem vindo a observar: quase sempre este

último grupo assume posições mais críticas, como se compreende, em relação às que são manifestas pelos que têm ou tiveram vínculo ao Movimento. Assim também em relação ao espaço de residência. Neste caso, em relação aos escuteiros, regra geral, as críticas permanecem com maior intensidade se provenientes dos respondentes do interior, embora, nalguns casos, as diferenças, que nunca são estatisticamente significativas ($p > ,05$), sejam quase imperceptíveis. As críticas dos respondentes fixados ao litoral são mais expressivas apenas em relação a *demasiada hierarquia* e a *inadequação ao presente*. São de idêntica expressão em relação a *regras em excesso*. Para os que não têm qualquer relação directa com o Movimento não se esboça nenhuma tendência diferenciadora das respostas entre os que residem no litoral e os que residem no interior.

Quando consideradas as profissões e as ocupações, verifica-se que não existe linearidade entre apreciações menos favoráveis e profissões e ocupações social e economicamente mais consideradas e que as diferenças de valoração, em qualquer caso, não são estatisticamente significativas ($p < ,05$). Os que nunca foram escuteiros criticam com maior intensidade do que os que são ou foram escuteiros, aqui também com excepção da crítica às *chefias pouco preparadas*. Essa parece ser a única característica em que a regra é quebrada.

Mas existem regularidades que se mantêm entre as palavras e as expressões consideradas como menos positivas ao Movimento. Para os que são ou que foram escuteiros, comparando extremos, os respondentes com profissões de maior reconhecimento social são menos críticos de que os respondentes com o ocupações não qualificadas. A única excepção acontece em relação a *vivência à parte da sociedade*. O mesmo não acontece para aqueles que não têm qualquer relação directa com o Escutismo: com excepção de *autoritarismo*, nas restantes palavras e expressões as críticas mais emergentes surgem daqueles que exercem profissões de maior reconhecimento social, ou seja, que estão agregados nas classificações de “Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes” e “Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas”.

Parece existir aqui uma tendência contrária entre os grupos observados. A apreciação das tipologias mais consideradas na classificação nacional de profissões é mais favorável no caso dos escuteiros e mais desfavorável no caso dos não escuteiros, posições que deve conduzir a uma reflexão sobre as percepções que socialmente se fazem do Escutismo.

Uma tendência parece ser comum a escuteiros e a não escuteiros quando aos aspectos menos positivos do Movimento Ihe associámos a prática religiosa. São mais críticos aqueles que afirmam terem uma prática religiosa mais intensa. Sem excepção. E, retirando a apreciação em relação às *chefias pouco preparadas*, são mais críticos, aqui também, aqueles que não têm qualquer relação directa com o Escutismo.

Para os escuteiros as diferenças são estatisticamente significativas ($p < ,05$) para *autoritarismo*, *desorganização*, *inadequação ao presente*, *muita dependência da Igreja* – apreciação que não deixa de ser curiosa e motivo de reflexão no sentido de se poder perceber até que ponto os escuteiros, em consciência, separam ou não claramente o que são e o que representam como organização face à dimensão institucional do religioso –, *regras em excesso* e *vivência à parte da sociedade*.

Para os não escuteiros, as diferenças estatisticamente significativas ($p < ,05$) emergem em relação a *inadequação ao presente*, a *muita dependência da Igreja* e a *regras em excesso*.

De realçar que para os dois grupos são enfatizadas as diferenças em relação a *inadequação ao presente* e a *muita dependência da Igreja*.

Considerando a função educativa do Escutismo, que posições assumem os respondentes nestes aspectos menos favoráveis tendo ou não filhos? No caso dos escuteiros, são mais críticos os que têm filhos do que os que não têm: em relação a *autoritarismo* ($p > ,05$), a *chefias pouco preparadas* ($p < ,05$), a *demasiada hierarquia* ($p < ,05$), a *desorganização* ($p < ,05$), a *inadequação ao presente* ($p < ,05$) e a *vivência à parte da sociedade* ($p > ,05$), aspectos que, talvez, sejam mais percebidos pelos pais devido ao acompanhamento próximo que fazem dos seus filhos e também daquilo que os

mesmos lhes transmitirão. Verifica-se o contrário em relação a *muita dependência da Igreja* ($p >,05$) e a *regras em excesso* ($p >,05$).

Para os não escuteiros, sem distinção, as críticas são sempre mais expressivas para os que não têm filhos, com diferenças estatisticamente significativas ($p <,05$) em relação a *autoritarismo*, a *demasiada hierarquia*, a *regras em excesso* e a *vivência à parte da sociedade*.

Com a excepção da apreciação em relação a *chefias pouco preparadas* e, para os que têm filhos, para *demasiada hierarquia* e para *desorganização*, as críticas são sempre mais expressivas por parte dos não escuteiros.

*

* *

A associação de palavras e de expressões, no conjunto, descrita e comentada de forma positiva, tanto em relação aos que foram ou são escuteiros como em relação aos que não têm qualquer ligação directa ao Escutismo, remete-nos para uma das formas possíveis – e são muitas – de valorização do Movimento. A questão *o que é que o Escutismo tem de bom?* encontra respostas que põem em evidência, com diversidade em cada testemunho, importantes causas como as de:

- *Defesa da Natureza*: O Escutismo proporciona aos jovens um método de auto-aprendizagem, assente em valores e no respeito pela Natureza. Os jovens aprendem a relacionar-se entre si, vivendo em pequenos grupos. O acampamento é a expressão máxima do Escutismo, pois é nele que os jovens se reflectem: saber estar em campo, respeitar os outros, conhecer as técnicas escutistas, exercitar a fé... Tudo isto, e muito mais, constitui a essência do Escutismo. São meios para alcançar a finalidade principal: formar cidadãos responsáveis, de bom carácter, felizes e capazes de contribuir para a felicidade dos outros. E23

- *Formação moral e espiritual:* A flexibilidade do método de trabalho, a aventura, o espírito de serviço, o contacto com jovens e o desenvolvimento da espiritualidade e da fé. E14.
- *Trabalho e vida em grupo, valores, desenvolvimento:* O grupo, a mística, os valores, o ser mais. E6. [O Escutismo é uma] escola de valores que pomos em prática. E58. O desenvolvimento sadio do espírito e do corpo, o respeito pela Natureza e pelo próximo e a pedagogia da fé. E11
- *Educação:* O projecto educativo e a forma como foi concebido – a auto-educação – onde cada jovem é promotor do seu próprio crescimento assente numa relação educativa com o adulto que o ajuda a sonhar e a concretizar. E1
- *Amizade:* Solidariedade entre os escutistas, amizade, regras de boa educação, preocupações ambientais, gosto de ajudar os outros. E8
- *Disciplina e regras:* É divertido, é fixe e tem disciplina. E19. A vivência que proporciona aos jovens, o espírito de entreajuda, a interiorização de regras básicas da sociedade, o convívio, a amizade, a auto-aprendizagem, o aumento da auto-estima individual... E29

Como maior Movimento de jovens em Portugal e no Mundo, é de supor que um grande número de pessoas conheça outras que com ele tenham ligação directa. Tanto escuteiros como não escuteiros, em número elevado, 78,0 por cento e 80,6 por cento, respectivamente, têm familiares directos ligados ao Escutismo e, por isso, as ligeiras diferenças verificadas na distribuição de valores não são estatisticamente significativas ($p > ,05$). O Escutismo parece ser um Movimento extensivo da família, tal é a ligação que a ela o une, o que faz todo o sentido: a decisão de entrada para o Movimento é bastante acompanhada pela família, que nele procura o cultivo de valores, a educação paralela, a formação integral, num tempo de inserção social cuja vontade muito depende da família. As crianças e os jovens não decidem por si. São, ainda que indirectamente, conduzidos.

O grau de parentesco dos familiares ligados ao Escutismo apresenta diferenças quase que imperceptíveis entre os que são ou foram escuteiros e os que não são escuteiros ($p = ,014$; V. Cramer = ,069). A representação das categorias consideradas, por ordem de importância, é dominada pelos irmãos, 33,6 por cento dos casos, seguida pela existência no Escutismo de toda ou de parte da família, 29,2 por cento, da família colateral ou próximos, 17,9 por cento, dos descendentes, 12,2 por cento, do cônjuge, namorado(a) ou companheiro(a), 3,6 por cento, do cônjuge e filhos, 2,5 por cento, e de ascendentes e descendentes, 1,0 por cento.

E como Movimento socialmente abrangente é natural, ainda mais do que o descrito para a família, que tanto escuteiros como não escuteiros tenham amigos ligados ao Escutismo, respectivamente, 92,7 por cento e 96,4 por cento ($p = ,000$; V. Cramer = ,059). Com organização de base paroquial, é óbvio que um significativo número de pessoas conheça outras, de bom relacionamento, que estejam ligadas ao Escutismo.

Na perspectiva dos que frequentam ou frequentaram o Escutismo, existirá certamente uma relação bastante próxima entre o seu recrutamento e a presença de amigos que se situem nas mesmas faixas etárias. O tempo de frequência no Escutismo está muito associado à identificação do jovem com outros jovens, com o grupo de pares e é, por isso, natural que exista uma grande influência de rapazes e de raparigas sobre outros com as mesmas idades ou próximos delas.

Os meios sociais de conhecimento desses amigos que têm ligação directa ao Escutismo não divergem entre os que são ou foram escuteiros e os que não são ($p > ,05$). Muitos dos relacionamentos nesse conhecimento são simultaneamente da escola, do meio de residência e do trabalho, 41,0 por cento, seguidos dos relacionamentos feitos em meio escolar, 25,1 por cento, do meio de residência, 21,9 por cento, do trabalho, 5,0 por cento, ou de outras situações, 7,0 por cento.

A expressão social do Escutismo, pontuado ao longo de todo o País numa relação muito próxima com as comunidades e, em particular, com as paróquias, sobretudo para o CNE – Corpo Nacional

de Escutas, Escutismo Católico Português, justifica que se tente perceber possíveis factores importantes para o recrutamento no Movimento. Não quem poderá intervir na decisão de ingresso no Movimento. Essa exploração far-se-á um pouco mais adiante. Mas sim os motivos que levam alguém a querer ou a aconselhar que outrem ingresse e participe no Escutismo. Existirão a este nível diferenças significativas na distribuição relativa das respostas pelas opções consideradas entre aqueles que são ou foram escuteiros e os que não tem qualquer contacto directo com o Movimento? Diferenças que podem ser de número e não propriamente de ordem das alternativas existentes. Parece que sim ($p < ,05$). E essa constatação não é de todo estranha. Quem está mais inteirado, pelas vivências que tem ou que teve, sobre os propósitos do Escutismo poderá ter uma opinião formada diferente de quem não está.

Os testemunhos são elucidativas para a distribuição numérica das respostas encontradas, embora cada um apresente diversos argumentos de aconselhamento ao ingresso e à participação no Escutismo:

- *A riqueza dos valores educativos e a forma como é desenvolvida num imaginário e simbologia resumindo um projecto de felicidade. E1*
- *A boa e salutar experiência de dez anos de trilhos. E6*
- *O contacto com outros jovens da mesma idade. E7*
- *Desenvolver as seguintes competências: solidariedade entre os escutistas, amizade, regras de boa educação, preocupações ambientais, gosto de ajudar os outros. E8*
- *A defesa dos princípios referidos. A formação de uma personalidade mais sã em prol dos outros. E9*
- *O simples facto deste Movimento permitir que, de uma forma muito divertida, não pesada, uma criança seja posta perante desafios do mais variado tipo (de relação pessoal, de fé, de*

vida...) com grande simplicidade. Aprenda a lidar com eles sem estar de volta das saias dos pais e também sem ser abandonada ao vento! E24

- *A partilha, o grupo, a união e a disciplina.* E33
- *O convívio e a formação de carácter entre pares juvenis e o amor pela natureza.* E35

Por ordem de opção, consideram-se as três primeiras prioridades.

Para os que são ou foram escuteiros consideram-se:

- Em primeira opção: para *formação de uma personalidade sadia* 41,8 por cento; *por questões de valores* 22,5 por cento; *para aprender a ser autónomo* 15,7 por cento.
- Em segunda opção: *por questões de valores* 27,8 por cento; *para aprender a ser autónomo* 22,7 por cento; *para formação de uma personalidade sadia* 21,4 por cento.
- Em terceira opção: *por convivência com outros jovens* 26,1 por cento; *para aprender a ser autónomo* 21,8 por cento; *por questões de valores* 19,8 por cento.

É de realçar a recorrência dos argumentos pelas três opções. Dois mantêm-se por três opções – *por questões de valores*, *para aprender a ser autónomo* –, um está presente nas duas primeiras opções – *para formação de uma personalidade sadia* – e um outro – *por convivência com outros jovens* – surge na última opção. Parece bem expressa a ideia de que existe uma contribuição efectiva, junto dos seus membros, do Movimento na formação da personalidade, na aquisição de valores e na contribuição para a autonomização da pessoa. É aliás uma questão a renovar mais adiante aquando do tratamento do que permanece no espírito de quem, por diversas razões, incluindo a de limite de idade, deixou o Escutismo.

Dos motivos identificados aquele que menos expressão tem em todas as opções, como seria de esperar, é o *não aconselhamento*. A menos que a frequência do Escutismo seja ou tenha sido forçada ou por outra razão de descontentamento de força maior, não se compreenderia que quem

frequenta ou frequentou o Movimento desaconselhasse alguém de o fazer. Mesmo assim são 17, 0,4 por cento, e 37, 0,9 por cento, os escuteiros e os não escuteiros que, respectivamente, consideram esta opção, em qualquer dos grupos com concentração de respostas em mais de dois terços dos respondentes nas idades superiores a 23 anos.

Num teste de associação entre as razões consideradas para aconselhar alguém a aderir ao Escutismo e os aspectos menos positivos os Movimento, verifica-se, a partir destes, uma clara associação com a categoria de *não aconselhamento* ($p < ,05$), com valores médios que se destacam dos demais, tanto em relação aos escuteiros como em relação aos não escuteiros.²² Os primeiros apresentam sempre valores médios superiores aos segundos.

Para os que não têm qualquer contacto directo com o Escutismo consideram-se:

- Em primeira opção: para *formação de uma personalidade sadia* 37,2 por cento; por *convivência com outros jovens* 20,4 por cento; por *questões de valores* 19,6 por cento.
- Em segunda opção: por *questões de valores* 25,1 por cento; por *convivência com outros jovens* 22,1 por cento; para *formação de uma personalidade sadia* 21,0 por cento.
- Em terceira opção: por *convivência com outros jovens* 23,9 por cento; para *aprender a ser autónomo* 21,5 por cento; por *questões de valores* 18,2 por cento.

É de realçar a recorrência dos argumentos pelas três opções. Dois mantêm-se por três opções – por *convivência com outros jovens*, por *questões de valores* –, um está presente nas duas primeiras opções – para *formação de uma personalidade sadia* – e um outro – para *aprender a ser autónomo* – surge na última opção. Parece estar aqui mais presente a ideia de que o ingresso e a frequência

²² Para efeito de associação de variáveis – referentes à questão *O que é que o Escutismo tem de menos bom?* e *O que o levaria a aconselhar alguém a aderir ao Escutismo?* – foi apenas considerado o rol de respostas, à primeira opção da segunda variável, tidas por mais importantes.

no Escutismo estão mais associadas a convivência do que a outras valências, embora também sejam considerados as outras razões mais atinentes à formação e à aquisição de valores.

Das identificações, na primeira opção, a questão do ingresso no Escutismo por *motivos espirituais* é a que menos expressão tem face ao conjunto. Nas restantes opções, colhe menor representação a alternativa de não aconselhamento.

Em qualquer das opções, não se diferenciam as posições por género, quer os respondentes sejam ou tenham sido escuteiros quer não tenham qualquer contacto directo com o Movimento. Assim também, genericamente, em relação à associação com os grupos de idades, com os graus de escolaridade ou com as profissões e as ocupações.

É de assinalar a regularidade das posições quanto a motivos de adesão ao Escutismo e a frequência religiosa. É uma relação inversa: aconselham mais aqueles que manifestam, em qualquer das três opções, menor prática religiosa. No caso dos que são ou que foram escuteiros as diferenças entre de intensidade são estatisticamente significativas para as duas primeiras opções e no caso dos que não têm qualquer relação directa com o Escutismo essas diferenças estão presentes para as duas últimas opções ($p < ,05$).

*

* *

Tratando-se de um Movimento com expressiva representação social, com grande enraizamento comunitário, faz todo o sentido buscar orientação prospectiva simultaneamente junto daqueles que lhe estão associados e daqueles que dele nunca fizeram directamente parte.

De forma a evitar o determinismo nas respostas e a permitir mais do que um caminho para o desenvolvimento desejado do Escutismo ao longo deste século XXI consideraram-se três opções com ordem decrescente de importância. De referir que nas três a distribuição relativa das respostas se apresenta diferenciada entre os que são ou foram escuteiros e os que não se encontram a eles

directamente associados ($p < ,05$). As manifestações de interesse indiciam, de certa forma, o que em expectativa se espera do Escutismo, em leitura dupla, às vezes coincidente, dos que lhe estão ou estiverem associados e dos que não estão.

Por ordem de opção, consideram-se as três primeiras prioridades.

Para os que são ou foram escuteiros consideram-se:

Em primeira opção:

- *Adaptados e este tempo, mantendo os princípios fundadores* 47,1 por cento: Devem manter a essência do Escutismo, acompanhando a evolução das novas tecnologias para não serem ultrapassados, mas sem depender em demasia dessas novas tecnologias. E14
- *A formação dos dirigentes deve ser mais completa e exigente* 20,4 por cento: A formação de dirigentes deve ser cada vez mais completa e exigente de modo a estarem pedagogicamente mais aptos a desempenhar o seu papel. E13
- *Mais intervenientes na sociedade* 13,6 por cento: Mais ligados à Natureza que se perde dia-a-dia e ter um papel de maior intervenção na melhoria de certas situações na comunidade que os envolve. E25

Em segunda opção:

- *Mais intervenientes na sociedade* 29,2 por cento: Julgo que o Escutismo deve ser mais participativo na resolução dos problemas que afectam a sociedade, nomeadamente, deve participar activamente em movimentos de solidariedade social, de sensibilização ao nível ambiental e cívico. A distância entre a comunidade e o Escutismo deve ser minimizada de modo a promover a sua dualidade e entreajuda. E21

- *Adaptados e este tempo, mantendo os princípios fundadores* 20,8 por cento: Adaptados aos tempos e necessidades reais...e não apenas em termos saudosistas do escuteiro com referências ao século passado. E22
- *Mais preocupados com a preservação do ambiente* 19,0 por cento: Deveriam ter mais preocupações ambientais; chamar a atenção à comunidade de como é importante preservar o ambiente. E8

Em terceira opção:

- *Mais intervenientes na sociedade* 26,3 por cento: *Mais comprometidos com a vida em família, a sociedade, os outros, com Deus.* E6
- *Mais preocupados com a preservação do ambiente* 25,5 por cento: Deverão ser “homens” como nós, com consciência que a Natureza, a religião e a amizade são as melhores coisas que podemos ter. E17
- *A formação dos dirigentes deve ser mais completa e exigente* 15,7 por cento: Terão que ser pessoas mais preparadas, sobretudo os dirigentes, para poderem responder, no espírito de missão que lhes é confiado, às exigências impostas pela sociedade global. E 63

É de realçar a recorrência dos argumentos pelas três opções. Três mantêm-se por duas das opções e um – o querer que os escuteiros sejam mais intervenientes na sociedade – está presente em todas. Parece vincada a identidade escutista quando, na primeira opção, se advoga, a grande distância das restantes propostas na mesma e nas outras opções, que o Escutismo deve manter os princípios adaptando-se a este tempo. A mensagem do Escutismo prevalece forte e actual, de interesse para os seus membros e, se calhar mais do que nunca, convoca-os para os grandes desafios sociais – nossos e globais – que são os da preservação do ambiente, os da intervenção social e os da preparação daqueles que dirigem e formam as crianças e os jovens.

Talvez os seus membros reclamem para este tempo e para o futuro uma função mais consentânea com os desafios que hoje se colocam a movimentos associativos não governamentais de forma a fazerem ouvir mais e melhor as suas mensagens e a ajudar a construir um futuro melhor. Será um dos grandes desafios do Escutismo a que os seus membros não estão certamente alheados, como as suas opções parecem sugerir. Certo é que há uma aposta clara na mudança. Manter, neste século, os escuteiros tal e qual foram no século XX é, das alternativas designadas, a menos votada em qualquer das três opções.

Importa também reflectir se, neste âmbito, existem expectativas não coincidentes em função de um conjunto de variáveis sociodemográficas que o estudo teve em conta. Tratar-se-á sobretudo de fazer aqui uma descrição para lá dos pormenores e que, antes, enfatize posições distanciadas e diferenciadoras²³.

O que se espera do Escutismo neste século XXI não é de todo coincidente entre elementos do século masculino e elementos do sexo feminino ($p < ,05$), com as respostas dos primeiros a serem de maior expressividade em relação a exigência sobre a *formação dos dirigentes*, à *adaptação do escutismo a este tempo*, à *manutenção do escutismo tal e qual ele foi no século anterior*, ao apelo de um *maior comprometimento do movimento com a família, com a sociedade e com Deus*. Pelo lado feminino, a maior expressividade relativa vai para o *apelo ao intervencionismo social* e para uma *maior preocupação com a preservação do ambiente*.

Os grupos de idade também se expressão de forma não coincidente ($p < ,05$). Os que congregam maior número de respostas evidenciam as diferenças, de forma mais visível, em relação à solicitação de uma *maior intervenção social*. Esta expectativa ocupa a segunda posição na ordem de importância entre os que têm de 15 a 22 anos e a terceira posição entre os que têm entre 23 e 42

²³ Nesta apreciação consideram-se apenas as respostas dadas em primeira opção à questão *Como deverão ser os escuteiros no século XXI?*

anos. O que se compreende. Este último grupo dá maior atenção nesta segunda posição à questão da preparação completa e exigente dos dirigentes, o que corresponde certamente a uma percepção mais fundamentada, pelo tempo de vivência, sobre o funcionamento do Movimento e sobre os procedimentos de actuação daqueles que o gerem em cada unidade ou agrupamento e, bem assim, pela detenção de uma maior capacidade de observação e de crítica em função da idade e dos estudos superiores face aos grupos precedentes, que, estes sim, relevam como mais apelativo o sentido de serviço à comunidade e a necessidade de obtenção de certa projecção para lá do Movimento e do pequeno grupo de que fazem parte.

Pelo estado civil, igualmente de diferenças visíveis ($p < ,05$), verifica-se a inversão de posições entre solteiros e casados ou em união de facto relativamente à *preservação do ambiente* que, no caso dos primeiros ocupa a terceira posição relativa e, no caso dos segundos, ocupa a quarta posição relativa em substituição da assunção de uma *maior comprometimento do Movimento com a família, com a sociedade e com Deus*. A valorização desta expectativa no caso vertente faz sentido e, de alguma forma, é uma manifestação de relação estreita, já se afirmou, entre o Escutismo e a família.

A correspondência de posições existe pela associação entre graus de escolaridade e expectativas quanto aos caminhos a prosseguir pelo Escutismo neste século XXI e, quase sempre, se traduz na concentração de respostas, para lá dos 45 por cento do total, naqueles que têm maior número de anos de escolaridade ($p < ,05$). É excepção a maior preocupação com a *preservação do ambiente* que é assumida em número mais expressivo por aqueles que ocupam o espaço do ensino secundário. O que não é de estranhar. A cada vez maior sensibilização para a defesa do meio ambiente é corrente entre os jovens e é assumida nos espaços sociais que frequentam, sobretudo no meio escolar, e muito veiculada pelos meios de comunicação social. Os mais novos, em que se enquadram grande parte dos que estão na categoria descrita, tenderão a assumir de forma mais evidente a defesa do meio ambiente. De qualquer forma, para os que estão entre estes dois grupos

de escolaridade, mantém-se a tendência da maior importância relativa para as três questões de expectativa atrás descritas:

- *A adaptação dos escuteiros a este tempo, mantendo os princípios fundadores.*
- *A formação dos dirigentes mais completa e exigente.*
- *A solicitação para uma maior intervenção social pelas acções dos seus membros.*

Há uma grande concentração de posições entre aqueles que referem que pouco ou nada praticam a religião, com variações de hierarquização de expectativas, entre as terceira, quarta e quinta opções, que importa descrever ($p < ,05$). Para os que referem praticar a religião poucas vezes a terceira opção considerada é a que reclama *maior intervenção social dos escuteiros*, a quarta opção é a da *preservação do ambiente* e a quinta opção é a de um *maior comprometimento com a família, com a sociedade e com Deus*. Para os que referem quase nunca praticarem a religião a terceira opção é também a que reclama *maior intervenção social dos escuteiros*, mas a quarta e a quinta opções alternam, entre si, as posições: à frente está agora a de *maior comprometimento com a família, com a sociedade e com Deus*. E esta opção sobe aliás para a terceira posição hierárquica no caso daqueles que afirmam nunca praticarem a religião. Uma tal distribuição relativa das respostas pode parecer, à primeira vista, paradoxal. Se isolada do conjunto, ou seja, da tendência que se vem esboçando quando se aborda a questão da filiação do Escutismo à Igreja. Este crescimento do comprometimento com a família, com a sociedade e com Deus para aqueles que dizem nunca praticarem a religião reforça a ideia já expressa de que as vivências da espiritualidade no Escutismo não estão em absoluto vinculadas na instituição Igreja mas são mais de natureza introspectiva e decorrentes do quadro de valores de cada um e, bem assim, do próprio Movimento que enforma muito pela dimensão religiosa. Compreende-se que assim seja, ou não fosse o Escutismo o maior Movimento mundial de crianças e de jovens espalhado por países em que há diferenças significativas de predominância religiosa.

Um registo final para, nestas apreciações de associação, as diferenças observadas nas expectativas em função dos respondentes terem ou não terem filhos ($p < ,05$). Os primeiros reclamam mais por uma *formação dos dirigentes mais completa e exigente, pela adaptação do Escutismo ao tempo corrente, mantendo os princípios fundadores* e por um *maior comprometimento do Movimento com a família, com a sociedade e com Deus*. Para os segundos a exigência é maior em relação a considerarem que, neste século, o *Escutismo deve permanecer como no século XX* e ao apelo de uma *maior intervenção social dos escuteiros*.

Para os que não têm qualquer contacto directo com o Escutismo consideram-se:

Em primeira opção:

- *Adaptados e este tempo, mantendo os princípios fundadores* 44,2 por cento: Os princípios do Escutismo não devem mudar, senão deixava de ser Escutismo. Devemos adaptar-nos aos novos tempos, nomeadamente o progresso de cada Escuteiro deve estar a par com os novos tempos. Mas acho que se deve evitar o supérfluo... Não penso que seja preciso o Escutismo envolver-se nas novas tecnologias a 100 %. Uso de telemóveis, de electricidade, de gás, entre outros, não deve ser vistos como essenciais ou indispensáveis. E15
- *Mais interventores na sociedade* 18,2 por cento: Sem dúvida ainda mais activos e participativos em termos sociais. Envolverem-se mais em campanhas solidárias. Talvez...actualizar a farda? E9
- *A formação dos dirigentes deve ser mais completa e exigente* 14,2 por cento: Refinar o que é realmente importante (aplicação da metodologia escutista) e desvanecer o acessório (burocracia). E26

Em segunda opção:

- *Mais intervenientes na sociedade* 36,2 por cento: Mais comprometidos com a vida em família, a sociedade, os outros, com Deus. E6
- *Mais preocupados com a preservação do ambiente* 21,5 por cento: Mais maleáveis a nível organizacional; com mais presença dos valores artísticos contemporâneos, com uma nova visão do religioso nas suas vidas e com um redobrado conhecimento e defesa da Natureza. E35
- *Adaptados e este tempo, mantendo os princípios fundadores* 17,4 por cento: Deverão manter os mesmos valores e objectivos dos escuteiros do século anterior, mas utilizando, sempre que adequado, meios diferentes. E38

Em terceira opção:

- *Mais intervenientes na sociedade* 26,9 por cento: Deverão continuar a viver e divulgar a mensagem de Baden-Powell com a respectiva aproximação à realidade e às alterações da sociedade em que estão inseridos. E11
- *Mais preocupados com a preservação do ambiente* 25,7 por cento: Mais maleáveis a nível organizacional; com mais presença dos valores artísticos contemporâneos, com uma nova visão do religioso nas suas vidas e com um redobrado conhecimento e defesa da natureza. E35
- *Adaptados e este tempo, mantendo os princípios fundadores* 18,7 por cento: Mais actualizados à realidade da vida de hoje, mas nunca sem perder os princípios e forma de formar jovens, homens de amanhã. E5

Permanece aqui a recorrência de argumentos pelas três opções. Dois mantêm-se pelas três opções – *adaptados e este tempo, mantendo os princípios fundadores e mais intervenientes na sociedade* –,

uma está nas segunda e terceira opções – *mais preocupados com a preservação do ambiente* – e a *formação mais completa e exigente dos dirigentes* está presente apenas na primeira opção.

As preocupações manifestas pelos escuteiros coincidem com as preocupações manifestas por aqueles que não têm relação directa com o Movimento. É reconhecida a *necessidade de adaptação ao tempo presente*, a *intervenção social* e a *preocupação com as questões do ambiente* e reclama-se a *maior preparação dos dirigentes*, numa sociedade que, obviamente, exige maior preparação de quem forma. É preciso entender que o escuteiro padrão tem hoje, a par com a evolução social, uma formação escolar média bastante superior à que caracterizava no passado o Movimento.

Uma apreciação mais aturada – para aqueles que são ou que foram escuteiros – pela associação entre as opções consideradas para o que devem ser os escuteiros no século XXI e os aspectos tidos por menos abonatórios do Movimento esboça tendências que, apesar de esperadas, são passíveis de reflexão. Esperadas porque há correspondência ($p < ,05$) entre os graus de concordância dos aspectos menos positivos do Movimento e a intensidade nas respostas sobre os caminhos a seguir, ou seja, quanto maior a concordância com os primeiros menor é a acentuação dos segundos.

As opções, entre quem *não concorda* ou *concorda apenas parcialmente* e quem *concorda assumidamente* com as críticas, colocam na mesma hierarquia de prioridades o que se quer para o Movimento: em primeiro lugar, os escuteiros *devem ser adaptados a este tempo, mantendo os princípios fundadores*, em segundo lugar *a formação dos dirigentes deve ser mais completa e exigente* e, em terceiro lugar, *devem ser mais intervenientes na sociedade*. É assim em relação a todas as opções consideradas: *autoritarismo, chefias pouco preparadas, demasiada hierarquia, desorganização, inadequação ao presente, muita dependência da Igreja, regras em excesso, vivência à parte da sociedade*. Mas já não é de todo assim quando, a propósito das segunda e terceira prioridades, as respostas são dadas por aqueles que não têm qualquer relação directa com o Movimento: quase sempre o sentido altera entre elas. O que é terceira prioridade para os

escuteiros é agora segunda prioridade para os não escuteiros, o que significa que socialmente se reclama, implicitamente, maior visibilidade e intervenção dos escuteiros.

A associação dos caminhos a considerar para os escuteiros neste século XXI com os motivos de aconselhamento para que alguém possa aderir ao Movimento reforça, em primeiro lugar, que, nos dois grupos, preside a opção de que deve haver *adaptação ao tempo presente sem se perder os princípios fundadores* e tem, nas três alternativas mais votadas, por ordem de importância, adeptos no contributo do Movimento para a *formação de uma personalidade sadia*, na adesão *por questões de valores* e como *forma de aprendizagem para a autonomização*. Como terceira alternativa para os que não têm qualquer relação directa com os escuteiros considera-se que o Movimento assume a função de promotor de *espaço de convivência entre os jovens*.

Sobretudo pelos motivos aduzidos, os escuteiros não devem permanecer como os do século XX. Nas três opções esta voltou a ser a alternativa menos escolhida.

Quando apreciadas as expectativas destas pessoas em relação ao futuro do Escutismo, ao que ele deve ser ao longo do século XXI, observam-se, tal como para os que são ou que foram escuteiros, diferenças entre categorias das variáveis associadas.

Numa apreciação de género, é maior a importância relativa dos elementos do sexo masculino em relação à formação dos dirigentes, que clamam por mais completa e exigente, para a ideia de que *os escuteiros de hoje se devem manter como os do século XX* e para a *maior preocupação com a preservação do ambiente*. Para os elementos do sexo feminino sobressaem a *adaptação do Movimento a este tempo, mantendo os princípios fundadores*, o *maior comprometimento com a família, a sociedade e com Deus* e a *maior intervenção social* ($p < ,05$).

Nos grupos de idade, referido apenas os que congregam o maior número de respostas, registam-se diferenças mais visíveis ($p < ,05$) para as posições relativas entre as quarta e quinta opções. Para o grupo de idades situado entre os 23 e 42 anos, a quarta opção é a da *maior preocupação com a*

preservação do meio ambiente e a quinta opção é a de um *maior comprometimento com a família, com a sociedade e com Deus*. Esta última opção afirma-se, subindo de posição, para os que têm entre 43 e 62 anos, justamente, pode dizer-se, o grupo de idades que mais abarca – até por mais do que uma geração – o espectro da família e, bem assim, a consciência da intervenção em prol dos outros e, muito em particular, dos que lhes são próximos.

Continuam a manifestar-se, tal e qual se observou para os que são ou que foram escuteiros, as diferenças na distribuição de posições em relação à prática religiosa ($p < ,05$). A variação mais significativa é aqui, de novo, a que respeita à assunção do Escutismo com um *maior comprometimento com a família, com a sociedade e com Deus*. Há uma subida de tipo exponencial desta opção de resposta entre os que afirmam que quase nunca praticam a religião e os que afirmam que nunca a praticam, passando a mesma da quarta para a terceira posição hierárquica em substituição da que reclama uma maior *intervenção social dos Escuteiros*.

As diferenças estão ainda presentes, aqui também, entre os que têm e os que não têm filhos ($p < ,05$). Os primeiros reclamam de forma mais expressiva por uma *formação dos dirigentes mais completa e exigente* e por uma *adaptação do Movimento ao tempo presente, sem que ele perca os princípios fundadores*. E os segundos pugnam mais pela *permanência do Movimento tal e qual ele foi no século XX, pelo seu maior comprometimento com a família, com a sociedade e com Deus, pela sua maior intervenção social e pela maior preocupação dos escuteiros com o ambiente*.

Parece, no essencial, obvia a coincidência de posições quanto ao que devem, agora e no futuro, ser os escuteiros entre aqueles que deles fazem ou fizeram parte e aqueles que a eles não se encontram directamente associados. Como realidade micro integrada na sociedade global não seria de esperar uma marcada diferenciação de posições, embora, assim se fez referência, a distribuição relativa de valores não coincida de todo.

A grande maioria dos constituintes da amostra, 81,0 por cento, é ou já foi escuteiro e, em representação muito elevado, 90,5 por cento, associados ao CNE – Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português seguidos, 6,4 por cento, dos associados à AEP – Associação de Escoteiros de Portugal. A restante distribuição faz-se por outras associações.

Será interessante perceber-se se os elementos de distinção presidem sobre os elementos de união entre associações escutistas ou se apenas espelham a dimensão estrutural a que se encontram vinculadas, ou seja, a sociedade nacional e global de que fazem parte. E nesta perspectiva apresenta-se uma análise comparativa de questões essenciais consideradas no estudo entre as duas associações que, de partida, parece assumirem algumas diferenças de posicionamento – a AEP, Associação dos Escoteiros e Portugal, e o CNE, Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português –, sendo que as mesmas apresentam, embora com grandes distâncias entre elas, maior expressão numérica de membros associados face às demais.

Em que diferem estas associações? Diferem em relação à nacionalidade dos seus associados. Os estrangeiros são em número relativo mais expressivo na AEP ($p < ,05$), o que, de certa forma, se compreende se tomarmos em consideração que anteriores vivências no Escutismo estarão associadas a países de religião dominante não católica uma vez que a totalidade dos respondentes nesta condição é proveniente de países pertencentes à União Europeia.

É também visível a diferença na distribuição de valores relativos para com a existência ou não de familiares directamente associados ao Escutismo ($p < ,05$). No caso do CNE é bem mais expressivo o número relativo de respondentes que têm familiares directos associados ao Movimento, 84,8 por cento contra 70,6 por cento na AEP. E bem assim em relação àqueles que têm amigos ligados ao Escutismo ($p < ,05$).

São visíveis as diferenças na distribuição relativa das respostas em relação aos motivos de ingresso no Escutismo ($p < ,05$), muito em particular para as categorias por *sugestão dos pais*, com 18,8 por

cento de respostas no CNE e com 9,7 por cento de respostas na AEP, e por *aventura*, com 12,4 por cento das respostas no CNE e com 19,0 por cento das respostas na AEP.

É mais expressivo o número relativo daqueles que ainda frequentam o Escutismo no CNE, 72,8 por cento, do que na AEP, 62,8 por cento ($p < ,05$), embora, por tradução de número de anos, as diferenças não se distanciem ($p > ,05$): no caso do CNE as pessoas permanecem, em média, 13 anos, e para a AEP o tempo correspondente é de 12 anos.

No CNE o abandono ocorre, em média, aos 22 anos, a corresponder justamente com o final do percurso regular no Movimento, e na AEP esse abandono acontece, em média, aos 20 anos.

Não é coincidente o rol hierarquizado de justificações sobre o que permanece da mensagem do Escutismo. E a apreciação da importância relativa de cada uma das justificações encontradas – na perspectiva de uma abordagem que vise, de facto, saber se as duas associações se definem mais pelas semelhanças do que pelas diferenças entre si – parece relevante. Das treze possibilidades de resposta, apenas a quinta e a décima terceira coincidem, respectivamente, *responsabilidade pessoal e social* e *sentimento de fé especial*.

Uma descrição por categorias de respostas deixa perceber as dissemelhanças de percepção e, pode afirmar-se, as vivências entre escuteiros das duas associações. Por ordem alfabética, a distribuição de posições e de valores é a seguinte:

- *Companheirismo* representa para a AEP a primeira posição e 26,3 por cento das respostas e para o CNE a terceira posição e 13,5 por cento das respostas.
- *Convivência* representa para a AEP a sétima posição e 3,1 por cento das respostas e para o CNE a nona posição e 2,4 por cento das respostas.
- *Educação diferente* representa para a AEP a oitava posição e 2,7 por cento das respostas e para o CNE a sétima posição e 3,7 por cento das respostas.

- *Espírito de serviço aos outros* representa para a AEP a sexta posição e 6,7 por cento das respostas e para o CNE a quarta posição e 12,2 por cento das respostas.
- *Experiência de vida* representa para a AEP a terceira posição e 17,9 por cento das respostas e para o CNE a segunda posição e 15,8 por cento das respostas.
- *Outra opção* representa para a AEP a décima segunda posição e 0,4 por cento das respostas e para o CNE a décima posição e 1,3 por cento das respostas.
- *Preocupação em deixar um mundo melhor* representa para a AEP a segunda posição e 18,8 por cento das respostas e para o CNE a primeira posição e 24,2 por cento das respostas.
- *Respeito pelo semelhante* representa para a AEP a décima primeira posição e 0,9 por cento das respostas e para o CNE a oitava posição e 2,7 por cento das respostas.
- *Responsabilidade pessoal e social* representa para a AEP a quinta posição e 9,8 por cento das respostas e para o CNE a quinta posição e 11,7 por cento das respostas.
- *Saudade* representa para a AEP a décima posição e 1,3 por cento das respostas e para o CNE a décima primeira posição e 1,3 por cento das respostas.
- *Sensibilização para a defesa da Natureza* representa para a AEP a nona posição e 2,2 por cento das respostas e para o CNE a décima segunda posição e 0,7 por cento das respostas.
- *Sentimento de fé de forma especial* representa para a AEP a décima terceira posição e 0,0 por cento das respostas e para o CNE a décima terceira posição e 0,6 por cento das respostas.
- *Valores como honra e lealdade* representa para a AEP a quarta posição e 9,8 por cento das respostas e para o CNE a sexta posição e 9,8 por cento das respostas.

As categorias descritas, correndo embora a possibilidade de se efectuar uma análise grosseira, com validade, porém, decorrente da garantia de comparabilidade, sob o ponto de vista da resposta a uma questão central deste estudo – o que socialmente representa o Escutismo, em que medida se constitui como factor de formação humanista, valorativa, que permanece, para aqueles que o frequentam – são agregadas em dois grupos: o que congrega categorias tradutoras de descrições de que o Escutismo representa sobretudo uma experiência de benefícios pessoais – onde cabem *companheirismo, experiência de vida, convivência, saudade e sentimento de fé de forma especial* – e o que congrega categorias tradutoras de descrições passíveis de maior amplitude social e com repercussões focalizadas no que cada indivíduo faz, pensa e é face aos demais – onde cabem *preocupação em deixar um mundo melhor, valores como honra e lealdade, responsabilidade pessoal e social, espírito de serviço aos outros, educação diferente, sensibilização para a defesa da Natureza e respeito pelo semelhante*.

Tomando por opção esta classificação e considerando a descrita distribuição desigual de valores ($p < ,05$), verifica-se que o grupo tradutor de benefícios pessoais representa 48,7 por cento de respostas no caso dos escuteiros da AEP e representa 33,7 por cento das respostas no caso dos escuteiros do CNE. Dito pelo inverso, para a AEP e para o CNE, 51,3 por cento e 66,3 por cento das respostas, respectivamente, estão associadas a opções que representam, de alguma forma, a presença de um pensamento orientado para a acção com repercussões sociais. E desse ponto de vista, das vivências do Escutismo no CNE parece permanecer um pouco mais um conjunto de mensagens centradas no e para o outro em prol da sociedade e não centradas na formação com efeitos directos naqueles que usufruem do Movimento, como parece ser mais relevante na AEP. Do que se disse, importa, porém, relativizar pelos valores apresentados que marcam pequenas distâncias nas ténues “fronteiras” descritas.

E que posições manifestam os respondentes face à relação que deve existir entre o Escutismo e a Igreja? Esta é uma questão em que, à partida, como se verifica, são esperadas diferenças na distribuição relativa do número de respostas pelas categorias consideradas ($p < ,05$), porque se reporta, nem mais nem menos, à dimensão de identidade de cada associação que, ao invés de as unir, as separa. Mas neste desiderato entre uma associação não confessional – a AEP – e uma associação de vincula à Igreja Católica – o CNE – serão as distâncias assim tão significativas?

Em descrição por ordem alfabética, as dissemelhanças são as seguintes:

- *Nenhuma relação do Escutismo com a Igreja* representa para a AEP a segunda posição e 20,3 por cento das respostas e para o CNE a oitava posição e 0,5 por cento das respostas.
- *Não é fundamental para o Escutismo* representa para a AEP a primeira posição e 38,6 por cento das respostas e para o CNE a quarta posição e 6,3 por cento das respostas.
- *Não deveria ser tão grande* representa para a AEP a terceira posição e 14,7 por cento das respostas e para o CNE a terceira posição e 11,2 por cento das respostas.
- *Dependente da relação da Igreja com a sociedade* representa para a AEP a sexta posição e 5,6 por cento das respostas e para o CNE a quinta posição e 5,4 por cento das respostas.
- *De maior aprofundamento* representa para a AEP a oitava posição e 0,5 por cento das respostas e para o CNE a sexta posição e 4,7 por cento das respostas.
- *De cooperação* representa para a AEP a quinta posição e 6,1 por cento das respostas e para o CNE a segunda posição e 18,1 por cento das respostas.
- *De comunhão de valores* representa para a AEP a quarta posição e 11,7 por cento das respostas e para o CNE a primeira posição e 53,1 por cento das respostas.
- *Outra posição* representa para a AEP a sétima posição e 2,5 por cento das respostas e para o CNE a sétima posição e 0,8 por cento das respostas.

Correndo aqui também o risco de se produzir uma reflexão produto de uma análise simplista e grosseira – suportável pelo garante da comparabilidade –, faz-se a agregação dual das opções consideradas. As que representam a relação entre o Escutismo e a Igreja como dispensável – *outra opção, nenhuma, não é fundamental para o Escutismo* – e as que representam a relação do Escutismo com a Igreja como desejável e a existir em maior ou em menor intensidade – *não deveria ser tão grande, dependente da relação da Igreja com a sociedade, de maior aprofundamento, de cooperação e de comunhão de valores*.

E por esta agregação as manifestas dissemelhanças entre a AEP e o CNE estão, de facto, presentes. A expressão das respostas que enquadram essa relação dispensável entre o Escutismo e a Igreja é de 61,4 por cento para a AEP e de 7,5 por cento para o CNE e, ao invés, a que evidencia a existência dessa relação com maior ou com menor intensidade é de 38,6 por cento para a AEP e de 92,5 por cento para o CNE.

É também necessário contextualizar e relativizar os valores apresentados sobre esta questão, procurando-se evitar a produção de juízos deterministas para qualquer das associações, tal e qual já se percebeu, por exemplo, na relação entre confissão religiosa a que os respondentes estão vinculados – maximamente católica – e a regularidade das práticas que afirmam ter – bastante baixa. Quer-se com isto afirmar que a AEP não renega, nas respostas fornecidas, ligação à Igreja, apenas não a vincula ao Escutismo, tal e qual a idiossincrasia que caracteriza e não propriamente as manifestações de foro individual de cada um dos seus membros que, antes de mais, integram um todo social e cultural de que a religião, em particular a católica, faz parte integrante.

Em que se aproximam estas associações? Em relação aos grupos de idades dos que as frequentam, ao género em número, ao estado civil, aos graus de escolaridade, aos espaços de naturalidade e de residência, à vinculação ao trabalho – em ambos os casos cerca de 70 por cento dos respondentes não trabalha – às áreas de trabalho, à confissão religiosa – 99,5 por cento e 99,2

por cento dos respondentes, respectivamente, na AEP e no CNE são católicos. É aliás nesta última associação em que há mais espaço de participação a pessoas com outras confissões: ortodoxa, protestante, outra cristã, judaica, muçulmana e outra não cristã, esta presente também na AEP. Na regularidade da prática religiosa que, embora de forma quase imperceptível, é superior na AEP, nas dimensões médias da família de origem e de gestação, no manifesto conhecimento sobre o Movimento que é, assumidamente, nas categorias *bom* e *muito bom*, perto dos 100 por cento.

Não existe qualquer distanciamento relevante entre as associações em relação ao número de palavras e de expressões com associação possível ao Escutismo, nem mesmo para com questões do foro religioso e, em particular, para a Igreja. A única exceção reporta-se à palavra *Natureza* que é assumida, comparativamente, com maior expressividade pelos escuteiros do CNE ($p < ,05$).

Na mesma dimensão – que é pouco expressiva – estão as críticas ao Movimento até, no essencial, em relação à ordem de importância que lhes é atribuída. Criticam, antes de mais, as *chefias pouco preparadas* e, em seguida, referindo as três de maior dimensão numérica, a *muita dependência da Igreja*, a *demasiada hierarquia* e o *autoritarismo*. Em ordem de grandeza relativa coincidem nos argumentos para a aconselhar alguém a aderir ao Escutismo com o argumento da *formação de uma personalidade sadia* em destaque seguido, a alguma distância, pelo argumento do *acrescento de valores* que a frequência do Movimento granjeia às crianças e aos jovens.

No essencial defendem os mesmos argumentos para o que deverá ser Escutismo neste século XXI. Em primeiro lugar, e com destaque, *adaptados a este tempo, mantendo os princípios fundadores*, seguido do apelo para a *formação dos dirigentes ser mais completa e exigente*. Talvez a distância de maior destaque relativo vá para a solicitação de uma *maior intervenção social dos escuteiros*, reclamada em 13,6 por cento das respostas no CNE e em 9,7 por cento das respostas na AEP.

Ingressa nas duas associações com a mesma idade média de 12 anos e não apresentam diferenças substanciais em relação às razões para o abandono do Escutismo. As maiores diferenças

relacionam-se com as saídas por causa do trabalho, que é de 21,7 por cento para a AEP e de 16,5 por cento para o CNE. Mas no essencial a hierarquização dos motivos é coincidente: abandona-se, em primeiro lugar, pelos *estudos* e, seguido de muito perto, pelo *trabalho*. Abandona-se depois pela *sobreposição de outras ocupações* e, com proximidade, abandona-se por as *chefias não saberem motivar*. São as razões predominantes que devem induzir a alguma reflexão, sobretudo as duas finais.

Não se verificam diferenças entre associações relativamente ao ingresso, após o abandono do Escutismo, em qualquer outro movimento associativo, embora o número relativo daqueles que o fazem seja superior em relação aos escuteiros do CNE, 19,8 por cento, do que aos escuteiros da AEP, 15,6 por cento. Nas duas associações 19 por cento dos escuteiros fez interrupção de percurso e voltou a entrar.

IV – O Escutismo para si mesmo

Poder-se-ia considerar inócuo perguntar a alguém que é ou que já foi escuteiro se conhece o Movimento Escutista: 78,9 por cento das respostas estão concentradas na categoria *muito bem* e que 17,1 por cento vertem para a categoria *bem* . Dos 4,0 por cento restantes apenas 0,4 por cento referem *não conhecer* o Movimento Escutista. Nem tanto uma vez que a questão prevê graus de apreciação e que o conhecimento, oscilando entre o conhecer *muito bem* e o *não* conhecer, pode estar dependente de factores como, por exemplo, o tempo de permanência no Movimento ou o grau de escolaridade dos respondentes.

No primeiro caso, a dependência é evidente: os escuteiros que afirmam conhecer *muito bem* permanecem em média 11,7 anos, os que afirmam conhecer *bem* permanecem em média 7,2 anos, os que afirmam conhecer *alguma coisa* permanecem em média 6,7 anos, os que afirmam conhecer *de forma vaga* permanecem em média 5,6 anos e os que afirmam conhecer só de nome permanecem em média 4,5 anos. As diferenças de média descritas entre os graus de manifesto conhecimento são significativas ($p = ,000$; $F = 34,381$).

No segundo caso, a apreciação é coincidente, ou seja, os graus de manifesto conhecimento do Escutismo aumentam globalmente com os anos de escolaridade. 16,7 por cento dos que têm apenas o ensino primário referem não conhecer o Movimento, enquanto que apenas o fazem 0,4 por cento dos que têm curso superior ($p = ,000$; $V. Cramer = ,066$).

Parece à partida não ser necessário estabelecer qualquer outra associação do género com as referidas variáveis. Alguns testemunhos:

- *Movimento Mundial cuja sua Missão é a educação integral dos jovens assentes nas finalidades educativas da proposta educativa de Baden-Powell e desenvolvida pela metodologia educativa “sistema de patrulhas, equipas, bandos”. E1*

- *Já quase fui escuteira, em Angola. Era um grupo liderado pelo Capelão da Força Aérea Portuguesa. Fazia-mos Teatro, o que permitia que a população, tivesse alguns divertimentos, pois era uma cidade pequena do interior. Organizava-mos as festas dos Santos Populares. Era-mos um grupo sempre activo, nas caminhadas, nos retiros e na ajuda dos mais desprotegidos. E33*
- *Conheço toda a informação sobre o Escutismo, desde as razões da sua fundação, até à organização e actividades. E35*
- *Apoio à comunidade. Não tenho qualquer contacto. E37*

A idade média de entrada para o Escutismo é de 12,1 anos (D.P. 6,9 anos), 12,3 para os do sexo masculino (D.P. 6,7 anos) e 12,4 para os do sexo feminino (D.P. 7,1 anos).

Na decisão de adesão ao Movimento, poderá estar presente mais do que um motivo, pelo que se consideraram por ordem de importância três opções.

Na primeira opção:

- *Pelos amigos 34,8 por cento: Essencialmente pela influência de amigos, pelo facto de se fazerem actividades diferentes e motivadoras (entre elas os acampamentos), por curiosidade. E30*
- *Por sugestão dos pais 17,9 por cento: Na minha opinião, raramente a entrada dos jovens para o Escutismo é por motivação própria. A maioria deve-se antes à motivação dos pais, porque foram escuteiros na sua infância ou porque sempre quiseram aderir e os seus pais nunca o permitiram. E21*
- *Por aventura 13,1 por cento: O fascínio pela aventura e a opção por uma vida sã e participativa. E48*

Na segunda opção:

- *Por aventura* 30,8 por cento: Aventura do desconhecido. E62
- *Por curiosidade* 23,7 por cento: Curiosidade, novidade, vontade de conhecer e descobrir o que é um Escuteiro. E16
- *Pelos acampamentos* 16,3 por cento: No início, é sempre a ideia dos acampamentos. E4

Na terceira opção:

- *Por aventura* 27,3 por cento: Pelo espírito da aventura e a vontade de ajudar o próximo e de conhecer a mensagem de Baden-Powell. E11
- *Por curiosidade* 23,2 por cento: Foi fundado, tive curiosidade e entrei. E41
- *Pelos acampamentos* 21,4 por cento: A vida ao ar livre, os acampamentos. E26

É grande a importância do grupo de pares e da família no processo de recrutamento das crianças e dos jovens para o Movimento. Mas também há que considerar, até porque se repetem, as dimensões pessoais da *aventura*, da *curiosidade* e dos *acampamentos*. Certo é que estes motivos, pode afirmar-se, são estruturais. Numa análise de maior complexidade, em que a eles se associam as variáveis sociodemográficas, não se verificam entre as categorias que as mesmas comportam quaisquer diferenças dignas de registo ($p < ,05$).

Para as três opções o ingresso no Movimento por *obrigação* é o que colhe menor número de respostas. É irrelevante. Segue-se-lhe, nas duas primeiras opções, o *uniforme*. Quase ninguém é levado a entrar no Movimento pelo uso do uniforme. E, na terceira opção, segue-se-lhe o irmão ou a irmã.

A grande maioria dos respondentes filiados ao Escutismo, 70,9 por cento, é activa. Em média, sem distinção de sexo, o tempo de frequência é de 13 anos. A idade média das respondentes que frequentam o Escutismo é de 28,8 anos (D.P. 10,2): de 30,8 anos para os elementos do sexo masculino (D.P. 10,7) e de 26,4 para os elementos do sexo feminino (D.P. 9,1).

Para os restantes 29,1 por cento que abandonaram o Escutismo, por resposta padrão, podem coexistir dois, três ou mais motivos referenciados, pelo que também aqui se consideraram por ordem de importância três opções.

Na primeira opção:

- Presidem os *estudos*, 20,8 por cento: Estudos. Múltiplas alternativas para a ocupação dos tempos livres (nomeadamente desporto). Alguma exigência, pouco bem vinda num contexto de facilidades. E42
- Seguidos da *sobreposição de outras ocupações*, 18,1 por cento: Falta de tempo, não se identificam com os princípios, outras ocupações ... E23
- E do *trabalho*, 17,0 por cento: Desistem porque à medida que o tempo passa, chegam responsabilidades acrescidas... É difícil conciliar certos tipos de responsabilidade (trabalho, estudos) com tantas actividades. Também há quem desista por pensar que não pertence àquele ambiente... Por arranjar um grupo de amigos diferente e para estar com esses amigos começa a faltar aos escuteiros... Enfim, penso que há variados motivos, uns mais fortes que outros. E57

Na segunda opção:

- Preside a *sobreposição de outras ocupações*, 26,9 por cento: Por muitas ocupações existentes na vida (tipo clubes de futebol, ...) e falta de empenho dos dirigentes. E54
- Seguida do trabalho, 14,1 por cento: Chega a um ponto que satura. Neste momento, parece-me que existe mais política do que Escutismo, não sabem o que querem, embora muitos seja por constituírem família e outros pelo trabalho. E45
- E dos *estudos*, 12,8 por cento: Em alguns casos por pressão dos pais relativamente a maus resultados nos estudos (retiram-nos do que mais gostam de fazer). Noutros casos por

desinteresse e desmotivação relativamente a métodos escutistas mal implementados. Ou porque não querem assumir responsabilidades, nem respeitar regras previamente combinadas. E48

Na terceira opção:

- Preside a *sobreposição de outras ocupações*, 22,1 por cento: Ser escuteiro dá muito trabalho. E com tantas ofertas no nosso mundo, nem sempre é compatível com a "última moda", seja ela o rugby, o voleibol ou a playstation. E4
- Seguida da *saturação*, 14,4 por cento: Algumas pessoas fazem-no antes de perceberem o que é ser Escuteiro. Os elementos mais antigos podem desistir por alguma saturação e rotina ou porque outras situações da sua vida colidem com o Escutismo. E13
- E por *quebra de interesse no Escutismo*, 13,4 por cento: Por sobrecarga da sua actividade fora da escola. Por desinteresse relativamente a actividades mais institucionais, nomeadamente religiosas, porque acaba o encanto, porque surgem novas oportunidades, por dissolução do grupo de amigos, por incapacidade do animador adulto. E36

É interessante verificar-se que a *sobreposição de outras ocupações* está presente nas três opções como justificação importante para a saída do Movimento e está presente, com excepção, como se compreende, para os que se encontram na faixa etária entre os 6 e os 10 anos, em todos os grupos de idades. Os *estudos* e o *trabalho* estão presentes nas duas primeiras opções.

Mas mais interessantes são as duas justificações finais apresentadas na terceira opção – a *saturação* e a *quebra de interesse no Escutismo* – que devem ser levadas em consideração como razões para um certo afastamento social face ao Movimento e até para um certo desajustamento em relação aqueles que o frequentam. Daí que se imponha estabelecer, tal e qual se faz adiante, a associação entre estes motivos e outras variáveis, como, por exemplo, a idade e o grau de escolaridade dos respondentes que estão nessa condição de abandono.

Para os que abandonaram o Escutismo, o tempo médio de permanência foi de 10 anos (D.P. 6,1), com alguma diferença entre elementos do sexo masculino, 11,5 anos (D.P. 6,7) e elementos do sexo feminino, 9,3 anos (D.P. 5,3). O género parece interferir, de facto, no tempo de permanência no Movimento ($p = ,000$; $t = 6,230$). Tem existindo, ao longo dos últimos anos, uma grande aproximação em número de frequência em relação aos lobitos e aos exploradores, o mesmo não acontecendo em relação, com equilíbrio, para as faixas etárias superiores, sobretudo para os caminheiros e para os dirigentes. À medida que o tempo de permanência aumenta, a tendência é para uma maior abandono relativo superior dos elementos do sexo feminino em relação aos elementos do sexo masculino.

O ingresso em qualquer outro movimento associativo após a saída do Escutismo ocorre para 18,8 por cento dos casos, com maior expressão nos elementos do sexo masculino, 22,5 por cento dos casos, do que nos elementos do sexo feminino, 15,0 por cento dos casos ($p = ,001$; V. Cramer = ,097).

O percurso no Escutismo também não é regular para todos os seus membros. Para 19,1 por cento dos casos, houve interrupção, ou seja, na explicação mais simples e mais observada, entraram, saíram e voltaram a entrar. Isso está ligeiramente mais presente, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas ($p > ,05$), nos elementos do sexo feminino, 20,3 por cento, do que nos elementos do sexo masculino, 18,0 por cento.

O tempo de permanência no Escutismo é, para a grande maioria dos que a ele aderem, regularmente limitado. É-o também por questões que têm que ver com percursos e com decisões individuais. Neste contexto, importa saber o que se apreende da frequência de um Movimento que, em média, cativa os seus membros por cerca de doze anos e que tem por escopo a formação de crianças e de jovens. Forma-os de facto? O que fica da mensagem do Escutismo?

Com base comunitária, mas com dimensão nacional e supranacional, o Escutismo é socialmente relevante pelos princípios que advoga e que põe em prática. Tal como a escola, é legítimo perguntarmos o que é que as pessoas retêm da sua frequência? O que fez nelas o Escutismo? Em que sentido as transformou para os valores, a cidadania, a defesa de posições muito importantes no nosso tempo, como as que se colocam em relação ao meio ambiente e, em geral, à Natureza? É que Escutismo é o maior Movimento organizado de jovens em Portugal e tem expressiva implantação mundial, congregando mais de 28 milhões de pessoas, unidades pelos mesmos ideais e pelas mesmas práticas. O que é que esses ideais e essas práticas fomentam nos jovens e quais os seus impactes sociais?

A pluralidade de respostas possíveis, também aqui, impõe a necessidade de inclusão de três opções com ordem decrescente de importância. Para cada uma delas, consideram-se as três primeiras prioridades.

Em primeira opção:

- *Preocupação em deixar um mundo melhor* 23,7 por cento: Que isto é um grupo de pessoas boas e humildes que só se preocupam em deixar o mundo um pouco melhor. E18
- *Experiência de vida* 15,7 por cento: Uma experiência de vida muito rica e muito humanizante. E1
- *Companheirismo* 14,8 por cento: Entreatajuda, companheirismo. E37

Em segunda opção:

- *Responsabilidade pessoal e social e espírito de serviço aos outros*, ambos com 15,6 por cento: Para mim - o trabalho em equipa, a responsabilidade pessoal, a preocupação com o que me envolve. E26. Serviço aos outros e amor pela Natureza. E35

- *Preocupação em deixar um mundo melhor* 13,9 por cento: Pessoas que acompanhem o desenvolvimento mas que nunca esqueçam os valores e tradições que sempre lhes foram transmitidos pelos mais velhos, que procurem “construir um mundo melhor”. E56
- *Valores como honra e lealdade* 11,8 por cento: Penso que o mais importante que cada elemento retém é que devemos ser mais simples e mais dados aos outros. Todos os valores da Lei do Escuta de uma forma geral ficam-nos na memória e começam a fazer parte da nossa vida. E12

Em terceira opção:

- *Preocupação em deixar um mundo melhor* 13,5 por cento: A relação de amizade para com todos e a irmandade escutista universal, a visão do mundo que o rodeis como um local onde pode também deixar uma mensagem positiva e de altruísmo. E11
- *Responsabilidade pessoal* 12,8 por cento: A mentalidade necessária, ou seja, a capacidade de decisão e o assumir de responsabilidades. E31
- *Valores como honra e lealdade* 12,3 por cento: Uma consciência mais sensível a valores. E34

É de realçar a recorrência dos argumentos pelas três opções. Um é permanente – *preocupação em deixar um mundo melhor* – e dois estão presentes nas duas últimas opções – *responsabilidade pessoal e social* e *valores como honra e lealdade*. Os outros três – *companheirismo e experiência de vida*, presentes na primeira opção, e *espírito de serviço*, presente na segunda opção – são também bastante recorrentes. É aliás de realçar que algumas das opções colhem bastante projecção, não existindo propriamente uma que se destaque em absoluto das demais, se se considerar o valor residual, nas três opções, para as palavras ou expressões *convivência, educação diferente, sensibilização para a defesa da Natureza e sentimento de fé de forma especial*. Definitivamente,

parece que estas duas últimas possibilidades não têm expressão significativa na formação dos escuteiros, o que, particularmente em relação à penúltima, pode ser encarado como uma lacuna na formação das crianças e dos jovens, por um lado sinal dos tempos e por outro alguma incapacidade do Movimento em cumprir um dos seus propósitos, que importa corrigir.

Para questões anteriores, percebeu-se que não existe qualquer determinismo do Escutismo em relação à religião. Pelo contrário. Mas existindo uma clara vinculação entre o ser católico e o pertencer ao Escutismo, com excepção da AEP – Associação de Escoteiros de Portugal, importa, em comparação, saber o que pensam e o que pretendem os membros do Escutismo católico e os membros do Escutismo não confessional da relação que deve existir com a Igreja. Esta questão é divisora de facto entre quem pertence a uma associação com vinculação religiosa e a quem pertence a uma associação sem vinculação religiosa ($p < ,05$). A exposição das tendências de resposta faz-se considerando três opções por ordem de importância e, em cada uma delas, consideram-se as três primeiras prioridades.

Em relação ao CNE – Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português consideram-se:

Em primeira opção:

- De *comunhão de valores* 54,7 por cento: O Escutismo ajuda a promover os valores cristãos e ajuda a compreender e passar a mensagem dos Evangelhos. No fundo, o Escutismo e a Igreja complementam a sua acção. E14
- De *cooperação* 17,7 por cento: No CNE a relação deve ser de cooperação e interacção, podendo haver outras organizações que optem por outro sentido de religião. E5
- *Não deveria ser tão grande* 10,8 por cento: Penso que a interligação não deveria ser tão grande porque há crianças que por não professarem o credo católico apostólico romano não vão para os escuteiros. E44

Em segunda opção:

- De *cooperação* 44,6 por cento: De cooperação. E18
- De *comunhão de valores* 18,4 por cento: Os escuteiros, mais do que uns meros cumpridores dos valores religiosos (que também o devem ser), devem ser uma oportunidade para a Igreja encontrar novas formas de dialogar com o mundo juvenil. A problematização do religioso deve ser vista pela Igreja como uma oportunidade para se renovar e ser criativa na sua relação com os jovens. E35
- De *maior aprofundamento* 14,2 por cento: Necessidade de um grande caminho. E1

Em terceira opção:

- De *maior aprofundamento* 32,1 por cento: No caso do CNE, são indissociáveis. É a base do desenvolvimento espiritual e profundo de cada escuteiro e é também motivação de respeito e serviço gratuito aos outros, como expressão de relação com Deus. Por outro lado, os escuteiros são um Movimento muito importante para aproximar os Jovens de Deus, e a Igreja deve reconhecer, valorizar e fomentar isso mesmo. E38
- De *cooperação* 22,1 por cento: Baden-Powell fundamentou-se numa metodologia que envolve um ritual de orações, patronos e tudo o resto, que estão interligados com a religião e são práticas correntes das nossas actividades. E30
- *Dependente da relação da Igreja com a sociedade* 14,8 por cento: Somos um Movimento católico. A Igreja deveria ter uma relação mais aberta com o Escutismo (só nos deixam ver pela frincha da porta). Também depende dos padres que fazem parte de cada agrupamento. Cultivamos mais a fé nas actividades de ar livre, do que sentados no banco da Igreja! E23

É de realçar a recorrência dos argumentos pelas três opções. Uma mantém-se pelas três opções – de cooperação – e duas mantêm-se por duas opções – de comunhão de valores, nas duas primeiras opções, e de maior aprofundamento, nas duas últimas opções – e duas surgem isoladas e como

últimas alternativas – não deveria ser tão grande, na primeira opção, e dependente da relação da Igreja com a sociedade, na última opção.

Parece existir aqui uma clara assunção do vínculo à Igreja como forma de estar no Escutismo. A igreja como marca da identidade do Escutismo. Das alternativas expressas a que equaciona a não existência de qualquer relação entre o Escutismo e a Igreja é em qualquer opção liminarmente rejeitada. O número de resposta que colhe é sempre o mais insignificante.

Em relação à AEP – Associação de Escoteiros de Portugal, consideram-se:

Em primeira opção:

- *Não é fundamental para o Escutismo* 40,6 por cento: Depende. Temos que distinguir bem se estamos a falar de AEP ou de CNE. No caso do CNE, a relação tem sido bastante cordial e próxima, principalmente com as alas mais “liberais” da Igreja, na minha opinião. No caso da AEP, é bastante relativo. Há grupos que promovem mais a temática religiosa, colaborando com determinada congregação, outros grupos que não promovem tanto, optando por deixar cada membro preferir a sua fé em “privado”. E29
- *Nenhuma* 19,2 por cento: Uma relação de respeito mutuo, sem dependências de ordem nenhuma, e com a programação de um ideário comum e respeitável. E36
- *Não deveria ser tão grande* 16,1 por cento: Penso que a interligação não deveria ser tão grande porque há crianças que por não professarem o credo católico apostólico romano não vão para os escuteiros. E44

Em segunda opção:

- *Não é fundamental para o Escutismo* 29,6: O Escutismo é um Movimento católico. Na minha opinião, não é fundamental ser católico para se ser um bom escuteiro. E8

- *Não deveria ser tão grande* 28,5 por cento: A relação entre a Igreja e os escuteiros nem sempre é a melhor por dois motivos: há casos em que passam sempre enfiados na igreja atrás do padre e há outros casos em que não ligam nenhuma à religião. E40
- *Nenhuma* 12,8 por cento: Nenhuma, só mesmo porque está escrito nos estatutos e regulamentos. E45

Em terceira opção:

Nenhuma 27,9 por cento: Como é sabido também há escuteiros não católicos, facto com o qual eu concordo, pois acho que não permitir a certas pessoas uma vida escutista por não serem católicos seria errado... E todos sabemos que cada qual tem direito à sua religião. E57

- *Não deveria ser tão grande e de cooperação*, ambas com 15,0 por cento: Na Constituição da República Portuguesa passamos a um Estado laico, onde são permitidas todas as religiões e onde a religião católica deixou de ser a religião oficial da Nação. Quando existe um Movimento que se intitula católico e, existindo movimentos congéneres que aceitam qualquer credo (AEP, por exemplo), julgo que o relacionamento CNE com a Igreja Católica deve ser de estreita colaboração. Colaboração na formação dos jovens, no seu acompanhamento como elementos de uma diocese, na sua orientação como cidadãos. No entanto, a Igreja tem de rejuvenescer para poder acompanhar as aspirações/necessidades da nova juventude para os cativar e não, contrariamente, os afastar. E46
- *Não é fundamental para o Escutismo* 12,9 por cento: Neste momento, má, não por serem escuteiros mas porque a Igreja nem sempre vê que o Escutismo exige uma maior velocidade de respostas às questões concretas e actuais dos Escuteiros. Não por estarem longe de Deus, mas por estarem longe de algumas práticas religiosas. Concordo que todos

devemos ter uma noção do Transcendente, presente nas nossas vidas e acções, mas não é o facto de um escuteiro não ser praticante que faz dele um mau homem ou mau escuteiro.

E22

Aqui é também de realçar a recorrência dos argumentos pelas três opções. Três mantêm-se pelas três opções – *não é fundamental para o Escutismo, nenhuma e não deveria ser tão grande* – e uma está presente na segunda opção – de *cooperação*.

Parece existir aqui uma clara separação em relação à Igreja. De separação e não necessariamente de oposição. É assunção do laicismo escutista e de que os valores e as funções do Escutismo não passam pela existência de qualquer vínculo com a Igreja.

Das alternativas expressas a que equaciona um *maior aprofundamento do Escutismo* com a Igreja é em qualquer opção liminarmente rejeitada. O número de resposta que colhe é sempre o mais insignificante.

*

* *

Numa análise de associação entre grupos de idades correspondentes às secções e ao género, existe uma tendência à aproximação de valores com a supremacia ligeira dos elementos do sexo masculino em relação aos que se encontram entre as secções de lobitos, 55,6 por cento, e em relação aos que se encontram na condição de dirigentes, 58,8 por cento. Para as restantes secções os números de filiação são sempre superiores para os elementos do sexo feminino em relação aos elementos do sexo masculino: mais expressivos em relação aos exploradores, 72,8 por cento, seguido dos pioneiros, 59,8 por cento, e dos caminheiros, 54,9 por cento ($p = ,000$; V. Cramer = ,167).

O Escutismo tem evoluído, já se afirmou, no sentido de uma maior aproximação em número de filiados entre dos dois sexos em correspondência com o que se tem passado noutros domínios que,

na sua génese, foram rotulados como territórios masculinos. No presente não há mais apenas ESCUTISMO PARA RAPAZES.

Já se sabe que, pela idade de frequência, quase em absoluto, os Escuteiros são solteiros. Mas, como Movimento de adesão e de permanência assente no voluntariado, importa conhecer a condição civil dos que estão em idade de serem ou de poderem ser dirigentes: são em 50,6 por cento solteiros e, pela restante metade, são casados, 45,2 por cento, com os sozinhos por separação ou por viuvez a preencherem as outras possibilidades. Há portanto uma grande disponibilidade por parte daqueles que não tem uma vida familiar constituída, que não têm, por maioria dos casos, dependentes a seu cargo, numa cenário porventura alterável com a passagem do estado de solteiros ao estado de casados, que pode ditar o afastamento de muitos deles ($p = ,000$; V. Cramer = ,239).

A maioria destes, 63,8 por cento, tem estudos superiores, estando ou não no Movimento. Não estarão a maioria uma vez que a formação superior para os que são dirigentes não é dominante em relação a graus de escolaridade precedentes. O que quer dizer que os estudos superiores, como se afirmou, estão na base do abandono do Movimento, não apenas pelo acréscimo de ocupação que impõe, mas também por n outras situações, a que não serão alheios outros interesses e o afastamento territorial entre a comunidade do agrupamento e o estabelecimento de ensino em frequência ($p = ,000$; V. Cramer = ,444). É aliás um Movimento de estudantes, com excepção óbvia dos dirigentes que, em maioria, tem ocupação e profissão ($p = ,000$; V. Cramer = ,700). O facto de termos uma maioria expressiva de respondentes com conclusão ou com frequência de estudos superiores é resultado de procedimento adoptado para a recolha de informações: o lançamento do questionário por via electrónica.

O Escutismo está enraizado onde existe expressão demográfica e é por isso, sem distinção de grupos de idade, um Movimento centrado no litoral e em particular nas grandes cidades.

De religião católica em todos os grupos de idade, em valores superiores a 90,0 por cento, com baixa correspondência prática como se verifica na sociedade global. Existe uma baixa correspondência desta vinculação com as práticas, uma vez que a maior parte dos escuteiros não estão regularmente presentes. São bastante menos os que não estão presentes na actividade religiosa de forma regular do que os que estão, em oscilação entre os 75,0 por cento e os 60,0 por cento, com valores de menor expressão para os mais novos, o que indicia uma tendência de agravamento.

A maior parte dos escuteiros tem irmãos, com oscilação entre os 66,7 por cento, para os exploradores, e os 83,3 por cento, para os dirigentes, o que reforça o princípio da influência da família na adesão ao Movimento. Uma das vias de recrutamento está nos irmãos, numa processo em cadeia entre os mais velhos, que são referência, e os mais novos.

*

* *

Do conjunto de palavras e de expressões que se podem associar, com maior ou menor identificação, ao Escutismo e que atrás foi tido em consideração para efeito de análise comparativa entre os que têm ou que tiveram relação com o Movimento e os que não têm, procura-se agora perceber como se posicionam os indivíduos em função da faixa etária em que se encontram e, bem assim, da secção de que fazem ou que fizeram parte.

Não é preocupação menor quando se pretende aprofundar a questão do contributo do Escutismo para o desenvolvimento moral e espiritual dos indivíduos, em geral para a sua formação integral, com correspondentes benefícios para a sociedade. Ainda que a permanência seja de curta duração, quer-se saber quais os efeitos da convivência orientada entre crianças e jovens, subordinada a princípios e a práticas, na formação de futuros cidadãos.

Vimos atrás que, neste domínio, estão agregadas as palavras que traduzem conhecimentos do Movimento por vivências, pelo que se justifica perceber o grau de associação entre os grupos de

idades dos indivíduos – correspondentes às secções instituídas –, de lobitos, de exploradores, de pioneiros, de caminheiros e, extra-secções, de dirigentes – e cada uma das palavras e expressões consideradas. Faz-se uma apreciação das respostas a partir do número de indivíduos que escolheu o grau mais elevado de associação na pergunta em questão: *Do que conhece do Escutismo, classifique cada uma das seguintes palavras ou expressões.* Um primeiro registo conclusivo pode ser feito: a identificação das palavras consideradas é feita no grau máximo de associação com grande expressão – com oscilação entre os 65 por cento e os 92 por cento –, como seria de esperar, em todos os grupos de idades. Neste conjunto de palavras existe porém uma diferença nas respostas obtidas pelos grupos de idades considerados: as palavras *acampamentos*, *Baden-Powell* e *caminhada*, com excepção do grupo de idades correspondente à secção dos lobitos – que, por ter baixa representação, não é considerada – consolidam-se à medida que a idade dos respondentes aumenta, ou seja, existe uma cada vez maior consciência de que o Escutismo lhes está ligado, de que é, por ordem de contraste entre os mais novos e os mais velhos, uma caminhada, de que existe uma forte ligação à Natureza e de que os acampamentos constituem marcos importantes da sua identidade e, por fim, de que o Pai fundador do Movimento é uma figura central e orientadora de que tomam conhecimento paulatinamente. Essa consolidação existe também, embora de forma mais ténue, na ordem inversa para as palavras *compromisso* e *promessa*, na medida em que a idades mais avançadas corresponde uma menor identificação das mesmas, o que parece evidente se considerarmos que existe num grande número de escuteiros o término da ligação ao Movimento motivado por diversas razões, entre as quais o desinteresse e portanto a quebra do compromisso e, ainda mais, da promessa.

Quando se analisam as apreciações a palavras e a expressões tradutoras da função educativa e formativa que não se referem em exclusivo ao Escutismo, apesar da forte identificação – com o valores a oscilar entre os 48 por cento e os 84 por cento –, a tendência é de as mesmas perderem

valorização em função do aumento da idade dos respondentes, o que, por um lado, resulta do reconhecimento de que o Movimento em paralelo concorre com outros movimentos e instituições nos domínios da sua intervenção e de que, por outro lado, pode existir uma quebra de expectativas de quem o frequenta em relação a vários princípios de orientação ética e valorativa. Estas quebras, por ordem decrescente, acontecem em relação *respeito pelas diferenças, solidariedade, disciplina, regras, aprendizagem, trabalho em equipa, educação, voluntariado, cidadania, organização e responsabilidade*. A exceção a esta tendência acontece em relação à palavra *método* que sai reforçada com o aumento da idade dos respondentes.

Para *acção, actividades e empreendedorismo*, palavras relacionáveis a questões práticas do Escutismo, verifica-se um acréscimo de importância com o aumento das idades, com valores a oscilarem entre o 49 por cento e os 78 por cento. Acontece o contrário em relação a *ocupação de tempos livres, a qualidade e a saudável*, com oscilações entre os 37 por cento e os 78 por cento, de maior reforço de posições nos grupos de idades mais jovens.

Para palavras tradutoras de sentimentos existe coerência na valoração de posições: à medida que aumenta a idade decresce a sua valorização, por ordem decrescente de importância – com oscilações entre 73 por cento e 88 por cento –, em relação a *felicidade, a juventude, a convivência, a alegria, a aventura, a companheirismo* e mesmo a *amizade*.

Palavras e expressões tradutoras de sentimentos altruístas como *partilha, apoio à comunidade e entreatajuda* perdem representação com o aumento da idade, com oscilações entre os 59 por cento e os 78 por cento, enquanto que para outras, como *espírito de serviço e equipa*, sucede o contrário, com oscilações entre 70 por cento e 75 por cento.

Embora as expectativas em relação a palavras como *Natureza, ambiente e ecologia* sejam elevadas em todos os grupos de idades, a tendência geral é para existir uma diminuição com o aumento das

idades, com valores a oscilarem entre os 53 por cento e os 82 por cento. A última destas palavras é a que colhe menor expressão numérica enquanto parte integrante do léxico escutista.

Existe uma ligeira desvalorização com a idade de que o Escutismo se relacione com *crescimento harmonioso*, com valores a oscilarem entre os 63 por cento e os 59 por cento, verificando-se o contrário em relação às palavras *mística* e *valores* que são mais consideradas pelos mais velhos, com oscilação de posições entre os 55 por cento e os 78 por cento.

Existe uma menor valorização para os indivíduos com mais idade, com oscilações entre os 40 por cento e os 65 por cento, a repercutir-se, em ordem decrescente, em relação às palavras *espiritualidade*, *religião*, *Igreja* e *Deus*.

*

* *

Das referências aos aspectos menos positivos do Movimento feitas por aqueles que o frequentam em função das suas idades sobressai, genericamente, um sentido crítico – sempre de expressão reduzida – maior dos mais velhos. Para percebermos melhor o posicionamento dos indivíduos as suas respostas foram agregadas por concordância e por discordância e os comentários serão feitos pela primeira opção que nos permite avaliar as diferenças entre grupos de idades e, por outro lado, a amplitude desses aspectos menos positivos. Os lobitos, pela reduzida participação que tiveram neste estudo, pela imaturidade das suas respostas e pela orientação que alguns possam, eventualmente, ter sofrido não são aqui considerados.

No que se afirmou é excepção a apreciação de que o Escutismo é um *Movimento autoritário*: como maior expressão no grupo de idades correspondente aos exploradores, 27,6 por cento, nos restantes grupos esses valores não ultrapassam, com os pioneiros, os 15,2 por cento.

Para as *chefias serem pouco preparadas* a apreciação é mais concordante com as idades mais avançadas. São justamente os dirigentes seguidos dos caminheiros, respectivamente com 34,0 por

cento e com 28,5 por cento, os que mais reiteram esta posição. A consciência da menor preparação daqueles que guiam as crianças e os jovens surge com a idade e, é bom dizê-lo, com a preparação dos que, em idades inferiores, frequentam o Movimento, que é hoje bem maior do que num passado relativamente próximo.

São os exploradores que mais concordam com a existência de *demasiada hierarquia*, 21,3 por cento, com decréscimo de apreciação nesta categoria nas restantes secções, em particular para os caminheiros, 13,2 por cento das respostas. O mesmo acontece, grosso modo, em relação à crítica sobre a *desorganização do Movimento*, com os exploradores a concordarem em 16,9 por cento das respostas e os pioneiros a apresentarem 10,0 por cento das respostas. Assim também para a *inadequação ao presente*, 14,7 por cento de respostas concordantes dos exploradores, contra 10,2 por cento de respostas dos caminheiros. Para as *regras em excesso* e para a *vivência à parte da sociedade*: 14,3 por cento dos exploradores contra 7,5 por cento dos dirigentes, no primeiro caso, e 15,8 por cento para os exploradores e 6,1 por cento para os caminheiros, no segundo caso.

Excepção para a questão de se considerar que os escuteiros são *muito dependentes da Igreja*. Aqui a concordância aumenta gradativamente entre os grupos de idades e, por outro lado, é a crítica que recolhe globalmente maior expressão, oscilando entre os 22,1 por cento para os exploradores e os 28,7 por cento para os dirigentes.

*

* *

Dos motivos expostos, em primeira opção, justificativos da entrada para o Escutismo sobressai em todos os grupos de idades a *influência dos amigos*, com ligeira distância de dois pontos percentuais, 37 por cento, dos exploradores em relação às restantes secções e aos dirigentes, 35 por cento. A *sugestão dos pais* surge em segundo lugar sem distâncias relevantes por grupos de idades, a oscilar entre os 16,1 por cento para os exploradores e os 19,4 por cento para os caminheiros. Com

excepção dos exploradores, que escolhem a curiosidade, com 14,5 por cento das respostas, a terceira alternativa é a *aventura* para os restantes grupos, a oscilar entre os 12,5 por cento para os pioneiros e os 13,9 por cento para os caminheiros. No motivo menos recorrente os exploradores voltam a diferir dos demais por elegerem os *acampamentos*, com 3,2 por cento das respostas, enquanto que os restantes grupos elegem a entrada no Movimento por *obrigação*, o que seria de esperar com uma exígua representação máxima de 0,4 por cento.

Quando consideramos a mesma questão, em segunda opção, prevalece em todos os grupos de idades a *aventura* como motivo dominante e com valores à roda dos 30 por cento. A alternativa que se segue em votação é a *curiosidade*, com valores a oscilar entre os 21,1 por cento para os pioneiros e os 25,6 por cento para os caminheiros. A excepção está de novo aqui com os exploradores que elegem a segunda votação pelos *acampamentos*, com 19,2 por cento das respostas. A mesma regularidade permanece na terceira alternativa mais votada: os exploradores elegem a *curiosidade* com 17,3 por cento das respostas e os outros grupos de idades e secções elegem os *acampamentos*, a oscilarem entre os 14,8 por cento para os pioneiros e os 16,6 por cento para os dirigentes.

Em terceira opção, a primeira escolha é a *aventura* para os exploradores, os caminheiros e os dirigentes, respectivamente com 32,6 por cento, 28,4 por cento e 27,6 por cento dos casos e a *curiosidade* no caso dos pioneiros, com 27,4 por cento dos casos. As segunda e terceira escolhas variam com as secções e grupos de idades e, em relação à primeira, mantêm a *obrigação* de entrada no Escutismo como alternativa menos considerada e de valores residuais.

*

* *

Na apreciação das razões que conduzem ao abandono no Escutismo por grupos de idades, encontra-se um elemento de continuidade, embora com intensidades diferenciadas: as ocupações

paralelas traduzíveis em *trabalho*, em *estudos* e em *outras ocupações*. Estas razões estão cumulativamente presentes nas três primeiras opções para os exploradores e para os dirigentes, estão presentes duas delas para os pioneiros e uma delas para os caminheiros. Os *estudos* com maior recorrência, cinco vezes: exploradores, pioneiros, caminheiros e dirigentes. O *trabalho*, três vezes: exploradores, caminheiros e dirigentes. As *outras ocupações*, quatro vezes: exploradores, pioneiros e dirigentes.

Não são coincidentes as prioridades, entre as primeiras três, assumidas por grupos de idades e secções. A opção *saturação*, por exemplo, apenas aparece na terceira prioridade para os exploradores, com 12,0 por cento das respostas. A *falta de motivação das chefias* é referida pelos exploradores e pelos caminheiros, respectivamente, na primeira e na terceira opções com 20,0 por cento e 16,3 por cento das respostas. Ou o *trabalho* que é referido como causa de abandono para os exploradores e para os dirigentes com, respectivamente, 16,0 por cento e 17,3 por cento das respostas.

*

* *

A questão do tipo de relação a existir entre o Escutismo e a Igreja, considerando as três categorias de maior expressão, apresenta uma grande homogeneidade nas respostas em todas as secções e grupos de idades consideradas.

Na primeira opção sobressaem a *comunhão de valores*, sempre a alternativa mais considerada, com oscilações entre os 49,1 por cento para os exploradores e os 53,0 por cento para os pioneiros, a *cooperação* e a posição de que a *relação não deveria ser tão grande*, com partilha entre elas pelas segunda e terceira posições, com oscilações, no primeiro caso, entre os 14,0 por cento para os exploradores e os 18,7 por cento para os pioneiros e, no segundo caso, entre os 11,0 para os dirigentes e os 15,8 para os exploradores.

Há portanto uma clara assunção de partilha entre o Escutismo e a Igreja como seria de esperar, embora exista também um apelo, quase sempre o de menor expressão, para uma *redução na intensidade dessas relações*.

Na segunda opção continuam a sobressair a *comunhão de valores*, com oscilações entre os 13,2 por cento para exploradores e os 18,2 por cento para os pioneiros, e a *cooperação*, com oscilações entre os 39,6 por cento para os exploradores e os 47,2 por cento para os pioneiros, e acrescenta-se, quase sempre em terceira posição – com excepção dos exploradores – o *desejo de um maior aprofundamento*, com oscilações entre os 11,5 por cento para os pioneiros e os 18,9 por cento para os exploradores.

Na terceira opção continuam a sobressair a *cooperação*, em segunda alternativa, com oscilações entre os 19,4 para os pioneiros e os 27,3 para os exploradores, e o *maior aprofundamento*, em primeira alternativa, com oscilações entre os 29,5 por cento para os pioneiros e os dirigentes e os 31,8 por cento para os exploradores, e acrescenta-se, sempre em terceira alternativa, a posição de que a *relação entre o Escutismo e a Igreja depende da relação que esta última for capaz de manter com a sociedade*, com oscilações entre os 14,0 por cento para os caminheiros e os 20,5 para os exploradores.

É de relevar que a alternativa menos considerada, com valores residuais, é a que advoga que *o Escutismo não deveria ter qualquer relação com a Igreja*.

Nos testes de associação realizados, tendo por variável de cruzamento os grupos de idades organizados por secções, sobressai a tendência para uma certa diferenciação na distribuição relativa de respostas entre os exploradores e os demais, com distâncias mais expressivas destes com os pioneiros, o que parece compreensível pois os grupos correspondem a fases do desenvolvimento que se traduzem em grandes mudanças físicas e psicológicas, entre a infância e a adolescência.

Conclusão

O conhecimento da sociedade sobre o Escutismo é bastante expressivo e favorável. A confirmação de que o Escutismo goza de larga aceitação na sociedade portuguesa fez emergir, por sua vez, um conjunto de indicações sobre as funções que lhe são cometidas pelo exterior, por todos aqueles que não lhe têm qualquer filiação, e pelo interior, por todos aqueles que nele militam ou militaram e conduziu mesmo, por reflexão, a que se sincopasse em título uma primeira percepção: *Discípulos de Baden-Powell* quis traduzir ao mesmo tempo a recorrência discursiva que a sociedade faz do Pai fundador e a continuação de um certo estado de orfandade ideológica em que vive o Movimento que talvez o prenda excessivamente ao passado e não o deixe estar na vanguarda do tempo que corre.

O Escutismo em Portugal, porventura com correspondência ao que se passa em muitos países, padece de alguma inépcia que urge contrariar de forma salutar – não enjeitando, como parece ser a vontade dominante, os grandes valores que lhe dão identidade – de forma a continuar a assegurar a crianças e a jovens a formação, explícita e oculta, de saberes e de valores traduzíveis em acrescentos de cidadania para os próprios e, em geral, para a sociedade em áreas para as quais todos somos convocados a intervir: a defesa do meio ambiente, da Natureza, a tolerância, a partilha ou o valor do trabalho em equipa.

Descreve-se e interpreta-se aqui o que se pode voltar a testar, para reafirmação e para aprofundamento, numa espécie de primeiro retrato orientador de possíveis visões exógenas e endógenas sobre o Movimento, tanto no plano nacional como no plano internacional, numa aproximação capaz de servir de modelo a ensaios menos generalistas e mais orientados. Sem margem para leituras sucessórias, através dos dados provenientes dos censos do CNE, percebem-se as alterações na estrutura etária e de género dentro do Movimento: aproximação em número entre os elementos do sexo feminino e elementos do sexo masculino e envelhecimento da estrutura etária

global, traduzido, no essencial, pelo desequilíbrio entre o número de dirigentes, que tem vindo a aumentar, e o número de aprendentes.

É evidente a grande concentração do número de escuteiros nas zonas urbanas e no litoral do País em clara sobreposição do mapa de distribuição demográfica vigente do País. Temos pois Escutismo sem campo e sem Natureza, mais Escutismo de reflexão e de sede, em espaço físico e fechado, do que Escutismo espontâneo e de contacto com o meio ambiente, de descoberta e de realização pela descoberta, em espaço físico aberto.

A importância de se conhecer os desígnios do Movimento, a sua evolução e a sua prospectiva, remete para a recomendação de que se impõe reformular o censo de forma a torná-lo mais funcional e adaptado, tornando-o nominativo e acrescentando-lhe questões fundamentais que permitam deslindar, em tratamento, tendências, causas e consequências em relação a diversas questões como, por exemplo, os motivos de adesão e de permanência ou as características, em termos sociológicos, dos escuteiros e dos seus agregados familiares.

A família estabelece uma importante ligação entre o Movimento e a sociedade global porque lhe reconhece importância e nele se revê, alimentando expectativas relativamente à sua capacidade formativa e educativa, na perspectiva da intrusão de valores nas crianças e nos jovens que também são os seus e que, em geral, são socialmente dominantes. Em certo sentido, deste ponto de vista, a família e o Movimento confundem-se, pelo que, numa das perspectivas possíveis, se propôs uma abordagem sistémica do Escutismo em Portugal. Se de uma maneira geral a sociedade portuguesa é hoje mais secular do que no passado, como pode o Escutismo, mesmo o Escutismo Católico Português, não padecer dessa evolução? Conclui-se que não pode.

Quando se aborda a questão sobre os aspectos menos positivos que ele contempla para aqueles que a ele não estão associados é justamente na *muita dependência da Igreja* que radica a crítica mais expressiva, no que se conhece por estereótipo, seja ele positivo ou negativo, encontrando-se

no oposto a crítica em relação à *desorganização* por a mesma se fundar naquilo que os respondentes, por serem *outsiders*, não conhecem.

Os respondentes que não têm filhos criticam com maior incidência aspectos como *autoritarismo*, *demasiada hierarquia*, *regras em excesso* e *vivência à parte da sociedade* e manifestam mais a ideia de que o ingresso e a frequência no Escutismo estão particularmente associados a convivência do que a outras valências e não tanto, por exemplo, a *motivos espirituais*. O aconselhamento para a frequência do Escutismo anda na relação inversa à prática religiosa.

Do exterior reclama-se modernização do Escutismo, maior intervenção social e maior preocupação com as questões ambientais e, porque hoje a sociedade é mais preparada e exigente, maior preparação dos dirigentes.

A separação da análise dos dados recolhidos através do inquérito por questionário entre quem frequenta ou frequentou o Escutismo e quem nunca o fez quase sempre fez emergir diferenças relevantes. As questões atinentes à medição de princípios humanistas e valorativos evidenciam as diferenças. Na verdade o Escutismo representa, pode dizer-se, uma escola para a vida, de formação de cidadãos mais sensibilizados em relação aos princípios que o definem e que lhe emprestam toda a sua identidade, ou seja, nos quais os seus membros se revêem e, bem assim, em certo sentido a sociedade global também os têm em expectativa, salvaguardando, embora, as situações em que tal não acontece.

Se esse reconhecimento exógeno existe, pelo menos em expectativa, e o sentimento e a prática de princípios doutrinários faz parte integrante de quem frequenta o Movimento bem se pode afirmar, sem reservas, que o Escutismo tem uma importante função social a cumprir que é amplamente reconhecida, embora, pelo lado da sociedade, mal conhecida, o que pressupõe por isso que em muitas questões nada ou pouco se saiba opinar em relação às suas actividades.

Os escuteiros rejeitam a ideia de que a sua participação no Movimento se defina ou restrinja na *ocupação dos tempos livres* e também não valorizam a dimensão de participação na vida comunitária que, de certa forma, é reveladora do fechamento do Movimento em relação ao exterior. Mas valorizam, é certo, bem mais do que aqueles não são escuteiros, as questões, em abstracto, do divino, mais a dimensão espiritual e menos a dimensão Igreja, com clara distinção, a este nível, entre escuteiros da AEP – Associação de Escoteiros de Portugal e escuteiros do CNE – Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português, verificando-se também que a uma maior frequência na prática religiosa corresponde uma menor “colagem” do Escutismo à dimensão religiosa e espiritual.

No interior do Escutismo, a maior crítica vai para as *chefias pouco preparadas* e a menor crítica vai para a *vivência à parte da sociedade*. E, como se verifica para os *outsiders* ao Movimento, as críticas são mais expressivas quando quem responde afirma ter maior prática religiosa. A crítica aumenta de intensidade em relação a *autoritarismo*, a *chefias pouco preparadas*, a *demasiada hierarquia*, a *desorganização*, a *inadequação ao presente* e a *vivência à parte da sociedade* quando existem filhos e, também nesta circunstância, são menos expressivas em relação a *muita dependência da Igreja* e a *regras em excesso*.

O Escutismo deve adaptar-se a este tempo mantendo os seus princípios. Esta é a opção claramente assumida por todos aqueles que conhecem o Movimento. Pelo que se descreveu ao longo da investigação, por força das circunstâncias, o Escutismo tem-se vindo a adaptar ao longo do tempo porque, ao fazer parte dela, padece com as transformações da sociedade global.

A sociedade mudou e o Escutismo prevalece. Os seus membros clamam por uma maior adaptação mas que não se destruam os valores inerentes à sua génese, que o Pai fundador doutrinou e pôs em prática e que tiveram e têm aceitação ecuménica. Rejeitam, assim, a ideia de que o Escutismo deve fazer prevalecer o *modus operandi* que esteve vigente ao longo do século XX.

Advogam, por outro lado, sobretudo os que afirmam não praticarem a religião, um maior comprometimento do Escutismo com a família, com a sociedade e com Deus.

O recrutamento das crianças e dos jovens para o Movimento fica a dever-se, no essencial, a três grandes promotores: a família, o grupo de pares e as motivações pessoais sincopadas na *aventura*, na *curiosidade* e no desejo de viver os *acampamentos*.

E a saída decorre também de três motivos preponderantes: os *estudos*, o *trabalho* e o desgaste provocado por situações como a *saturação* e a *quebra de interesse no Escutismo*, sendo as quebras mais expressivas no passar do tempo para os elementos do sexo feminino.

Os escuteiros parecem não dar relevo, por comparação a outras opções, à prevalência na sua formação diferenciada a uma maior *sensibilização para a defesa da Natureza* e *sentimento de fé de forma especial*. Revelação de alguma incapacidade em o Movimento fazer cumprir os seus desideratos, o que deve ser corrigido, em particular em relação ao primeiro propósito que é, para além de um traço da sua identidade, uma das referências mais importantes que em expectativa a sociedade continua a manter sobre o Escutismo.

Está bastante presente a consciência de que o Escutismo empresta uma contribuição relevante para o desenvolvimento moral e espiritual das crianças e dos jovens deste tempo. Essa consciência, pode não traduzir-se, no entanto, numa especificação em concreto de *n* contributos, sobretudo se os pedirmos aos que não fazem parte do Movimento. Têm em expectativa essa ideia presente mas não a sabem explicar. Evidentemente que o mesmo não se passa em relação aos que são ou que foram escuteiros, sobretudo se levarmos em consideração que a grande a maioria dos respondentes da amostra que sustenta este estudo é adulta e apresenta um considerável número médio de anos de permanência no Escutismo.

Na análise comparativa das respostas dos Escuteiros do CNE – Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português e dos escuteiros da AEP – Associação de Escoteiros de Portugal

sobressaem, a propósito das transmissão de valores do Movimento para quem o frequenta ou frequentou, mais aproximações do que diferenças marcantes, verificando-se, contudo, que os primeiros se posicionam mais pela vertente da permanência dos efeitos com retorno social do que dos efeitos com retorno centrado nos indivíduos beneficiários da acção escutista. Notória é, porém, a posição diferenciada quanto à relação do Escutismo com a Igreja: absolutamente dominante para a AEP – Associação de Escoteiros de Portugal e pouco considerada para o CNE – Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português, que considera, de facto, estatutariamente e em consciência, embora não tanto na prática, essa ligação uma marca da sua identidade. Mas também releva a posição de não desejo de maior aprofundamento entre o Escutismo e a Igreja.

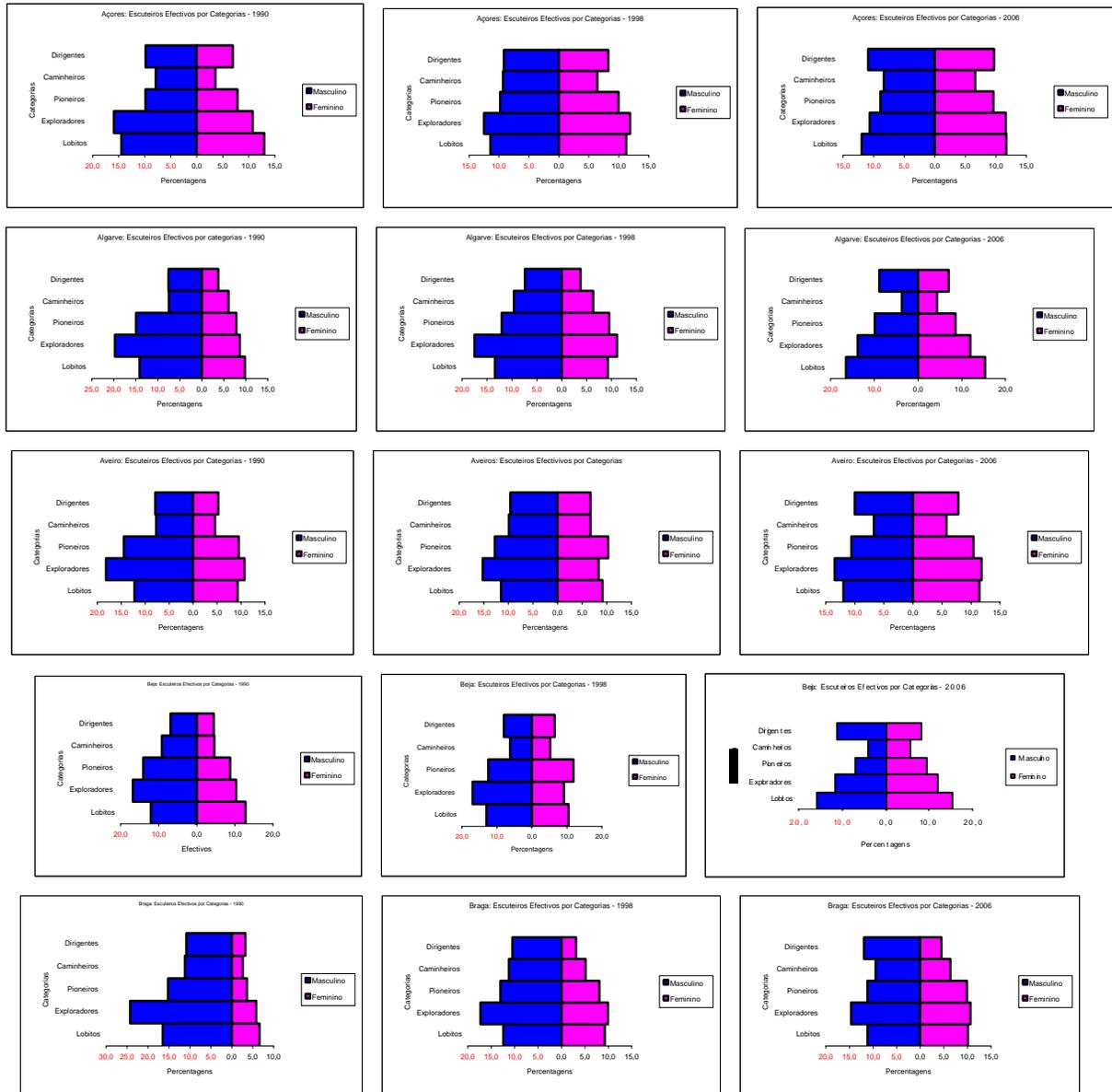
Referências bibliográficas

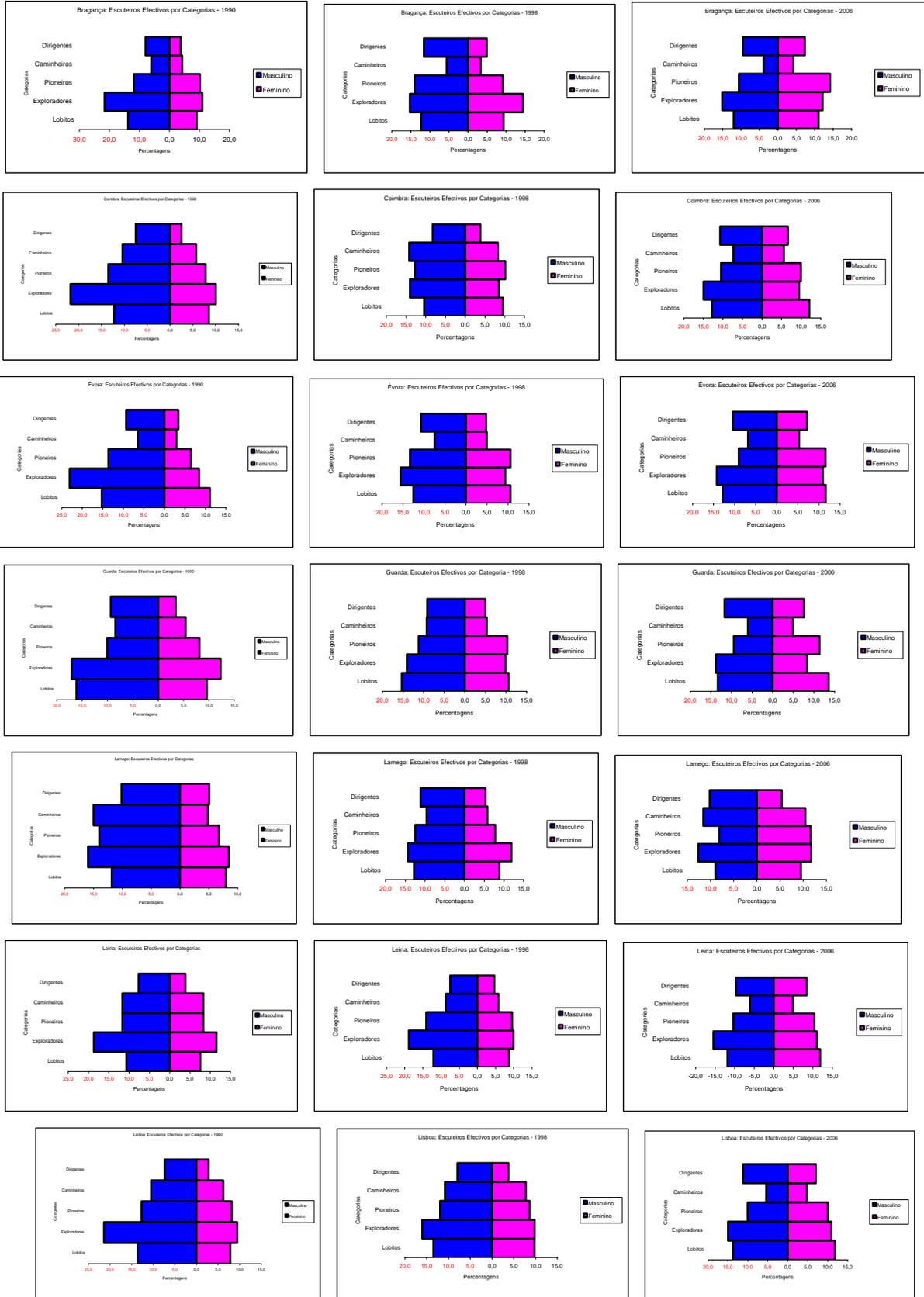
- BADEN-POWELL, Robert
2002 *Escutismo para rapazes*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas.
- BOURDIEU, Pierre
1979 *La Distinction*. Paris: Editions de Minuit.
1983 *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática.
- ELIAS, Norbert
1991 *La société des individus*. Paris: Fayard.
- FENTRESS, James e WICKHAM, Chris
1994 *Memória social. Novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema.
- FODDY, William
1996 *Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta Editora.
- GHIGLIONE, Rodolphe e MATALON, Benjamin
1993 *O inquérito. Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- GILBERT, Nigel
1996 "Research, theory and method", in *Researching social life* (edited by Nigel Gilbert). London: Sage Publications: 18-31.
- HORCAJO, J. J. Sanches e UÑA, Octavio
1996 *La sociologia. Textos fundamentales*. Madrid: Ediciones Libertaris/Prodhufi.
- JAHODA, Marie *et al.*
s.d. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, 6ª reimpressão: Editora Pedagógica e Universitária/Editora da Universidade de São Paulo (1ª ed. 1951).
- LANÇA, Isabel Babo e MAIA, Rui Leandro
2002 "Sociologia" in *Dicionário de Sociologia* (Rui Leandro Maia coord.). Porto: Porto Editora.
- LESSARD-HÉRBERT, Michelle *et al.*
1994 *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- O'BRIEN, Martin
1996 "Social research and sociology", in *Researching social life* (edited by Nigel Gilbert). London: Sage Publications: 1-17.
- PESTANA, Helena Maria e GAGEIRO, João Nunes
2003 *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa, 3ª ed.: Edições Sílabo (1ª ed. 1998).
- POIRIER, Jean *et al.*
1995 *Histórias de vida. Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUD, Luc Van
1992 *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- STRAUSS, Anselm
1994 *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge: Cambridge University Press (1ª ed. 1987).
- TOURAINÉ, Alain
1996 *O retorno do actor. Ensaio sobre sociologia*. Lisboa: Instituto Piaget.

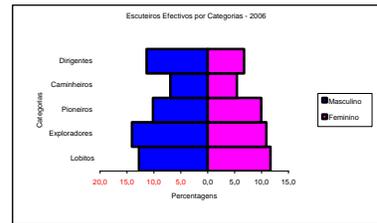
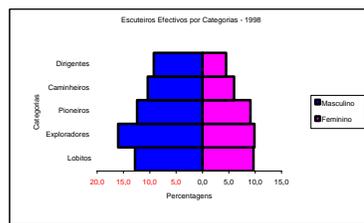
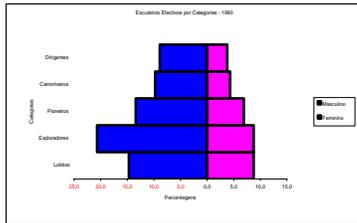
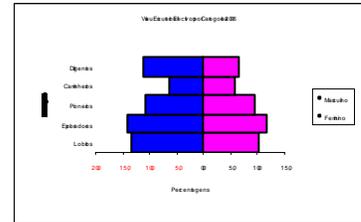
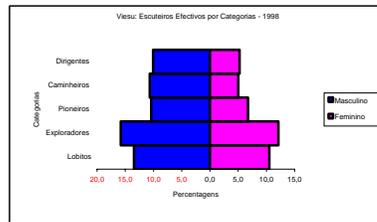
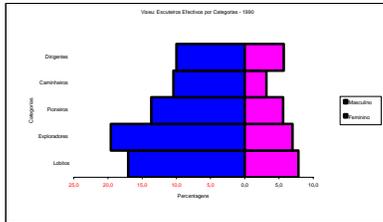
Anexo I

Representação em pirâmides das secções e dos dirigentes por regiões: 1990, 1998, 2006

Os associados do CNE são aqui retratados por regiões, correspondentes com a divisão territorial em uso, ao longo de três momentos correspondentes com uma divisão temporal equitativa para que seja possível fazer a observação da evolução estrutural por género e por importância relativa de cada secção e dos dirigentes face ao conjunto. As regiões são apresentadas por ordem alfabética e, em exposição última, é feita a síntese para a estrutura do País. Conforme se afirma ao longo do texto, duas tendências, mais ou menos coincidentes em todas as regiões, sobressaem: a aproximação em número dos elementos do género feminino aos elementos do género masculino e o envelhecimento marcado sobretudo pelo aumento relativo dos dirigentes em relação aos aprendentes.







Anexo II

Entrevistas Semi-Directivas

ENTREVISTA 1

44 anos, sexo masculino, naturalidade e residência em São Mamede de Infesta, Matosinhos, associado do CNE, há 36 anos, frequência ensino superior, assessor administrativo, no Porto, conhece os escuteiros:

Movimento Mundial cuja sua Missão é a educação integral dos jovens assentes nas finalidades educativas da proposta educativa de Baden-Powell e desenvolvida pela metodologia educativa "sistema de patrulhas/equipas/bandos".

O que é que o escutismo tem de bom?

O projecto educativo e a forma como foi concebido, pela auto-educação, onde cada jovem é promotor do seu próprio crescimento, assente numa relação educativa com o adulto, que o ajuda a sonhar e a concretizar.

E o que é que tem de menos bom?

Quando a lei do escuta não é a expressão máxima dos valores.

O que o levaria a aconselhar alguém a frequentar ou a motivar um filho a frequentar os escuteiros?

A riqueza dos valores educativos e a forma como é desenvolvida num imaginário e simbologia resumindo um projecto de felicidade.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Crianças, adolescentes, jovens apaixonados pelos valores.

O que fica da mensagem dos escuteiros?

Uma experiência de vida muito rica e muito humanizante.

Para quem é ou já foi escuteiro ou se acha que pode responder a esta questão. Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Necessidade de um grande caminho.

ENTREVISTA 2

37 anos, sexo feminino, nacionalidade angolana, residência em Vila Nova de Famalicão, 12º ano de escolaridade, no Porto, estudante, no Porto, conhece os escuteiros.

ENTREVISTA 3

29 anos, sexo masculino, naturalidade e residência em Braga, licenciatura em Arquitectura, arquitecto, em Braga, conhece os escuteiros:

Os escuteiros são uma escola de vida para a juventude (dos 8 (?) aos 18). Foram fundados por Baden-Powell com o intuito de dar às crianças e aos adolescentes uma educação que complementasse aquela que é dada nas famílias e nas escolas. Para isso aproveita conhecimentos originários do exército e de uma certa cultura do grupo (com uma identidade muito marcada: o uniforme, os estandartes, os símbolos, a hierarquia, os escalões), e junta elementos pedagógicos adequados aos vários escalões etários (promovendo valores como o respeito mútuo, o serviço e o amor à Natureza).

Pelo que sei há reuniões semanais mas não sei o que se faz nessas reuniões. E, regularmente, ao longo do ano, há acampamentos, que são os tempos fortes de formação do Escutismo. O meu contacto com escuteiros é quase nulo. Conheço algumas pessoas que o foram. Se voltasse à minha infância gostaria de me meter nos escuteiros: não sei bem porquê, sinto uma grande admiração pelos escuteiros. Acho que fazem um grande serviço à humanidade.

Não é nem foi escuteiro.

O que é que o escutismo tem de bom?

A educação para os valores, para uma vida íntegra de respeito ao outro e para uma cultura de serviço. Tirar a juventude do adormecimento da televisão, da Internet e dos jogos de computador e proporcionar alternativas sólidas.

E o que é que tem de menos bom?

Não sei. Talvez sejam demasiado "arrumadinhos". Talvez o lado "militar" pudesse ser equilibrado com um lado mais criativo, mais espontâneo. Daquilo que me é dado ver, eu poria os escuteiros no extremo "arrumadinho" (com o perigo de tender para o rigorismo) e o Cantil (a associação de campos de férias que conheço por dentro) no outro extremo da criatividade/espontaneidade (com o perigo de cair na bandalheira). Outro aspecto a ter em conta, e que é inerente a movimentos com uma identidade tão forte como este, é o perigo de se tornar uma vivência separada do dia-a-dia: ou seja, há sempre o perigo de, vivendo uma experiência muito rica no seio do Escutismo (seja a nível da educação, seja ao nível das amizades ou do divertimento), as pessoas podem criar sem querer uma cisão entre isso e a vida normal na família, na escola, com os outros amigos.

Uma questão que vale sempre a pena colocar é se aquilo que se ganha no escutismo se reflecte ou se repercute na vida das pessoas.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Não tenho suficiente visão interna dos escuteiros para perspectivar a identidade do futuro. O que reconheço nos escuteiros é suficientemente intemporal.

Para quem é ou já foi escuteiro ou se acha que pode responder a esta questão. Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Admiro a disponibilidade dos escuteiros para ajudar na organização dos grandes eventos da Igreja: são os primeiros a aparecer e a dizer "presente".

ENTREVISTA 4

25 anos, sexo feminino, naturalidade e residência no Porto, associado desde 1995 ao CNE, Agrupamento 449 - Santíssimo Sacramento, chefe de unidade adjunta da IIª secção, exploradores, 12º ano, a terminar licenciatura bietápica do curso Professores do Ensino Básico, 2º ciclo, variantes de Português e Inglês, recepcionista no Hospital da Prelada no Porto.

O que é que o Escutismo tem de bom?

Dota os jovens de sentido dos outros; abre portas à Natureza que os jovens não têm acesso; descobrem que a chuva molha, mas que podem recolhê-la para beber água; descobrem que um colchonete serve para fazer uma tala para uma perna partida; descobrem que o lenço de escuteiro tem tantas aplicações quantas a imaginação e necessidade o ditar; descobrem que há milhões de estrelas no céu do cimo do monte; descobrem que em equipa o trabalho é mais rápido; descobrem que ganhar um jogo significa que se cresceu mais um bocadinho, descobrem que a pesquisa chata que fizeram por causa de uma prova ajudou na escola; descobrem que a são capazes de fazer tudo com nada! Os problemas resolvem-se sempre...é preciso é organizar!

O(s)motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Curiosidade e disponibilidade (na altura, queria ser bombeira voluntária, mas pela idade e pelos conselhos parentais, decidi esperar uns anos. Entretanto uma amiga levou-me para o agrupamento dela e lá fiquei)

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

No início, é sempre a ideia dos acampamentos.

Por que desistem?

Porque não é "fixe" ser escuteiro. Ser escuteiro é ser totó, é ser "betinho"...enfim...acampar não é só montar a tenda: é definir objectivos, planear actividades, providenciar os recursos, e só no fim é que se monta a tenda. Quando o acampamento termina, há a outra face: a arrumação e a limpeza, para depois começar tudo de novo.

Ser escuteiro dá muito trabalho. E com tantas ofertas no nosso mundo, nem sempre é compatível com a "última moda", seja ela o rugby, o voleibol ou a playstation.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim e não... não posso pronunciar-me muito porque o meu agrupamento tem apenas dois grupos: 80% com boas possibilidades financeiras, bom circuito social e cultural, e 20% com um pouco menos possibilidades financeiras, não havendo casos de diferenças marcantes, o suficiente para se evidenciarem aos olhos de quem vê de fora.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Deverão ser fortes o suficiente para não deixarem de acreditar que o mundo mudou, mas que serão sempre uma parte boa dele...com ou sem tecnologia, mas sempre alerta para a entreatajuda em pequenos grupos, seguindo o ideal que nos une... um mundo melhor, com pessoas melhores.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Um grupo que serve para nos ensinar a enfrentar a vida...desde definir os próprios objectivos, a festejar no final da caminhada.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Mais próxima do que nos outros grupos de jovens, mas ainda longe de ser perfeita...a fé é algo que não é posta em causa em vão...de cada vez que há uma perda, ela prende-se com a igreja dos homens, e não com a igreja de Deus. E esperar que os escuteiros consigam ignorar isso é idílico, até porque eles são mais críticos, mas com a vantagem de que estão sempre prontos a ouvir uma explicação ou alguém que os queira tirar daquele abismo que é ter dúvidas sobre a sua fé.

ENTREVISTA 5

51 anos, sexo masculino, naturalidade e residência na Marinha Grande, ex-escuteiro do Agrupamento 36, saí quando era chefe de clã, com cerca de 10 anos de filiação, licenciado, engenheiro electrotécnico, na Marinha Grande.

O que é que o escutismo tem de bom?

A formação moral e a forma como se vive o espírito de equipa e entreatajuda.

O(s)motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Convivência com outros amigos já escuteiros na época.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Diversos, uns por influência de amigos, outros por conhecimento próprio...

Por que desistem?

Porque muitas vezes chegam a uma determinada altura em que o Escutismo já não lhes preenche a sua necessidade de ocupação.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim, não há um tipo de pessoas específico a frequentar os escuteiros.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Mais actualizados à realidade da vida de hoje, mas nunca sem perder os princípios e forma de formar jovens, homens de amanhã.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

A vontade de nunca mais deixar de ser escuteiro, mesmo quando se sai fica o espírito para toda a vida.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

No CNE a relação deve ser de cooperação e interacção, podendo haver outra(s) organizações que optem por outro sentido de religião.

ENTREVISTA 6

41 anos, sexo masculino, naturalidade e residência em Bragança, filiado no CNE há 10 anos, licenciado, a trabalhar como liberal em Bragança,

O que é que o escutismo tem de bom?

O grupo, a mística, os valores, o ser mais.

E o que é que tem de menos bom?

Não poder chegar a mais pessoas, nomeadamente em ambientes rurais pequenos!

O que o levaria a aconselhar alguém a frequentar ou a motivar um filho a frequentar os escuteiros?

A boa e salutar experiência de 10 anos de trilhos.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Mais comprometidos com a vida em família, a sociedade, os outros, com Deus.

Se é ou já foi escuteiro, refira o que fica da mensagem dos escuteiros?

Ser mais com os outros e com Deus, num mundo que preza cada vez mais a ecologia ambiental e humana.

Para quem é ou já foi escuteiro ou acha que pode responder a esta questão. Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Relação fundamental. Sem Deus a ecologia é ambientalismo puro e duro, o Homem é apenas uma roda da engrenagem, que se substitui quando deixa de servir, os jogos e as brincadeiras, puro lazer.

ENTREVISTA 7

31 anos, sexo feminino, naturalidade de Coimbra, residência em Viseu, licenciado, funcionário de biblioteca.

Descreva o que conhece dos escuteiros. O que eles são, o que eles fazem, se tem ou não qualquer tipo de contacto com eles:

São grupos de jovens com ocupações cívicas. Tenho algum contacto com os lobitos. Além de passeios pela Natureza, promovem encontros com outros escuteiros de outras realidades e trocam experiências entre eles, ocupando parte do tempo em obras de apoio social.

Nunca foi escuteiro.

O que é que o Escutismo tem de bom?

Ocupa o tempo livre dos jovens, oferecendo-lhes uma saudável experiência social, monitorizados por um responsável adulto.

E o que é que tem de menos bom?

As roupas são muito caras e agasalham pouco no Inverno.

O que o levaria a aconselhar alguém a frequentar ou a motivar um filho a frequentar os escuteiros?

O contacto com outros jovens da mesma idade.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Iguais aos de hoje. Sempre saudáveis e educados.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Pois, tanto quanto sei, os escuteiros tiveram a sua origem em Braga, por dois padres, no início do século XX (em Portugal). Penso que no nosso país essa relação é intrínseca e não vejo inconveniente em que deixe de assim ser. Acho que os escuteiros são felizes por participarem activamente na vida social e temos que valorizar o apoio por parte dos sacerdotes em contribuir para a saudável formação dos adolescentes. E é em pequeno que o ser humano deve ter o primeiro contacto com a religião, para depois escolher o melhor caminho a seguir. Mas sim: a relação entre o Escutismo e a Igreja Católica existe e tenho, relativamente a isso, uma opinião favorável.

ENTREVISTA 8

36 anos, sexo feminino, nacionalidade venezuelana, residência em Aveiro, doutoramento, professora da Universidade de Aveiro.

Descreva o que conhece dos escuteiros. O que eles são, o que eles fazem, se tem ou não qualquer tipo de contacto com eles:

Tenho dois filhos escuteiros. Todas as semanas têm um encontro, aos sábados de manhã, onde fazem diversos tipos de actividades e aprendem as "regras" dos escuteiros.

Ocasionalmente, fazem acampamentos ou acantonamentos.

O que é que o Escutismo tem de bom?

Solidariedade entre os escuteiros, amizade, regras de boa educação, preocupações ambientais, gosto de ajudar os outros.

E o que é que tem de menos bom?

Nada a assinalar.

O que o levaria a aconselhar alguém a frequentar ou a motivar um filho a frequentar os escuteiros?

Desenvolver as seguintes competências: solidariedade entre os escutistas, amizade, regras de boa educação, preocupações ambientais, gosto de ajudar os outros.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Deveriam ter mais preocupações ambientais; chamar a atenção à comunidade de como é importante preservar o ambiente.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

O Escutismo é um movimento católico. Na minha opinião, não é fundamental ser católico para se ser um bom escuteiro.

ENTREVISTA 9

46 anos, sexo feminino, nacionalidade da República Democrática do Congo, residência em Coimbra, pós-graduação, bibliotecária em Coimbra.

Descreva o que conhece dos escuteiros. O que eles são, o que eles fazem, se tem ou não qualquer tipo de contacto com eles:

Humanistas, defendem uma filosofia solidária, de trabalho em equipa para o bem-estar físico e psíquico do grupo e da Humanidade em geral. Defendem a Natureza. Tenho três filhos escuteiros.

Não pertence nem pertenceu ao Escutismo.

E o que é que tem de menos bom?

Algumas chefias, menos bem preparadas!

O que o levaria a aconselhar alguém a frequentar ou a motivar um filho a frequentar os escuteiros?

A defesa dos princípios referidos. A formação de uma personalidade mais sã em prol dos outros.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Sem dúvida ainda mais activos e participativos em termos sociais. Envolverem-se mais em campanhas solidárias.

Talvez...actualizar a farda?

ENTREVISTA 10

20 anos, sexo masculino, naturalidade de Massarelos, Porto, residência em Leça do Balio, Matosinhos, filiação desde 1997 ao Agrupamento 143 São Mamede de Infesta clã 9, responsável pelo património, 12.º ano de escolaridade, estudante do ensino superior no ISMAI – Instituto Superior da Maia.

O que é que o escutismo tem de bom?

Podermos fazer diversas actividades.

Motivo de entrada para os escuteiros?

Quando entrei para os escuteiros fui obrigado a ir mas depois gostei de lá estar e ainda hoje gosto ainda mais.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Não sei ao certo, mas acho que é por terem amigos dentro dos escuteiros, ou querem ter uma experiência nova.

Por que desistem?

Desistem ou pelos estudos ou pelos trabalhos.

Quem frequenta os escuteiros?

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Só sei que neste momento são um pouco rebeldes, juventude.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Que é bom viver a vida que nos rodeia no campo e na cidade.

ENTREVISTA 11

39 anos, sexo masculino, naturalidade da Maia, residência na Trofa, filiado no Agrupamento 95, chefe III secção há 17 anos, ausente durante 10 anos, tendo regressado há 2 anos, 12ª ano, com frequência universitária, empregado de escritório em Alfena, Valongo.

O que é que o escutismo tem de bom?

O desenvolvimento sadio do espírito e do corpo, o respeito pela Natureza e pelo próximo e a pedagogia da fé.

Motivo de entrada para os escuteiros?

O meu irmão também era escuteiro e o que transmitia da sua experiência aliciou-me a conhecer o Movimento.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Pelo espírito de aventura e pela vontade de ajudar o próximo e de conhecer a mensagem de Baden-Powell.

Por que desistem?

Muitas vezes porque se dividem em muitas actividades extra curriculares e algumas com encargos financeiros, o que leva à escolha do que não acarreta despesa.

Quem frequenta os escuteiros?

Jovens de todos os estratos sociais e de todas as culturas.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Deverão continuar a viver e a divulgar a mensagem de Baden-Powell com a respectiva aproximação à realidade e às alterações da sociedade em que estão inseridos.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

A relação de amizade para com todos e a irmandade escutista universal, a visão do mundo que o rodeia como um local onde pode também deixar uma mensagem positiva e altruísta.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Penso que o Escutismo com a Igreja tem um função complementar, ou seja, de um forma diferente faz ver aos jovens o quanto Deus é universal, quer seja pelo contacto com a Natureza quer seja pela vivência total da sua Lei e dos seus princípios.

ENTREVISTA 12

22 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Coimbra, filiação ao Agrupamento em Formação de Figueira de Lorvão Tesoureiro de Agrupamento, equipa de animação da II secção, no activo há 16 anos, 12º ano, a frequentar 2º ano de Engenharia Informática, estudante na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

O que é que o Escutismo tem de bom?

O ponto forte do Escutismo é o método: o sistema de progresso, o sistema de conselhos, o sistema de patrulhas... Depois há a vida ao ar livre, o convívio que permite entre todos os escuteiros e o facto de todos pertencermos a uma Fraternidade Mundial.

Também permite o desenvolvimento e o crescimento de cada um ao nível social, físico, espiritual, intelectual e emocional, ao mesmo tempo e não apenas um ou alguns deles.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Entrei para os escuteiros porque os meus pais mo sugeriram e incentivaram a experimentar.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Umás vezes por sugestão dos pais, como no meu caso, mas também pode ser por influência de outra pessoa ligadas ou não ao Escutismo. Em alguns casos por curiosidade ou simplesmente porque vêem um grupo de escuteiros e decidem experimentar.

Por que desistem?

Normalmente porque o Escutismo tem muitas especificidades às quais a maioria das pessoas não se adapta. É necessário gostar de ser escuteiro, ter um espírito aberto e estar disposto a fazer alguns sacrifícios. Alguns escuteiros mais antigos por vezes cansam-se da própria rotina de serem escuteiros. As actividades podem ser sempre diferentes, mas o percurso dentro de cada secção é longo e, por vezes, há uma certa tendência de nos “cristalizarmos”.

No meu Agrupamento há casos de pessoas que até gostavam de continuar, mas por sobreposição de outras actividades, ou mesmo por excesso de actividades, acabam por optar e deixar o Escutismo para trás. Outra situação, talvez por sermos um Agrupamento em Formação, tem a ver com os pais que não conhecem minimamente o Escutismo e acham que é uma actividade dispensável para os filhos, até porque pensam ser uma actividade mais perigosa por implicar saídas de casa e vivência ao ar livre, para quê ocuparem-se quando podem estar em casa a ver televisão?

Quem frequenta os Escuteiros (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais)?

Sim, penso que abrange jovens de qualquer condição. Normalmente os Agrupamentos dispõem de meios financeiros para auxiliar elementos mais necessitados.

Ao nível cultural penso que não há grandes diferenças. Pelo menos em Figueira de Lorvão não se nota, já que temos jovens de diversos quadrantes da sociedade.

Como deverão ser os Escuteiros do século XXI?

Acho que devem continuar a promover as ideias básicas de Baden-Powell, nomeadamente no que diz respeito à vida em campo e às técnicas escutistas. Apesar de tudo, acho que nos devemos actualizar e usar a nosso favor as novas tecnologias.

Por outro lado, temos de mudar a forma como chegamos às pessoas, porque se antes era fácil chamar os jovens até nós, isso agora é muito mais difícil. Penso que há a ideia generalizada que as crianças e os jovens devem ser protegidas em demasia e portanto devem estar em casa ou noutras actividades, mas não nos escuteiros. Assim, deveríamos promover ao máximo o que é o Escutismo e o que é que andamos afinal a fazer. Como li algures, “não é por acreditarmos no Escutismo que os outros também vão acreditar”.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Penso que o mais importante que cada elemento retém é que devemos ser mais simples e mais dados aos outros. Todos os valores da Lei do Escuta de uma forma geral ficam-nos na memória e começam a fazer parte da nossa vida.

Os Escuteiros e a Igreja, que relação?

O Escutismo acaba por ser um complemento prático daquilo que se aprende na catequese e deve ser visto como um espaço diferente de viver o nosso compromisso baptismal. É necessário haver confiança e entreajuda e no fundo perceber que o Escutismo Católico é um Movimento da Igreja Católica e que, portanto, tem obrigações e deveres, mas que também tem direitos perante as comunidades onde está implantado.

ENTREVISTA 13

22 anos, sexo feminino, naturalidade de Penacova, residência em Coimbra, associado ao Agrupamento em Formação de Figueira de Lorvão, secretária de Agrupamento, equipa de animação da II secção, no activo há 9 anos, a frequentar o 5º ano da licenciatura de Medicina, estudante na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

O que é que o Escutismo tem de bom?

O contacto com a Natureza, aprender a viver com o essencial e a não dar valor ao que é supérfluo. Ensinar o valor da humildade e da simplicidade. A vida em grupo. O desenvolvimento das capacidades de cada um. Dá uma perspectiva diferente da espiritualidade e da religião.

O(s) motivo(s) de entrada para os Escuteiros?

Pelo convite de um amigo.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Por influência de alguém e pela perspectiva de actividades que lhes proporcionem aventura.

Por que desistem?

Algumas pessoas fazem-no antes de perceberem o que é ser escuteiro. Os elementos mais antigos podem desistir por alguma saturação e rotina ou porque outras situações da sua vida colidem com o Escutismo.

Quem frequenta os escuteiros (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais)?

Na globalidade sim. Começa a surgir a ideia de que o Escutismo é “para ricos”. No entanto, apesar de muitas vezes ser dispendioso, verifica-se que a generalidade dos agrupamentos apoiam financeiramente os elementos mais carenciados.

Como deverão ser os Escuteiros do século XXI?

Deverão encontrar novas formas de divulgar o Escutismo, por exemplo através de anúncios televisivos apelativos no sentido de mais pessoas saberem o que é o Escutismo.

A formação de dirigentes deve ser cada vez mais completa e exigente de modo a estarem pedagogicamente mais aptos a desempenhar o seu papel.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Quem foi escuteiro durante algum tempo, salvo raras excepções, fica sempre marcado de forma positiva pelo Escutismo. Geralmente o Escutismo ensina a encarar a vida com boa disposição, a conviver mais saudavelmente com os outros, a ser-se mais prático e mais simples. Penso que estes são os aspectos que mais retemos e pomos em prática na nossa vida diária.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

A minha experiência é de que o Escutismo é visto pela Igreja como uma forma privilegiada de chegar aos jovens dando-lhes formação cristã. Portanto os agrupamentos são geralmente bastante apoiados a nível local e muitas vezes os escuteiros assumem também um papel muito activo na vida das paróquias.

ENTREVISTA 14

36 anos, sexo masculino, naturalidade de Coimbra, residência em Penacova, associado ao Agrupamento em Formação de Figueira de Lorvão, chefe de agrupamento, chefe de unidade da II secção, há 12 anos no activo, 10º ano do Curso Profissional de Auxiliar Administrativo de Contabilidade, técnico de electrónica em Coimbra.

O que é que o Escutismo tem de bom?

A flexibilidade do método de trabalho, a aventura, o espírito de serviço, o contacto com jovens e o desenvolvimento da espiritualidade e da fé.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

O poder ajudar os outros, as actividades que podia vir a realizar e o poder contactar e partilhar com outras pessoas.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Atração pelas actividades ao ar livre, a necessidade de viver e trabalhar em conjunto e pelo convívio em pequenos grupos.

Por que desistem?

Ao fim de muito tempo saturam-se das actividades por falta de imaginação na preparação das mesmas. Também por causa de outras actividades concorrentes do exterior: futebol, grupos de jovens, outros desportos ...

Quem frequenta os Escuteiros (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais)?

Qualquer jovem de qualquer condição embora seja por vezes mais complicado em casos de pessoas com poucos meios financeiros se o agrupamento não puder ajudar ou porque não sabem dessa ajuda.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Devem manter a essência do Escutismo, acompanhando a evolução das novas tecnologias para não serem ultrapassados, mas sem depender em demasia dessas novas tecnologias.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Uma vez escuteiro, sempre escuteiro! Mantêm-se atentos e mais abertos aos problemas da sociedade. Tornam-se pessoas mais práticas.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

O Escutismo ajuda a promover os valores cristãos e ajuda a compreender e passar a mensagem dos Evangelhos. No fundo, o Escutismo e a Igreja complementam a sua acção.

ENTREVISTA 15

18 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Coimbra, associado ao Agrupamento em Formação de Figueira de Lorvão, equipa de animação da I secção, no activo há 13 anos, 12º ano, a frequentar o 1º ano da licenciatura em Gestão, estudante na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

O que é que o Escutismo tem de bom?

O Escutismo desenvolve todos os rapazes e raparigas que estão no Movimento. Desenvolve as suas capacidades e assim todos encaram a vida de uma forma diferente dos outros jovens... O Escutismo torna os jovens mais práticos, independentes e ensina a encarar a vida de um modo mais positivo.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Já não aguentava ver o meu irmão ir para os acampamentos e as actividades de fim-de-semana com um sorriso na cara e a voltar com uma alegria imensa... E as histórias que ele me contava, fizeram com que aos 6 anos eu estivesse mais que motivado para o meu primeiro ano de lobito.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Os jovens aderem por causa dos irmãos ou amigos que os motivam com as histórias fantásticas que viveram. Também pode partir da parte dos pais que lançam a ideia.

Por que desistem?

Os motivos podem ser os mais diversos... há os que são castigados, os que se saturam, os que têm pequenos problemas, por mais pequenos que sejam, que os desmotivam, actividades do exterior como o futebol ou outras, que podem coincidir com o horário dos escuteiros. Outro factor pode ser o facto de que, com a idade e vários anos de Escutismo, se saturarem, muitas vezes por monotonia e por rotina das actividades.

Quem frequenta os Escuteiros (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais)?

Penso que qualquer jovem frequenta o Escutismo, seja rico ou pobre. Em geral, vejo os agrupamentos a ajudar os jovens com carências financeiras. No entanto, não conheço a realidade nacional na generalidade. Só não sei se alguém deixa de entrar por causa de pensar que é demasiado dispendioso.

Quanto à realidade social e cultural, penso que não afecta muito a frequência do Escutismo, porque em cada área geográfica em que há um agrupamento, há uma homogeneidade natural da cultura: bairro pobre ou bairro rico; cidade ou aldeia.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Os princípios do Escutismo não devem mudar, senão deixava de ser Escutismo. Devemos adaptar-nos aos novos tempos, nomeadamente o progresso de cada escuteiro deve estar a par com os novos tempos. Mas acho que se deve evitar o supérfluo... Não penso que seja preciso o Escutismo envolver-se nas novas tecnologias a 100 %. Uso de telemóveis, de electricidade, de gás, entre outros, não deve ser vistos como essenciais ou indispensáveis.

O que fica da mensagem dos Escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os Escuteiros?

A mentalidade dos jovens é mais aberta, desenvolve-se o espírito de grupo, de competição saudável e de trabalho. Ninguém se esquece que foi escuteiro porque ser escuteiro marca uma pessoa para o resto da vida.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Os escuteiros desempenham um papel importante na forma de os jovens verem a religião. Muitas vezes é nos escuteiros que se aprende mesmo o valor de Deus na nossa vida e conheço mesmo casos em que o Escutismo abriu portas a "ateus" de se converterem.

O Escutismo completa a formação religiosa dada na catequese e faz os jovens gostar ainda mais de rezar, de falar com Deus.

ENTREVISTA 16

16 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Penacova, associado ao Agrupamento em Formação de Figueira de Lorvão Pioneira, no activo há 3 anos, a frequentar o 11º ano de escolaridade, estudante na Escola Secundária de Penacova.

O que é que o Escutismo tem de bom?

O que o Escutismo tem de bom é que podemos conhecer pessoas novas, temos oportunidade de realizar actividades que não realizaríamos se não andássemos nos escuteiros.

O(s) motivo(s) de entrada para os Escuteiros?

Curiosidade, novidade, vontade de conhecer e descobrir o que é um escuteiro.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Por curiosidade.

Por que desistem?

Falta de motivação.

Quem frequenta os escuteiros (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais)?

Todo o tipo de pessoas, não interessa se são ricos ou pobres, brancos ou de outra raça qualquer.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Um exemplo: quando fazem raids devem usar um GPS pois quando se perderem isso ajudará para eles encontrarem o caminho certo.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Que o Escutismo é uma coisa maravilhosa e com a qual aprendemos muito. Falo por mim, porque desde que entrei para os escuteiros que me tornei uma pessoa melhor.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

O CNE é uma associação católica. Logo os escuteiros estão sempre com Deus no pensamento e na alma.

ENTREVISTA 17

15 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Penacova, associado ao Agrupamento em Formação de Figueira de Lorvão Pioneiro, há 3 anos, a frequentar 10º ano de escolaridade, estudante na Escola Secundária de Penacova.

O que é que o Escutismo tem de bom?

O contacto com a Natureza e a amizade entre os escuteiros para mim são algumas das coisas que o Escutismo tem de bom.

O(s) motivo(s) de entrada para os Escuteiros?

Principalmente a influência da minha mãe e também o convívio com alguns escuteiros.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Pela influência dos colegas.

Por que desistem?

Porque não se interessam minimamente pelas coisas que superficialmente parecem más. Mas no fundo são muito boas.

Por vezes, isso demora algum tempo a perceber.

Quem frequenta os Escuteiros (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais)?

Os jovens com algumas dificuldades económicas podem ter dificuldades em pertencer aos escuteiros, mas com um pouco de esforço tudo se consegue.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Deverão ser "homens" como nós, com consciência que a Natureza, a religião e a amizade são as melhores coisas que podemos ter.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Isto é muito divertido e aprende-se imensas coisas que anteriormente não tínhamos consciência.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Acho que existe uma relação de inter-ajuda.

ENTREVISTA 18

14 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Penacova, associado do Agrupamento em Formação de Figueira de Lorvão Pioneiro, no activo há 6 anos, a frequentar o 9º ano de escolaridade, estudante na Escola Silva Gaió em Coimbra.

O que é que o Escutismo tem de bom?

É divertido e sério ao mesmo tempo e aprendem-se muitas coisas.

O(s) motivo(s) de entrada para os Escuteiros?

Pelas actividades que podia fazer.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Pelo convívio.

Por que desistem?

Por desmotivação.

Quem frequenta os Escuteiros (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais)?

Todos os que quiserem e gostem.

Como deverão ser os Escuteiros do século XXI?

Deverão apostar em novas actividades.

O que fica da mensagem dos Escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os Escuteiros?

Que isto é um grupo de pessoas boas e humildes que só se preocupam em deixar o mundo um pouco melhor.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

De cooperação.

ENTREVISTA 19

13 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Penacova, associado ao Agrupamento em Formação de Figueira de Lorvão Pioneira, no activo há um ano, a frequentar o 8º ano, estudante na Escola Eugénio de Castro em Coimbra.

O que é que o Escutismo tem de bom?

É divertido, é fixe e tem disciplina.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Sempre gostei muito de "ver" os escuteiros.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Porque a palavra "fixe" vai passando.

Por que desistem?

Porque nunca gostaram mesmo e se desmotivaram.

Quem frequenta os escuteiros (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais)?

Todos: o Escutismo é para todos!

Como deverão ser os Escuteiros do século XXI?

Muito mais divertidos.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

É muito fixe, é um local de convívio. Quem desistiu tem apesar de tudo uma boa imagem.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Têm uma boa relação.

ENTREVISTA 20

26 anos, sexo masculino, naturalidade de Caldas da Rainha, residência em Lisboa, associado há 10 anos ao Agrupamento 337, Caldas da Rainha, dirigente, licenciado em Direito, advogado em Lisboa.

O que é que o escutismo tem de bom?

Praticamente tudo, ou seja, disciplina, vivência da fé, formação pessoal, espírito de equipa, entreaduda, contacto com a Natureza...

Motivo de entrada para os escuteiros?

Amigos e família escuteiros.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Porque têm lá outros amigos.

Por que desistem?

Por falta de motivação inculcada pelas equipas de animação, porque outros amigos desistem, porque passam a guiar-se por valores não perfilhados pelo Escutismo.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Com a mesma base actual, mas adaptando-se aos métodos e exigências do tempo moderno.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Partilha, experiências únicas, formação de carácter.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Toda, a vivência da fé é crucial para o funcionamento do Escutismo, pois trata-se de um dos seus pilares fundamentais em que assenta toda a sua raiz ideológica.

ENTREVISTA 21

25 anos, sexo feminino, naturalidade de Lisboa, residência em Oeiras, associada há 4 anos ao Agrupamento 1278-Barcarena com o cargo de chefe de unidade do grupo explorador, licenciatura em Engenharia Mecânica, à procura do 1º emprego.

O que é que o Escutismo tem de bom?

O método pedagógico não é inovador, mas é eficiente se for bem aplicado por recursos adultos devidamente formados e com capacidade para tal. O Escutismo permite preparar os jovens para a sociedade, simulando micro-sociedades, os bandos, as patrulhas ou as equipas, em que cada um é fundamental para a sobrevivência de todos, tornando os elementos individualmente mais autónomos e responsáveis.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Talvez esta questão, no meu caso, se deva colocar nos moldes: porquê a permanência no Escutismo? Pois eu entrei dado um convite que recebi que acedi a experimentar. Até hoje tenho gostado muito porque sinto que tenho um papel importante na formação do carácter dos jovens e é bastante gratificante quando o nosso trabalho dá frutos.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Na minha opinião, raramente a entrada dos jovens para o Escutismo é por motivação própria. A maioria deve-se antes à motivação dos pais, porque foram escuteiros na sua infância ou porque sempre quiseram aderir e os seus pais nunca o permitiram. Alguns querem aderir porque os amigos ou colegas da escola já se encontram no Escutismo e, dependendo dos casos, fizeram boa propaganda.

Por que desistem?

Um dos grandes obstáculos que o Escutismo tem de vencer é o facto de os jovens terem acesso a muitas actividades: o inglês, o futebol, o piano, a natação... Há cerca de 20 anos, os jovens na sua maioria não tinham acesso a essas actividades e viviam exclusivamente para o Escutismo. Hoje, se não conseguirmos motivá-los o suficiente, perdemo-los facilmente, pois a sociedade no nosso tempo é bastante descartável e efémera.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Antes de o Agrupamento ter sido fundado, estive noutro a receber formação. Nesse, o nível socio-económico dos jovens era bastante elevado. As angariações de fundo eram secundárias, pois, independentemente do custo da actividade, os pais nunca puseram qualquer objecção. Quando vim para Barcarena, a conjectura era bem diferente: crianças provenientes de instituições, crianças com dificuldades psíquicas e motoras, famílias bastante carenciadas. De repente, as angariações de fundo tomaram um papel fundamental no Escutismo em Barcarena, pois não queremos dizer não a ninguém e todos podem ser escuteiros.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Julgo que o Escutismo deve ser mais participativo na resolução dos problemas que afectam a sociedade, nomeadamente, deve participar activamente em movimentos de solidariedade social, de sensibilização ao nível ambiental e cívico. O *riffe* entre a comunidade e o Escutismo deve ser minimizado de modo a promover a sua dualidade e entreatajuda.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Julgo que a grande fraternidade e essencialmente a irmandade, que une escuteiros de todas as raças, cores e culturas é a grande mensagem que reside em todos os escuteiros, quer estejam no activo, na retaguarda ou tenham desistido.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

A relação entre a igreja e o Escutismo deve ser o mais estreita possível, pois somos um Movimento de cariz religioso e como tal deve ser direccionado nesse sentido. Os jovens devem aliar o seu progresso escutista com a sua caminhada na Igreja, tal como a frequência semanal na catequese e na missa. O Escutismo deve ter uma participação entusiasta nas actividades religiosas dentro da comunidade e fora dela. E finalmente, todas as actividades, sejam simples reuniões ou grandes acampamentos, devem ter sempre períodos de reflexão eucarística.

ENTREVISTA 22

46 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Coimbra, associado ao Agrupamento 109 – Santo António dos Olivais - Coimbra - chefe de unidade - 3ª secção, desde 1992, embora esteja nos escuteiros desde 1986, licenciatura e Pós-Graduação, engenheiro civil, a trabalhar no IPPAR - Direcção Regional de Coimbra.

O que é que o escutismo tem de bom?

Tudo: a proposta educativa de crescer com os pares, face a adultos activos, em projectos com limites temporais definidos, na Natureza ou no meio urbano, com propostas de actividade diferentes e arrojadas, valores humanos envolvidos, ultrapassar os limites pessoais, escola de vida e de relação social... o imaginário, as relações humanas de grupo, a vivência de fé em plena Natureza

Motivo de entrada para os escuteiros?

O meu? O exemplo bom de dois amigos meus, escuteiros, que não se conheciam entre si, e que sendo diferentes, eu associei os mesmo valores humanos positivos ao facto de serem verdadeiros escuteiros. Depois de se conhecerem, tornaram-se amigos entre si pelo muito que tinham em comum.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo? Para busca de algo novo, por um lado, de referências, pelo outro. É bom crescer com alguém atento ao nosso crescimento.

Por que desistem?

Sobretudo por desilusão – nos jovens, porque os jogos ou as actividades não os preenchem a ponto de ser uma opção, de vida e de outras actividades; nos adultos, pela desilusão pelo mau exemplo dado por escuteiros, adultos também, supostamente responsáveis, que acabam por criar a sensação do "façam o que eu digo, não façam o que eu faço" (o exemplo de vida negativo).

As desculpas de falta de tempo são desculpas superficiais – uma vez que Escutismo não é uma actividade, mas sim um modo de vida.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim, pelo que eu vejo, todo o tipo de gente...no bom e mau sentido!

Porque é verdade que o Escutismo é para todos, mas nem todos são para o Escutismo...

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Adaptados aos tempos e às necessidades reais...e não apenas em termos saudosistas do escuteiro com referências ao século passado.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Presentemente, os meus melhores e actuais amigos são ou foram escuteiros.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Neste momento, má, não por serem escuteiros mas porque a Igreja nem sempre vê que o Escutismo exige uma maior velocidade de respostas às questões concretas e actuais dos escuteiros. Não por estarem longe de Deus, mas por estarem longe de algumas práticas religiosas. Concordo que todos devemos ter uma noção do transcendente, presente nas nossas vidas e acções, mas não é o facto de um escuteiro não ser praticante que faz dele um mau homem ou mau escuteiro.

ENTREVISTA 23

40 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Matosinhos, associado ao Agrupamento 143 – São Mamede Infesta, desde 1978. Fui explorador, sénior, caminheiro e sou agora dirigente. 9.º ano de escolaridade, tipógrafo em São Mamede Infesta, Matosinhos.

O que é que o escutismo tem de bom?

Tudo, se for devidamente interpretado. O Escutismo proporciona aos jovens um método de auto-aprendizagem, assente em valores altruístas e de respeito pela Natureza. Os jovens relacionam-se entre si vivendo em pequenos grupos. O acampamento é a expressão máxima do Escutismo, pois é nele que os jovens se reflectem, sabem estar em campo, aprendem e respeitar os outros, adquirem conhecimento das técnicas escutistas e exercitam a fé. Tudo isto e muito mais constitui a essência do Escutismo. São meios para alcançar a finalidade principal que é formar cidadãos responsáveis, de bom carácter, felizes e que contribuam para a felicidade dos outros.

Motivo de entrada para os escuteiros?

A minha entrada para os Escuteiros perde-se no tempo. Não sei porque motivo entrei. Fui levado pelo chefe Manuel Pinto, que na altura era dirigente do Agrupamento.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Todos os jovens têm vontade de descobrir coisas novas, esta será uma das razões. Outros pelas actividades ao ar livre. Pelo convívio. A mística própria dos escuteiros é também apelativa.

Por que desistem?

Falta de tempo, não se identificam com os princípios, outras ocupações...

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Penso que há de tudo no Escutismo, depende das relações de cada agrupamento, do meio onde se encontram, geográfica e socialmente.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Espero que não sejam muito diferentes da essência com que Baden-Powell os criou!

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Uma preciosa ajuda para a auto-formação. Diz-se frequentemente que «sou o que sou, graças aos escuteiros». Pela positiva, é claro!

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Somos um movimento católico, a Igreja deveria ter uma relação mais aberta com o Escutismo. Só nos deixam ver pela frincha da porta. Também depende dos padres que fazem parte de cada agrupamento. Cultivamos mais a fé nas actividades de ar livre, do que sentados no banco da Igreja!

ENTREVISTA 24

33 anos, sexo masculino, naturalidade do Porto, residência em Roma, licenciatura em Direito e Licenciatura em Filosofia e início de Licenciatura em Teologia, Jesuíta em Roma, conhece os escuteiros. Quando era noviço da Companhia de Jesus, em Coimbra, foi-me pedida a colaboração pelo Grupo de Escuteiros da Sé Nova. Não mantenho mais contacto com este grupo. Os que conheci claramente eram de inspiração católica e, através de uma organização muito bem montada, planeiam a formação integral dos escuteiros, quer a nível humano, quer a nível espiritual.

Não é nem foi escuteiro.

O que é que o escutismo tem de bom?

Promover de uma forma muito saudável a formação de uma pessoa nas suas várias etapas etárias.

E o que é que tem de menos bom?

Não posso avaliar porque o meu conhecimento é muito pequeno face ao movimento em geral. No entanto, pareceu-me haver uma certa desorganização e descentralização.

O que o levaria a aconselhar alguém a frequentar ou a motivar um filho a frequentar os escuteiros?

O simples facto deste movimento permitir que de uma forma muito divertida, não pesada, uma criança seja posta perante desafios do mais variado tipo – de relação pessoal, de fé, de vida... – com grande simplicidade. Aprenda a lidar com eles sem estar de volta das saias dos pais e também sem ser abandonados ao vento!

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Fieis ao carisma de quem os criou!

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Está no centro da mensagem de Baden-Powell...é uma forma de formar a juventude católica no serviço ao outro. Pode-se fazer isto de várias formas...a espiritualidade cristã desenvolve este aspecto com o próprio exemplo de Jesus...aí os escuteiros têm um Bom Guia....

ENTREVISTA 25

40 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Salvaterra de Magos, associado ao Agrupamento 68 – explorador, durante 6 anos, 12º ano de escolaridade, chefe de serviços em Porto Alto.

Para si, o que é que o escutismo tem de bom?

Espírito de equipa e disciplina.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Ligar-me mais à Natureza e aprender coisas novas.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Pelo fascínio que os próprios escuteiros incutem na comunidade.

Por que desistem?

Pela incompatibilidade da sua missão com a sua vida privada, por desilusões.

Quem frequenta os escuteiros?

Pela minha experiência, os escuteiros estão abertos a todos os jovens que queiram ser inseridos numa instituição. Não vejo qualquer condição que o impeça.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Mais ligados à Natureza que se perde dia-a-dia e ter um papel mais activo na melhoria de certas situações na comunidade que os envolve.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

O respeito pela Natureza, o espírito de equipa e os laços de amizade que perduram.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Deve ter uma relação activa, pois quando se fala de escuteiros associa-se a Igreja. Pela minha experiência é uma relação saudável e os escuteiros devem ser os grandes interlocutores entre a comunidade e a paróquia.

ENTREVISTA 26

31 anos, sexo masculino, nacionalidade dos Estados Unidos da América, residência em Aveiro, Agrupamento 911 Santa Catarina - chefe de Agrupamento, filiado há 16 anos, frequência de doutoramento, investigador, Universidade de Aveiro.

O que é que o escutismo tem de bom?

O método de trabalho com as crianças e os jovens

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

A vida ao ar livre, os acampamentos

Por que desistem?

Excesso de actividades extra-curriculares; a má aplicação do método escutista.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Genericamente sim, mas com ligeira predominância dos jovens com melhores condições.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Refinar o que é realmente importante – aplicação da metodologia escutista – e desvanecer o acessório, a burocracia.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Para mim, o trabalho em equipa, a responsabilidade pessoal, a preocupação com o que me envolve.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Seria desejável uma ligação mais pragmática.

ENTREVISTA 27

22 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de São João da Madeira, associado ao Agrupamento 1285, Arrifana – secretário, adjunto II secção, desde 2003, 9º ano de escolaridade, fiel de Armazém em Prisvideo, São João da Madeira.

O que é que o escutismo tem de bom?

A prática do fazer bem para um futuro melhor. O Escutismo tem, não só a teoria de uma catequese, a sabedoria de uma escola e a fé de uma igreja, como também as práticas no dia-a-dia, educando os jovens para o dia do amanhã.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Convite para abertura do Agrupamento.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Porque é divertido e pode-se aprender muita coisa.

Por que desistem?

Falta de tempo, razões económicas...

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim mas nem sempre, por vezes e mesmo cedendo facilidades, os pais destes mesmos jovens não permitem que estes frequentem os escuteiros por razões económicas.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Para além de mais modernos, acho que estes deveriam ser ainda mais fraternos, com maior espírito de convivência na comunidade escutista e na comunidade social.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

"Vê mais além e um caminho será visto". Devemos viver em cheio o dia de hoje mas sempre a pensar no amanhã.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Os escuteiros baseiam a sua caminhada na fé, de maneira a que, a sua relação com a igreja está e estará sempre interligada.

ENTREVISTA 28

33 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Coimbra, associado há 27 anos ao Agrupamento 347 – São Jorge, CG exploradores, 12º ano, técnico de Informática, em Coimbra.

O que é que o escutismo tem de bom?

Educação dos jovens e o nosso próprio crescimento.

Motivo de entrada para os escuteiros?

Um amigo levou-me.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Pelas amizades que lá têm ou, ultimamente, prescrição médica em alguns casos.

Por que desistem?

Na maioria dos casos por não terem tempo ou começarem a trabalhar fora do local do agrupamento.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Acho que deveriam voltar às origens, dentro do que neste momento é a sociedade obviamente.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Que é o local onde se passam os melhores momentos da vida e é uma fonte de enriquecimento pessoal.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Cada vez menor, infelizmente. Talvez por causa da escassez de padres que saibam passar a Mensagem.

ENTREVISTA 29

19 anos, sexo masculino, naturalidade de Coimbra, residência em Matosinhos, associado há 13 anos ao Agrupamento 1241 – caminheiro, repórter de agrupamento, estudante do ensino superior, enfermagem, na Universidade Fernando Pessoa.

O que é que o escutismo tem de bom?

A vivência que proporciona aos jovens, o espírito de entreatajuda, a interiorização de regras básicas da sociedade, o convívio, a amizade, a auto-aprendizagem, o aumento da auto-estima individual...

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

No meu caso específico, por incentivo de familiares antigos escuteiros, que me incentivaram e me ajudaram a criar o "bichinho" escutista.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Os motivos pelos quais os jovens aderem ao movimento podem ser dos mais variados possíveis. Ao longo dos meus 13 anos no activo, constatei que os jovens aderiam ao Escutismo, Escotismo por várias razões, tais como o gosto pela Natureza, o facto de construírem várias amizades ou o espírito de corpo...

Por que desistem?

Na minha opinião, devido ao facto de alguns chefes não saberem cativar suficientemente os seus elementos, deixando-os um pouco ao abandono. Obviamente que também poderão surgir situações em que a desistência surge por motivos estritamente pessoais de determinado elemento.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Com a experiência que tenho neste momento, posso-lhe garantir que sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Deverão ser activos, empenhados na missão única que lhes é confiada. E quando falo em activos, não me refiro apenas aos momentos em que envergam a farda, mas em todos os momentos das suas vidas.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Em suma, uma frase que diz tudo: "Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que quando o encontraste".

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Depende. Temos que distinguir bem se estamos a falar de AEP ou CNE. No caso do CNE, a relação tem sido bastante cordial e próxima, principalmente com as alas mais "liberais" da Igreja, na minha opinião. No caso da AEP, é bastante relativo. Há grupos que promovem mais a temática religiosa, colaborando com determinada congregação, outros grupos que não promovem tanto, optando por deixar cada membro proferir a sua fé em "privado".

ENTREVISTA 30

20 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Santa Maria da Feira, caminheira, no Escutismo desde os 9 anos, estudante do 3º ano do ensino superior.

O que é que o escutismo tem de bom?

A convivência com outras pessoas, ensinamento de valores...

Motivo de entrada para os escuteiros?

Por intermédio de amigos.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Essencialmente pela influência de amigos, pelo facto de se fazerem actividades diferentes e motivadoras, entre elas os acampamentos, por curiosidade.

Por que desistem?

Desmotivação, atritos e conflitos com outros elementos, outras prioridades, falta de tempo.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Todo o tipo de pessoas.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Acho que, apesar de toda a vivência e de todas as características do Escutismo, este tende a evoluir com a tecnologia.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Baden-Powell fundamentou-se numa metodologia que envolve um ritual de orações, de patronos e de tudo o resto, que estão interligados com a religião e são práticas correntes das nossas actividades.

ENTREVISTA 31

55 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Coruche, associado desde 1961 ao CNE, Agrupamento 119, como explorador, caminheiro, dirigente de grupo, chefe do Agrupamento 119, frequência universitária, técnico BAD – função pública, em Coruche.

Para si, o que é que o escutismo tem de bom?

A componente associativa ligada ao ar livre/componente religiosa da fé.

O(s)motivo(s) de entrada para os escuteiros?

A prática de actividades ao ar livre...

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Para se integrarem, viverem e conviverem em grupo.

Por que desistem?

Primeiro por difícil integração, filhos únicos...; segundo por não conseguirem cumprir exigências religiosas.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Como até aqui, factores de defesa do ambiente ligados ao factor de avanço tecnológico, sem perder de rumo das virtudes da fé num conceito de "homem novo".

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

A mentalidade necessária, ou seja, a capacidade de decisão e o assumir de responsabilidades.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Boa se a capacidade dos dirigentes e a acção do assistente for bidireccional.

ENTREVISTA 32

Sexo masculino, natural de Lisboa, residente em Oeiras, candidato a dirigente do agrupamento 1278 de Barcarena na equipa de animação da IIª secção, no CNE 11 anos, tendo saído e tendo regressado há cerca de um ano, licenciado em filosofia, gerente da Livraria Bertrand no Centro Comercial Colombo.

Descreva o que conhece dos escuteiros?

O Escutismo fomenta a convivência dos jovens em sociedade tendo sempre presente o respeito pelo outro e por si próprio. As relações inter-pessoais são deste modo incentivadas de forma a exercer-se uma cidadania responsável, activa e permanentemente dinamizadora.

Por outro lado, o respeito para com o meio ambiente cria no jovem um sentimento de presença e pertença ao planeta que enquanto lar comum deve ser preservado. Desta forma transmite-se uma mensagem na qual se afirma uma ética que transcende o humano, o físico e o temporal. É pois uma ética metafísica na qual o respeito pelo próximo não termina no momento presente.

O que é que o escutismo tem de bom?

Poder ajudar a cumprir o compromisso feito há 100 anos por Baden-Powell. Poder participar e contribuir para a formação atrás descrita.

Procura de um sentido para a sua curta existência. Procura de novas aventuras onde possam libertar e extravasar a tensão a tensão acumulada quer nas aulas quer em casa. Procura de novas experiências que de alguma forma não podem ter nos círculos sociais tradicionais.

O que é que o escutismo tem de menos bom?

Expectativas elevadas que, na maior parte das situações, depois não se concretizam, por incapacidade das equipas de animação em lidar com situações que exigem um especial acompanhamento emocional. Por vezes os jovens encaram os escuteiros como uma organização de ocupação de tempos livres onde podem passar bons momentos mas sem regras. Mais uma vez cabe às equipas de animação saberem lidar com essas situações e transmitirem uma mensagem que destaque a possibilidade das duas possibilidades poderem coexistir. A gestão das expectativas é aqui essencial.

Quem frequenta o Escutismo?

Todas as faixas etárias, sociais, económicas e culturais encontram-se representadas com maior incidência num estrato social médio e médio baixo.

Como deverão os escuteiros do século XXI

Deverão adaptar-se aos novos problemas que atormentam os jovens. Deverão criar sinergias com outras organizações, associações e movimentos no sentido de responder eficaz e objectivamente às novas situações.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Fraternidade, entreadajuda, respeito, protecção e maturidade.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Débil, não só por causa dos próprios escuteiros mas também porque a Igreja não se adaptou aos novos tempos. A própria igreja afastou-se dos escuteiros e eles não se esforçaram em superar esse afastamento e encetar uma reaproximação.

ENTREVISTA 33

Sexo feminino, naturalidade Fafe, residência Braga, associado há 12 anos, chefe de secção, 11º ano de escolaridade, incompleto, funcionário público em Braga.

Descreva o que conhece dos escuteiros?

Já quase fui escuteira, em Angola. Era um grupo liderado pelo Capelão da Força Aérea Portuguesa. Fazia-mos teatro, o que permitia que a população tivesse alguns divertimentos, pois era uma cidade pequena do interior. Organizava-mos as festas dos santos populares. Era-mos um grupo sempre activo, nas caminhadas, nos retiros e na ajuda dos mais desprotegidos.

O que é que o escutismo tem de bom?

A união entre as pessoas, nomeadamente para os jovens, que lhes proporciona uma nova vivência.

E o que é que tem de menos bom?

Da vivência que tive, como quase escuteira, não tenho nada a apontar.

O que o levaria a aconselhar alguém a frequentar ou a motivar um filho a frequentar os escuteiros?

A partilha, o grupo, a união e a disciplina.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Devem ser pessoas mais activas, dentro da comunidade envolvente, principalmente na ajuda, pela integração dos mais jovens e apoio aos mais idosos.

Se é ou já foi escuteiro, refira o que fica da mensagem dos escuteiros?

Foi uma experiência muito enriquecedora.

Para quem é ou já foi escuteiro ou se acha que pode responder a esta questão. Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Sempre associei o Escutismo à igreja. Creio que juntos podem desenvolver um bom trabalho junto da comunidade.

ENTREVISTA 34

42 anos, sexo feminino, naturalidade Santa Maria da Feira, residência em Ovar, associado há 18 anos ininterruptos, Junta Regional do Porto - chefe regional adjunta, curso de Tradutora-Intérprete, curso Geral de Música, licenciatura em Ciências Religiosas, secretária de administração em Esmoriz.

O que é que o Escutismo tem de bom?

A sua singularidade.

Motivo de entrada para os Escuteiros?

Necessidade de poder ser útil à comunidade.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Inicialmente por vontade dos pais, quando são mais pequenos; mais tarde, aderem pelas actividades e pelos amigos.

Por que desistem?

Porque a oferta dos agrupamentos por vezes torna-se de menor qualidade.

Quem frequenta os escuteiros?

Relativamente aos jovens, penso que provenientes das diversas condições sociais, económicas e culturais; relativamente aos adultos, a maioria nestes últimos tempos começa a ser proveniente de condições culturais mais baixas.

Como deverão ser os Escuteiros do século XXI?

Jovens do século XXI, usufruindo de todas as condições do século XXI, mas com critérios assentes em valores.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Uma consciência mais sensível a valores.

Os escuteiros e a Igreja, que relação? Penso que passa pela assunção plena do CNE como movimento eclesial, evangelizador. E devido à sua singularidade deve ser capaz de fazer fronteira, de derrubar barreiras, e tornar próxima a Igreja dos que dela se afastam e vice-versa.

ENTREVISTA 35

44 anos, sexo masculino, naturalidade de Poiares, Ponte de Lima, residência em Marinhãs, Esposende, associada ao CNE durante 11 anos, licenciatura, professor universitário, Universidade Fernando Pessoa.

Descreva o que conhece dos escuteiros?

Conheço toda a informação sobre o escutismo, desde as razões da sua fundação, até à organização e actividades.

O que é que o escutismo tem de bom?

Ser uma escola de educação do carácter no espaço de relação com jovens da mesma idade e em grande contacto com os valores ecológicos e culturais.

E o que é que tem de menos bom?

Uma certa incapacidade de adequação a novas metodologias de acção, ou seja, o seu carácter hierárquico e tradicional faz com que os grandes valores que defende não sejam facilmente compreendidos pelas comunidades juvenis actuais, particularmente a urbanas.

O que o levaria a aconselhar alguém a frequentar ou a motivar um filho a frequentar os escuteiros?

O convívio e a formação de carácter entre pares juvenis e o amor pela Natureza.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Mais maleáveis a nível organizacional, com mais presença dos valores artísticos contemporâneos, com uma nova visão do religioso nas suas vidas e com um redobrado conhecimento e defesa da Natureza.

Se é ou já foi escuteiro, refira o que fica da mensagem dos escuteiros?

Serviço aos outros e amor pela Natureza.

Para quem é ou já foi escuteiro ou se acha que pode responder a esta questão. Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Uma relação de partilha de experiências, de visão sadia do religioso, onde seja mais evidente a partilha comunitária e menos o poder ou os sistemas organizacionais e institucionais da Igreja. Os escuteiros, mais do que uns meros cumpridores dos valores religiosos – que também o devem ser –, devem ser uma oportunidade para a Igreja encontrar novas formas de dialogar com o mundo juvenil. A problematização do religioso deve ser visto pela Igreja como uma oportunidade para se renovar e ser criativa na sua relação com os jovens.

ENTREVISTA 36

27 anos, sexo masculino, naturalidade de Coimbra, residência na Mealhada, associado há quase 15 anos no Agrupamento 1037 Mealhada, chefe de agrupamento, membro do departamento pedagógico regional da III.ª secção, licenciatura em Direito, Jornalista no *Jornal da Mealhada*.

O que é que o escutismo tem de bom?

O método escutista tem a vantagem de permitir uma formação integral do jovem num ambiente natural, não institucional, que permite uma aproximação mais afectiva e, talvez por isso, mais eficaz. O facto de ser uma formação em ambiente

natural permite também o desenvolvimento de um conjunto muitíssimo alargado de competências que dificilmente poderão ser adquiridas no ambiente escolar, na família ou por outras actividades de lazer.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

A possibilidade de ter essa formação e horizontes.

Por que motivos aderem os jovens ao escutismo?

Aderem pela perspectiva de poderem ter uma actividade de lazer em contacto com a Natureza e normalmente por arrasto de um grupo de amigos.

Por que desistem?

Por sobrecarga da sua actividade fora da escola. Por desinteresse relativamente a actividades mais institucionais, nomeadamente religiosas, porque acaba o encanto, porque surgem novas oportunidades, por dissolução do grupo de amigos, por incapacidade do animador adulto.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Completamente eclético.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Homens e mulheres arrojados, descomplexados e passíveis de ter uma relação de respeito mutuo entre si e entre a humanidade e a Natureza.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Acredito no Escutismo como uma escola de vida.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Uma relação de respeito mutuo, sem dependências de ordem nenhuma e com a programação de um ideário comum e respeitável.

ENTREVISTA 37

28 anos, sexo feminino, naturalidade e residência da Maia, bacharelato em Produção Agrícola, Eng.ª técnica agrícola, Lipor, Valongo.

Conhece os escuteiros?

Sim.

Descreva o que conhece dos escuteiros. O que eles são, o que eles fazem, se tem ou não qualquer tipo de contacto com eles.

Dão apoio à comunidade. Não tenho qualquer contacto.

É ou já foi escuteiro?

Sim.

O que é que o escutismo tem de bom?

Ajuda ao próximo, desenvolvimento do companheirismo.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Acho que o espírito dos escuteiros deveria funcionar da mesma forma. Talvez um pouco mais activos, mas sempre com o mesmo lema.

Se é ou já foi escuteiro, refira o que fica da mensagem dos escuteiros?

Entreajuda, companheirismo.

Para quem é ou já foi escuteiro ou se acha que pode responder a esta questão. Os escuteiros e a Igreja, que relação?

O CNE esteve sempre ligado à Igreja e julgo que não devem ser desvinculados.

ENTREVISTA 38

25 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Leiria, associado desde os 9 anos ao Agrupamento 1054 de Monte Redondo - chefe de agrupamento, desde 1989, licenciado, psicóloga, gestão da qualidade, Leiria.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

O facto de ser um método educativo que acompanha as crianças e jovens ao longo de várias fases do seu crescimento e as prepara para serem, elas mesmas, educadoras; um método que se transforma num modo de vida – leva ao desenvolvimento pessoal e autónomo, mas sempre em relação e serviço para os outros, para Deus. Educa através de pequenas aventuras "guiadas".

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Entrei com 9 anos... porque tinha primos no movimento que me tinham contado como era bom.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Para divertir-se e viver aventuras...

Por que desistem?

Porque no Escutismo existem determinados valores e prioridades de vida que nem sempre são de fácil adesão (actualmente é difícil convencer alguns jovens da importância de estar em convívio com outros jovens sem poderem, por exemplo, estar a jogar playstation, a brincar com os telemóveis ou a fumar).

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim. No nosso agrupamento temos pessoas de várias origens e com contextos de vida bastante diferenciados entre si. No nosso agrupamento todos participam nas actividades por igual, independentemente do nível socio-económico da sua família, porque para todas as actividades os grupos de jovens desenvolvem actividades para angariar fundos (vendem bolos e pão que fazem, organizam actividades para outras crianças e jovens, entre outras actividades). A única altura em que o nível socio-económico interfere é quando já têm idade para trabalhar e decidem trabalhar ao fim-de-semana para ajudar a família, ficando assim mais afastados do Escutismo.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Deverão manter os mesmos valores e objectivos dos escuteiros do século anterior, mas utilizando, sempre que adequado, meios diferentes.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Deixar um mundo sempre um pouco melhor e estar sempre alerta para servir.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

No caso do CNE, são indissociáveis. É a base do desenvolvimento espiritual e profundo de cada escuteiro e é também motivação de respeito e serviço gratuito aos outros, como expressão de relação com Deus. Por outro lado, os escuteiros são um movimento muito importante para aproximar os jovens de Deus e a Igreja deve reconhecer, valorizar e fomentar isso mesmo.

ENTREVISTA 39

31 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Oliveira do Bairro, associado durante 16 anos ao Agrupamento 970, tesoureiro e chefe de unidade da III secção, bacharelato em contabilidade e administração, funcionário público, chefe de finanças adjunto em Vagos.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

O sistema de patrulhas.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

A imagem que tinha de ordem e aprumo.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Neste momento que penso que pela vida ar livre e pelas actividades.

Por que desistem?

Pelas alternativas que se encontram na sociedade em que não é preciso respeitar valores e assumir responsabilidades.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais.

É transversal à sociedade.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Da mesma forma que eram em 1907. Com a supremacia dos valores que são intemporais.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Uma vez escuteiro, escuteiro para toda a vida.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Um escuteiro tem que ser católico. Por isso deve praticar e ter sólida formação religiosa.

ENTREVISTA 40

25 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Oliveira de Azeméis, associado há 19 anos ao Agrupamento 534 – Nogueira do Cravo, chefe de unidade IIª secção, 12º ano de escolaridade, técnico de informática em Vale de Cambra.

O que é que o Escutismo tem de bom?

O método de aprendizagem, a troca de experiências, o enriquecimento pessoal, o aprender a ser voluntário e polivalente.

Motivo de entrada para os escuteiros?

Curiosidade e ter um irmão já no escutismo.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Curiosidade, insistência dos pais, para aprender outras coisas que não se aprende na sociedade, para fortalecerem o espírito...

Por que desistem?

Falta de motivação, desinteresse, outras ocupações...

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim desde de ricos a pobres, de todas as raças e etnias.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Devem pensar em formas de atrair mais os jovens para que não deixem o CNE em troca por outras actividades, como, por exemplo, o futebol, a musica...

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Fica sempre uma mensagem de camaradagem, vontade de continuar ou voltar, lembrar sempre grandes actividades, amizade, união.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

A relação entre a Igreja e os escuteiros nem sempre é a melhor. Há casos em que os escuteiros passam a vida sempre enfiados na igreja atrás do padre e há outros casos em que não ligam nenhuma à religião. Mas penso que deve de haver um equilíbrio. Visto que o CNE é um movimento católico, tem que considerar a religião nas suas actividades. É preciso saber colocar a religião e não é só ir à missa ou ler a bíblia. Há outras formas de inserir a igreja nas actividades, como pequenas reflexões, fóruns sobre temas ligados à religião...

ENTREVISTA 41

23 anos, sexo masculino, naturalidade de Gaia, residência em São Félix da Marinha, associado ao CNE, 9º ano, soldador instalador de redes de gás mecânico de aparelhos a gás em Santa Maria da Feira, Rio Meão.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

Tudo.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Foi fundado, tive curiosidade e entrei.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Na minha opinião são os amigos. Se eles forem eles estão lá e depois gostam e ficam.

Por que desistem?

Por vezes e por causa dos chefes ou por estarem lá na sede sem fazer nada como eles dizem, a apanhar seca.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Acho que sim e não deve haver separações como já houve. Somos uma unidade e cada qual à sua maneira.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Mais bondosos, mais humanos e mais limpos.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Saudade. Vivi coisas que nunca mais vou viver e fica muita saudade das nossas aventuras e caminhadas.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Há muita separação. Os jovens não querem participar em actividades religiosas ou ir à missa. Mas os chefes dão o exemplo em não participar e em não ir à missa e isso está errado.

ENTREVISTA 42

42 anos, sexo masculino, naturalidade de Estarreja, residência em Lisboa, associado durante 18 anos ao Agrupamento 495, Santo António dos Cavaleiros, grupo júnior, grupo sénior e caminheiros, guia, sub guia, guia dos guias, formação como lobito, promessa como júnior, sendo depois explorador sénior, na nomenclatura actual, pioneiro e caminheiro. Bastante aliciado para fazer formação para chefe e para integrar a Fraternidade Nun'Alvares...mas duas filhas pequenas limitam essa decisão. Actualmente vou de vez em quando dar formação sobre "orientação", clássica e de competição, ao meu antigo Agrupamento.

Mestrado, economista, docente na Universidade Técnica de Lisboa (ISEG).

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

- Preparar os indivíduos para se preocuparem com os outros e com o mundo.

- Respeito pelas diferenças (raciais, culturais, religiosas...).

- Leitura optimista dos sinais e da vida.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

No meu caso a actividade na Natureza era muito frequente em família (por exemplo o ir acampar ou até o fazer caminhadas) pelo que não foram sobretudo os acampamentos que me chamaram. Num contexto específico, pós revolução, o respeito pela História e pela Pátria foram importantes.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Embora tudo dependa dos escalões etários (nos lobitos penso que serão os pais a incentivar), penso que o procurar uma formação mais aberta, aprendendo coisas novas e diferentes num contexto de alguma aventura continua a atrair os jovens ao Escutismo.

Por que desistem?

- Estudos.

- Múltiplas alternativas para a ocupação dos tempos livres, nomeadamente desporto.

- Alguma exigência, pouco bem vinda num contexto de facilidades.

- Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?).

Sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Como os do século XX, relativamente aos valores, expressos na Lei e nos Princípios, mas muito menos burocratizados, aproveitando tudo o que entretanto surgiu ao nível das tecnologias, da gestão de organizações e da pedagogia.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Fica sempre alguma coisa, mesmo para quem passou por lá “ao de leve”. Acho que fica muito, sobretudo pela solidariedade, preocupação pela melhoria do mundo, “desenrascango”...Éramos cinco primos, todos passaram pelos escuteiros, uns muito e outros pouco, mas todos os casados se “queixam” das mulheres não terem sido escuteiras...

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

A pergunta é demasiado fechada, mesmo para um católico praticante como eu. A pergunta deveria ser “Os escuteiros e a religião, que relação?” ou “Os escuteiros e a espiritualidade, que relação”. Penso que a forma aberta como a questão é colocada desde sempre no Escutismo (aceitando que a religião pode ser diferente, havendo a partilha de princípios comuns) é um dos pontos fortes, que permitem semear para o futuro. Talvez por isso sectores mais fundamentalistas da Igreja não sejam uns grandes entusiastas do Movimento Escutista. A Igreja tinha (tem?) alguma dificuldade em entender algumas das especificidades do Escutismo, embora em regra a relação me pareça que corria (corre) bem.

Notas Adicionais:

- Seria importante também identificar pontos fracos do Escutismo.

- Existia (existe?) uma grande diversidade na prática escutista, mesmo em agrupamentos da mesma região e até fisicamente muito próximos, em função das características das paróquias (mais ou menos conservadoras, por exemplo) e dos chefes.

- A burocracia interna era (é...desconfio que ainda é depois de ver um e-mail de um chefe, que pressuponho adulto, a dizer que só respondia ao questionário se tivesse autorização para tal...sem perceber sequer a importância deste tipo de trabalhos para a universidade e para o Escutismo) muito pesada, “obrigando” a inúmeras reuniões, actas, cartinhas ... pondo os escuteiros muito tempo fechados na sede.

ENTREVISTA 43

42 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Póvoa de Varzim, associado, durante 30 anos elemento e dirigente do Agrupamento 123, São José de Ribamar, Póvoa de Varzim, Região de Braga. Passei por todas as secções e fui chefe de grupo pioneiro, paralelamente secretário de agrupamento. Actualmente sou presidente da comissão eleitoral nacional da Fraternidade Nuno Álvares, associação de antigos filiados no CNE. Há 4 anos, actualmente, na FNA. 9º ano de escolaridade, auxiliar técnico de educação, no pelouro do desporto – Município da Póvoa de Varzim.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

O Escutismo é uma escola de formação integral, daí que tenha tudo de bom.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

O meu tio era dirigente e levou os sobrinhos todos para o movimento.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Por curiosidade dos uniformes, das actividades, por sugestão de amigos e familiares.

Por que desistem?

Por haver agora muitas mais solicitações sociais.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim, não escolhe condições sociais, raças ou credos.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Homens e mulheres como todos os outros.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Deixar o mundo um pouco melhor do que quando se entra.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

O Escutismo em Portugal é maioritariamente católico, mas para ser escuteiro basta ser um “homem de fé”, independentemente da fé que professa. Em Portugal a relação do CNE é a de um movimento da Igreja e portanto actuando em conformidade com a mesma.

ENTREVISTA 44

46 anos, sexo feminino, nacionalidade de Angola, residência em Setúbal, associado há 7 anos ao Agrupamento 415, caminheira, licenciada, professora na Moita.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

Convivência e ajuda a terceiros.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Companheirismo e aventura.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Aventura e actividades ao ar livre.

Por que desistem?

Dificuldade de conciliação de actividades escolares e escutistas.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Como foram os do século XX.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Abertura para ajudar o próximo e respeito pelo mundo que nos rodeia.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Penso que a interligação não deveria ser tão grande porque há crianças que por não professarem o credo católico apostólico romano não vão para os escuteiros.

ENTREVISTA 45

41 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Santo Tirso, associado durante 8 anos no Agrupamento 399 Rebordões, e, neste momento, há 5 anos na FNA, 9º ano de escolaridade, 1º escriturário, Moreira de Cónegos – Guimarães.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

CNE Agora só é a convivência entre pessoas, nunca será como dantes.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Usar uma farda, aprender coisas úteis.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Talvez pela farda.

Por que desistem?

Chega a um ponto que satura. Neste momento parece-me que existe mais política do que Escutismo. Não sabem o que querem, embora muitos sejam por constituírem família e outros pelo trabalho.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Qualquer pessoa.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Melhores que no anterior, mas penso que nada vai mudar.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros? Convívio e amizade.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Nenhuma, só mesmo porque está escrito nos estatutos e nos regulamentos.

ENTREVISTA 46

38 anos, sexo masculino, naturalidade de Setúbal, residência em Palmela, associado no Agrupamento 415 Santa Maria da Graça, na 1ª Secção, em 1978, tendo saído do activo do Agrupamento, como membro da 4ª Secção, em 1993. De uma forma ou de outra, mais ou menos activa, sempre me mantive ligado à vida do agrupamento, prestando auxílio às suas actividades sempre que a vida pessoal e profissional o permitiam. Nos últimos anos, face ao maior dinamismo que foi inculcido à Fraternidade de Nuno Alvares, FNA, em virtude das acções de expansão levadas a cabo pela direcção nacional da FNA, e após solicitação das chefias do Agrupamento 415, foi criado, sensivelmente há 4 anos, o Núcleo da FNA de Santa Maria da Graça ao qual pertenceo sensivelmente desde a sua criação. Neste momento ocupo a posição de Presidente do Núcleo e de Secretário Administrativo da Direcção Regional de Setúbal.

A motivação que me levou a reviver e os tempos escutistas e reintegrar o Movimento Escutista, desta vez na FNA, e com a disponibilidade pessoal a que esta "não" obriga, passou pelo saudosismo dos tempos vividos e pelo "bichinho" escuta que sempre esteve presente no meu dia-a-dia – uma vez escuteiro, sempre escuteiro – bem como a vontade de auxiliar o agrupamento nas actividades de formação dos novos escuteiros ou em outras que o agrupamento entenda.

Citando o Presidente Nacional da FNA, Chefe Vitor Faria, "para lembrarmos velhos tempos e ajudarmos o CNE não necessitamos ser da FNA, somos da FNA porque queremos ser felizes". Julgo que a felicidade pessoal passa pela felicidade daqueles que nos rodeiam. Sendo assim, o mote que tento inculir nos elementos pertencentes ao núcleo que presido é de que, para além do apoio ao agrupamento que nos viu nascer para o Movimento Escutista e ao qual devemos muito – em termos de construção dos pilares da formação moral, cívica, religiosa ... –, devemos fazer algo, independente das actividades do CNE, para que sejamos felizes. Tem sido difícil levar este barco a bom porto, mas como também ainda não se encontra definido "qual o porto", todos os ventos são bons. Vamos fazendo o que se pode!. O tempo de filiação ao CNE foi de 14 anos. Licenciatura em Ciências Sócio-Militares, Ramo Transmissões, Academia Militar, Major Exército Português, no Estado-Maior do Exército, Divisão de Comunicações e Sistemas de Informação.

- Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

O Movimento Escutista, tal como é vivido nos dias de hoje, em nada se assemelha com a minha experiência escutista, há cerca de 10 anos atrás. Neste sentido, em minha opinião e reportando-me à minha experiência, o Escutismo constitui

um local de formação dos jovens, segundo diversos ditames de comportamento moral e cívico, que constituem os pilares da sua formação. Os jovens aprendem a ser jovens, adolescentes e adultos, orientando os seus comportamentos e ultrapassando falhas e receios, tornando-se melhores como pessoas. Estes aspectos tornam-se cada vez mais importantes à medida que as sociedades se vão fechando e o relacionamento ente os indivíduos vai diminuindo. A vivência em sociedade encontra-se cada vez mais ameaçada por um espírito materialista que envolve o seio familiar, onde os pais não têm tempo para os filhos, relegando determinadas obrigações a terceiros. Não querendo substituir o papel da família, julgo ser a família escutista o "terceiro" mais indicado.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Julgo que o principal motivo para a entrada para os escuteiros é a descoberta de algo de novo. A necessidade que os jovens têm para se identificarem com um determinado grupo, sentirem-se integrados numa organização, "sociedade", onde todos têm um motivo de comum de conversa, onde aprendem a partilhar as mesmas preocupações.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Julgo que será uma necessidade de socialização.

Por que desistem?

Existem diversas razões que se encontram associadas à idade do abandono. Questões familiares, entrada no ensino superior, questões profissionais ...

Existe outra, que julgo ser a mais remota delas, que é a inadaptação. Nem todos foram talhados para serem escuteiros. Uma coisa que aprendemos é o espírito de servir e o espírito de abnegação. Nem todos têm a rusticidade de espírito e de corpo para o que, dentro das medidas, lhes é exigido. Ou porque passar o dia no café lhes é mais agradável.

É aqui que entra o papel das chefias na cativação dos jovens, no ir de encontro às suas expectativas e, sempre que possível, superá-las.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Julgo que não há elitismos nos escuteiros. Pelo que tenho presenciado no movimento escutista encontramos "o filho do sapateiro e o filho do ministro". É possível que existam certos agrupamentos que, devido à região onde se encontram implantados, apresentem membros de uma classe social superior à de outros.

Como deverão ser os Escuteiros do século XXI?

Como os do Século XX. Bons rapazes, bons cidadãos.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Lições de vida, troca de experiências, partilha de momentos fáceis e difíceis, enriquecimento pessoal e, em muitos que já deixaram o movimento, a vontade de voltar.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Corpo Nacional de Escutas - Escutismo Católico Português. Julgo que diz tudo!

Na Constituição da República Portuguesa passamos a um estado laico, onde são permitidas todas as religiões e onde a religião católica deixou de ser a religião oficial da Nação. Quando existe um movimento que se intitula católico, e existindo movimentos congéneres que aceitam qualquer credo – AEP, por exemplo –, julgo que o relacionamento CNE com a Igreja Católica deve ser de estreita colaboração. Colaboração na formação dos jovens, no seu acompanhamento como elementos de uma diocese, na sua orientação como cidadãos. No entanto, a Igreja tem de rejuvenescer para acompanhar as aspirações ou necessidades da nova juventude para os cativar e não, contrariamente, os afastar.

ENTREVISTA 47

29 anos, sexo masculino, naturalidade de Lisboa, residência em Évora, associado desde 1987 ao CNE: lobito, explorador, pioneiro, caminheiro, dirigente, animador na I^a e III^a, actualmente chefe de secção da III^a, licenciatura em Eng^a. Electromecânica, eng^o de produção em Évora.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

A formação individual e de grupo que se recebe.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Gosto pelo ar livre e actividades aí desenvolvidas.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Pela diversidade e pela atracção de actividades que se desenvolvem.

Por que desistem?

Desmotivação devida à descoberta de outras actividades mais atractivas para os jovens ou desencontro das actividades realizadas com as perspectivas do jovem.

Quem frequenta os escuteiros?

Todos podem experimentar, mas só quem tiver gosto por ser escuteiro é que acaba por lá ficar.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Inovadores e empreendedores, para adaptarem os objectivos do Escutismo às perspectivas dos jovens actuais

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Viver para crer.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Para ser completo, há que ser completo, seja qual for a igreja. Em Portugal tem lógica ser a católica.

ENTREVISTA 48

40 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Ribeira Grande, associado desde 1996 ao Agrupamento CNE – 1080 Maia, chefe de agrupamento e Instrutora na I secção, licenciatura em Educação e Ensino, professora do 1.º, Açores.

O que é que o Escutismo tem de bom?

Ser um movimento de voluntariado que promove a formação integral da pessoa.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

O fascínio pela aventura e a opção por uma vida sã e participativa.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Por três motivos principalmente:

1 - Porque os pais ou familiares mais próximos já foram ou são escuteiros.

2 - Porque têm amigos escuteiros que os motivaram a ingressar.

3 - Porque vêem no Escutismo a possibilidade de encontrar novos desafios e um mundo de aventuras para viver.

Por que desistem?

Em alguns casos por pressão dos pais relativamente a maus resultados nos estudos (retiram-nos do que mais gostam de fazer). Noutros casos por desinteresse e desmotivação relativamente a métodos escutistas mal implementados. Ou porque não querem assumir responsabilidades, nem respeitar regras previamente combinadas.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Geralmente os filhos das famílias com vida económica e social equilibrada. Os mais desfavorecidos procuram os escuteiros quando estão retirados das famílias e estão integrados em Instituições ou organismos de recolhimento.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Acho que, mais do que nunca, se pede que sejam:

- Verdadeiros e humildes.

- Fiéis aos princípios e leis do Escutismo.

- Intervenientes, voluntários activos (pelo menos na família e no seu meio).

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

A vivência do Espírito Escutista – a lealdade, o companheirismo, a fraternidade – e a capacidade de “desenrasque”.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

A mais simples e verdadeira, ou seja, a vivência da fé em Cristo através de atitudes do dia-a-dia, postas em prática em actividades de campo, em casa, na comunidade ou em cerimoniais escutistas.

ENTREVISTA 49

19 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Lisboa, associada, caminheira, há 5 anos, 12º ano de escolaridade, estudante.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

Desenvolvimento pessoal, ajuda aos outros, vivência com a Natureza.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Curiosidade.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Por que desistem?

Outros interesses.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Todas as condições económicas, sociais e culturais.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Ambiciosos por mudar o mundo.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Deixar um mundo um pouco melhor do que o encontramos.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Por vezes conflituosa.

ENTREVISTA 50

30 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Vila Nova de Famalicão, nunca esteve associado ao Escutismo, licenciatura em arquitectura, arquitecto em Guimarães.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

Tem muita coisa de bom. Ajuda os jovens e ajudar o próximo e isso é o que eu mais admiro no Escutismo.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Pelo prazer da montanha.

Por que desistem?

Porque vêm que o que menos fazem é ir para a montanha.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?).

Sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Estudem a origem do Escutismo e ficam a perceber como deveriam ser.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Nunca fui escuteiro, mas na família tenho gente que já foi. Ficaram fartos de cidade, cidade... Escutismo não é só andar a limpar ruas e a fazer procissões. É sim o convívio, sem que para isso tenha que haver objectivos concretos.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Fazer aquilo que os fiéis já não fazem. Tentam fazer o que deviam ser os fiéis a fazer...

ENTREVISTA 51

25 anos, sexo feminino, naturalidade de Braga, residência em Barcelos, associado ao Agrupamento 468, neste momento pertença à FNA e ajuda II secção, 12º ano de escolaridade, assistente técnica de Informática em Barcelos.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

A formação e educação que nos transmite.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Pelo convívio, pela fé.

Por que desistem?

Penso que, na maioria dos casos, as desistências se devem a alterações na vida pessoal. Casamento, estudos, trabalho...

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Qualquer um pode frequentar os escuteiros independentemente das condições económicas, sociais e culturais.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Escuteiros activos, animados, com vontade de espalhar e transmitir ao Mundo a sua fé.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Quem frequentou ou frequenta os escuteiros não desanima no primeiro obstáculo da vida... é lutador, alegre e sente a fé de uma forma especial...

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Ser escuteiro significa acreditar na religião católica, acreditar em Deus, ter fé em Deus. Escuteiros e Igreja estão sempre relacionados, pois a maioria das actividades escutistas são para a Igreja.

ENTREVISTA 52

30 anos, sexo masculino, nacionalidade de França, residência em Condeixa-a-Nova, esteve 10 anos no Escutismo, Agrupamento 1086 – Palheira, desde júnior a caminheiro, tendo saído como Caminheiro em, frequência universitária, assessor de sistemas de informação na Figueira da Foz..

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

A Partilha, amizade e respeito pela Natureza.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Busca de novas experiências.

Por que desistem?

Falta de tempo e por falta de acompanhamento por parte dirigentes activos e com espírito escutista.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Têm que inovar.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

"Deixar o mundo um pouco melhor" e "sempre alerta para servir".

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

No caso do CNE, faz todo o sentido que estejam relacionados...

ENTREVISTA 53

35 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Lagoa, associado há cerca de 20 anos ao Agrupamento 511 Lagoa, chefe de alcaeteia, chefe agrupamento adjunto, 10º anos de escolaridade, funcionário público na Câmara Municipal da Lagoa.

Para si, o que é que o Escutismo tem de bom?

Tudo no Escutismo é bom.

- O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Gosto de aventura, farda, novos amigos.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Pelos amigos, espírito de aventura, liberdade.

Por que desistem?

Falta de motivação nos agrupamentos, desvios na maneira de estar e ser em sociedade.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Deveria ser assim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Simplesmente escuteiros.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Uma filosofia de vida.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Unidade.

ENTREVISTA 54

25 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Santo Tirso, associado há 9 anos ao Agrupamento 201 – Sequeiro, chefe da IIIª secção, técnico de contabilidade em Santo Tirso.

O que é que o Escutismo tem de bom?

Tudo o que tenha a ver com ar livre e espírito de equipa, grupo.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Dinâmica e trabalho em campo.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Pelos acampamentos.

Por que desistem?

Por muitas ocupações existentes na vida, tipo clubes de futebol..., e falta de empenho dos dirigentes.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Cada vez mais informatizados, porque o mundo está a caminhar para isso, infelizmente.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Os acampamentos e as aventuras nas actividades, raids são o melhor de tudo.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Dependendo dos dirigentes e, por vezes, dos assistentes, é boa ou não.

ENTREVISTA 55

14 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Santo Tirso, associado Agrupamento 503 de São Bartolomeu, secretária e relações públicas, a frequentar o 9º ano.

O que é que o Escutismo tem de bom?

Tem tudo de bom, desde as reuniões até aos acampamentos.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Porque gosto de estar na conviver com pessoa novas.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Porque se calhar também querem conhecer pessoas novas e por curiosidade também.

Por que desistem?

Às vezes são desentendimentos e outras vezes por falta de tempo.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Eu acho que está bom assim.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Eu acho que todos levam boas recordações de tudo.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Os escuteiros são católicos e temos as chamadas missa de unidade.

ENTREVISTA 56

30 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Santo Tirso, dirigente da I secção, secretária do Agrupamento 503 – S. Bartolomeu – Santo Tirso – Núcleo Norte – Região Porto, desde 1994, como caminheira e posteriormente como dirigente, licenciatura em Literatura Comparada pela Universidade Fernando Pessoa, técnica superior na Biblioteca Municipal de Santo Tirso.

O que é que o Escutismo tem de bom?

É um movimento que consegue cativar crianças jovens e adultos, que orientam a sua vida seguindo o exemplo de Baden-Powell, tentando manter entre si o espírito de entre ajuda, companheirismo e o convívio salutar com o meio ambiente.

O(s)motivo(s) de entrada para os escuteiros:

O desejo de viver novas aventuras, descobrir novas amizades e ocupar os tempos livres.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Porque têm curiosidade sobre o que é o Movimento e necessidade de fugirem à rotina do dia-a-dia. Tentando viver novas experiências e encontrar novos amigos.

Por que desistem?

Por vezes não conseguem integrar-se no grupo, não gostam de seguir regras ou não sentem o feedback que esperavam às suas necessidades e expectativas por parte dos responsáveis que os acompanham.

Quem frequenta os escuteiros?

Nos escuteiros encontramos jovens de todas as classes sociais, embora, na minha opinião, muitas crianças e jovens oriundas de famílias economicamente desfavorecidas, acabam por não estar inseridos no movimento porque os custos de actividades (exemplo Acanac, Acaleg...) são demasiado elevados.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Os escuteiros do século XXI deverão ser jovens e adultos responsáveis que saibam aproveitar a vida ao máximo, sem nunca esquecer as leis e princípios que os unem. Pessoas que acompanhem o desenvolvimento mas que nunca esqueçam os valores e tradições que sempre lhes foram transmitidos pelos mais velhos, que procurem *“construir um mundo melhor”*.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

A mensagem que marca cada escuteiro é a da importância da amizade, da vivência em grupo, e da harmonia que deve existir entre todas as pessoas. A sociedade na qual estamos inserimos também beneficia dos valores que defendemos, porque um verdadeiro escuteiro preocupa-se com tudo e todos que o rodeia e está sempre pronto a ajudar quem precisa.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

A relação escuteiros e Igreja é um elo muito importante que deve ser constantemente reforçada, porque para uma boa formação de cada escuteiro é necessário que haja um acompanhamento a nível da fé. No entanto, a Igreja tem que saber acompanhar a evolução do pensamento dos jovens, e, sem nunca esquecer os princípios pelos quais se rege, conseguir dar resposta às dúvidas e às necessidades que vamos tendo ao longo da vida.

Os escuteiros precisam da Igreja para ajudar na formação dos jovens enquanto cidadãos responsáveis e com um objectivo de vida bem definido – *“Ser feliz, fazendo os outros felizes”*.

ENTREVISTA 57

18 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Setúbal, associado no Agrupamento 1118 São Paulo. De momento estou ausente da vida escutista porque tenho de acabar o 12º, na Escola Secundária de Bocage, e não me posso dedicar às actividades como gostaria. Também há alguma influência do meu pai que nunca gostou muito que eu andasse nos escuteiros. Entrei para o agrupamento em 1998 mas sempre tive alguns problemas com a assiduidade.

O que é que o Escutismo tem de bom?

A formação pessoal. O espírito de equipa. A cooperação entre os elementos. O contacto com a Natureza de um modo a que nem todos têm acesso. A independência daqueles objectos dispensáveis no dia-a-dia tais como televisão, computador, rádio... Acho que nesse sentido os acampamentos e grande parte das actividades conseguem proporcionar uma abstracção de todo o mundo exterior, daí o espírito de companheirismo dentro dos escuteiros ser tão grande e tão intenso.

O(s)motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Desde pequena que sou apaixonada por banda desenhada e sempre adorei as histórias dos Escuteiros-Mirins – os sobrinhos do Pato Donald!. Toda aquela sabedoria, o contacto com a Natureza... As aventuras caricatas... Entrei para os escuteiros com uma ideia pré-concebida de que ia estar em contacto com a Natureza e de que ia aprender coisas que

grande parte das pessoas não sabe... E o Escutismo surpreendeu-me positivamente, pois, além de todas essas ideias pré-concebidas, encontrei também um espírito de companheirismo espectacular.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Penso que grande parte dos jovens adira por causa do contacto com a Natureza (essa ideia é a que para grande parte das pessoas caracteriza o Escutismo), também conheço casos de pessoas que só aderem por terem lá amigos que os convidam... Os mais pequeninos normalmente entram por iniciativa dos pais. O que sei é que seja qual for o motivo porque entram, mesmo que entrem contra vontade, a maioria das pessoas acaba por se habituar e por encontrar no Escutismo uma espécie de refúgio, de tesouro.

Por que desistem?

Desistem porque à medida que o tempo passa chegam responsabilidades acrescidas... É difícil conciliar certos tipos de responsabilidade, trabalho ou estudos, por exemplo, com tantas actividades. Também há quem desista por pensar que não pertence àquele ambiente... Por arranjar um grupo de amigos diferente e para estar com esses amigos começa a faltar aos escuteiros... Enfim, penso que há vários motivos, uns mais fortes do que outros.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Sim, penso que nos escuteiros há uma grande variedade de pessoas. Classe média, classe alta ou classe baixa... Também penso que há diferentes tipos de etnias presentes... Aliás... Em termos de companheirismo, este é para mim o dado mais relevante e mais surpreendente... A união entre pessoas que noutras situações evitariam qualquer contacto. Dentro do Escutismo deixam de existir posições sociais, raças e etnias... Somos todos uma equipa, com os mesmos objectivos...

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Penso que o Escutismo deverá ser igual... Afinal de o espírito escutista é imutável... Mudam as pessoas, mudam as condições, mas mantêm-se os ideais...

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

"Deixar um mundo sempre um pouco melhor!" – Para mim esta frase tem todo o sentido, aliás é um grande ideal presente no Escutismo!

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Como é sabido também há escuteiros não católicos, facto com o qual eu concordo, pois acho que não permitir a certas pessoas uma vida escutista por não serem católicos seria errado... E todos sabemos que cada qual tem direito à sua religião. O facto de existirem escuteiros não católicos reforça, na minha opinião, a ligação entre a igreja e os escuteiros dentro do C.N.E., pois as pessoas que vão por opção própria para o C.N.E. têm já uma ligação para com Deus e com a Igreja. Eu pessoalmente considero que a Igreja é um dos alicerces do Escutismo, os ideais de amar o próximo, de fazer o bem, de respeito e de amor transmitidos pela Igreja são ideais presentes no Escutismo, penso por isso que o Escutismo e a Igreja andam de mão dada.

Como é óbvio há muita coisa na Igreja com a qual eu não concordo... No entanto, estas ideias principais de respeito e amor pelo próximo são as ideias com que eu cresci e que me têm acompanhado na minha formação... Logo penso que devem estar implícitas no Escutismo e que para isso contribuí a formação católica.

Quanto aos escuteiros não católicos, penso que também eles tenham estes ideais de respeito e amor ao próximo, apesar de não transmitidos pela religião católica... Mas a própria mensagem de Baden-Powell. – universal para escuteiros católicos ou não católicos –, de deixarmos o mundo sempre um pouco melhor, remete-nos para uma série de ideais todos eles relacionados com uma excelente formação pessoal e espiritual.

ENTREVISTA 58

31 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Guimarães, associado há 8 anos ao Agrupamento 1130 Briteiros, chefe de agrupamento adjunto, SA, chefe III, 9º ano de escolaridade, técnico comercial em exercício por todo o País.

O que é que o Escutismo tem de bom?

A escola de valores que pomos em prática no Escutismo.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

Todos somos chamados a servir, eu aceitei o chamamento, "desafio".

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Talvez em busca do sonho de tornar-se um bom cidadão e poder contribuir para um mundo melhor.

Por que desistem?

Talvez não seja o seu mundo ou não gostem do compromisso.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Um pouco de tudo, não é por acaso que existem algumas classes sociais envolvidas no Escutismo, pessoas adultas que já por lá passaram.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Estarem atentos aos problemas dos outros irmãos escutas. "A maior felicidade é fazer os outros felizes" Baden-Powell.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Aprendi muitos com os escuteiros!

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Os escuteiros são chamados a evangelizar a palavra de Deus. Eles aceitam a missão proposta pelos adultos que se tornam deles.

ENTREVISTA 59

22 anos, sexo masculino, naturalidade e residência Guimarães, associado há 10 anos no Agrupamento 1129 conde – caminheiro, responsável pela parte informática do agrupamento, trabalho com os pioneiros, estudante universitário.

O que é que o Escutismo tem de bom?

Oportunidade de poder servir o próximo, uma ótima escola humana.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

O rigor militar.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Pelos outros jovens.

Por que desistem?

Porque os outros jovens desistem. Falta de apoio dos chefes para lhes dar uma importância: eles têm que ter algo para fazer.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Verdade.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Numa era cada vez mais concorrente devemos de preparar os escuteiros para guardarem o orgulho de o serem e a capacidade e boa vontade de ajudar o outro.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Que a farda é para respeitar e um bom respeito pelo seu semelhante.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Depende da relação da Igreja com a sociedade.

ENTREVISTA 60

41 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Vila Nova Famalicão, associado desde 1971 até 1987, filiação desde 2001 na FNA, 12º ano de escolaridade, empresário em Vila Nova de Famalicão.

O que é que o Escutismo tem de bom?

Os princípios e a sua lei.

O(s) motivo(s) de entrada para os escuteiros?

A aventura, em 1971.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Penso que por necessidade de convivência em grupo e também a aventura. O seu sentido de disciplina e liberdade.

Por que desistem?

Por falta de liderança e por vezes falsas expectativas; também por limite de idade. Agora com a existência da FNA o Escutismo adulto é uma realidade, falta criar o caminho da continuidade.

Quem frequenta os escuteiros? (jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais?)

Todos.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Deverão continuar a caminhada ao abrigo da lei e dos princípios escutistas.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Quem frequenta ou frequentou esta escola de vida, é um pouco melhor e sempre contribui para melhorar a vida dos outros.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Somos parte integrante da Igreja, com obrigações estatutárias para com esta. Além disso, a juventude precisa de acompanhamento moral e espiritual para uma melhor vivência social.

ENTREVISTA 61

42 anos, sexo feminino, naturalidade e residência de Marco de Canaveses, licenciatura, educadora de infância no Marco de Canaveses, nunca foi associada.

Sou mãe de uma escuteira lobita com 10 anos. Fazem muitas actividades em grupo que na minha opinião ajudam.

O Escutismo tem de menos bom a regularidade dos encontros semanais.

Como deverão ser, em sua opinião, os escuteiros do século XXI?

Crianças, adolescentes, Jovens apaixonados pelos valores.

ENTREVISTA 62

73 anos, sexo masculino, naturalidade e residência de Gondomar, associado há 55 anos, chefe de, 2º grau do ensino básico, reformado.

O que é que o Escutismo tem de bom?

Escola de formação, física e moral, da juventude.

Motivo de entrada para os escuteiros?

Aventura do desconhecido.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Ao colectivo e ao uniforme.

Por que desistem?

Falta de humildade, a todos os níveis.

Quem frequenta os escuteiros?

Jovens de todas as condições económicas, sociais e culturais.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Fieis à lei e mais esclarecidos.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Uma vez escuta para sempre escuta.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Da melhor. Tudo depende da assistência.

ENTREVISTA 63

53 anos, sexo masculino, naturalidade e residência da Maia, associado há 15 anos ao Agrupamento 95, dirigente – tesoureiro, 5º geral, equivalente ao 9º ano, técnico de equipamentos de saúde no Hospital de São João – Porto.

O que é que o Escutismo tem de bom?

A formação integral dos jovens.

Motivo de entrada para os escuteiros?

Entrou por estar ligado ao movimento católico das Equipas de Nossa Senhora e porque as filhas estavam já nos escuteiros. Ele a mulher inscreveram-nas porque o Movimento dava garantias de promover uma formação assente nos valores católicos.

Por que motivos aderem os jovens ao Escutismo?

Pelos pais; pelos amigos; por aconselhamento de outros, como, por exemplo, os psicólogos; por os familiares se desresponsabilizarem do seu acompanhamento e educação e os quererem ver acompanhados por um movimento que julgam que lhes pode fornecer o que eles não lhes fornecem.

Por que desistem?

Os que são obrigados a entrar e não se identificam acabam por sair; porque há muitas vezes desencontro entre as expectativas altas que procuram no movimento e o que, na realidade, dele recebem. Os jovens procuram actividades físicas, ao ar livre, e isso nem sempre se concretiza, por questões várias, sobretudo por limitações de instalações e financeiras; o abandono dos jovens tem a ver com as exigências escolares que, com o tempo, se lhes vão deparando, com a quebra que a saída de um grupo de pares importante, um líder, provoca.

Quem frequenta os escuteiros?

Jovens de todas as condições sociais e económicas. Os escuteiros estão abertos à sociedade, colaboram com ela integrando-se e organizado actividades em função das suas dinâmicas. Colaboram, por exemplo, com a iniciativa do Banco Alimentar Contra a Fome.

Como deverão ser os escuteiros do século XXI?

Terão que ser pessoas mais preparadas, sobretudo os dirigentes, para poderem responder, no espírito de missão que lhes é confiado, às exigências impostas pela sociedade global.

O que fica da mensagem dos escuteiros, de quem frequentou ou ainda frequenta os escuteiros?

Fica a *semente* que faz com que o escuteiro seja um potencial encaminhador de novos candidatos para o movimento.

Fica a identificação com um modelo de convivência para a juventude, no quadro axiológico da maior parte das pessoas em que o movimento se insere.

Os escuteiros e a Igreja, que relação?

Resposta muito centrada na figura do pároco. A paróquia deveria dar mais apoio, estar mais interessada nos escuteiros, no que eles representam para a própria Igreja. Mas não dá.

Anexo III

Questionário²⁴

O questionário a que vai responder tem por objectivo contribuir para a realização de um estudo de caracterização do Escutismo em Portugal. Pretende ser socialmente abrangente e, nesse âmbito, quer auscultar três grupos de pessoas: o das que estão no activo no Escutismo, o das que já estiveram, de alguma forma, associadas ao Escutismo e o das que nunca pertenceram ao Escutismo. É de construção simples e, estando limitado em extensão, divide-se em duas partes: uma primeira, generalista e de suporte, e uma segunda que engloba questões fundamentais. Os dados que fornecer serão, em absoluto, confidenciais e destinam-se unicamente a tratamento para investigação.

Nota de agradecimento

Rui Leandro Maia, investigador responsável do estudo, ESCUTISMO: PRÁTICAS, REPRESENTAÇÕES, MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS DOS ACTUAIS, DOS ANTIGOS E DOS POTENCIAIS MEMBROS, agradece ao OberCID a disponibilização da sua Página Web para o alojamento e a divulgação deste questionário.

I. Identificação, condições sócio-económicas e conhecimento do Escutismo

1. A sua data de nascimento? (dia) / (mês) / (ano)
2. O sexo:
 - masculino 1
 - feminino 2
3. Você é:
 - solteiro(a) 1
 - casado(a) 2
 - união de facto 3
 - viúvo(a) 4
 - divorciado(a) 5
 - separado(a) 6
 - outra situação 7 qual?
4. Qual o grau de escolaridade mais elevado que frequenta ou que frequentou?
 - primário (entre o 1º e o 4º anos) 1
 - preparatório (entre o 5º e o 6º anos) 2
 - unificado ou equivalente (entre o 7º e o 9º anos) 3
 - secundário (entre o 10º e o 12º ano) 4
 - curso superior (politécnico ou universitário) 5
 - outra situação 6 qual?
5. A sua nacionalidade é:
 - portuguesa 1
 - estrangeira 2 de que país? → passe à questão 7
6. E é natural de:
 - distrito
 - concelho
 - freguesia
7. E onde reside?
 - distrito
 - concelho
 - freguesia

²⁴ © Rui Leandro Maia, 2007.

8. Trabalha ou já trabalhou regularmente?

- sim 1 em que profissão ou ocupação (tratando-se de mais do que uma situação, descreva-as)
- não 2

9. Qual é a sua religião?

- católica 1
- ortodoxa 2
- protestante 3
- outra cristã 4
- judaica 5
- muçulmana 6
- outra não cristã 7
- sem religião 8 → passe à questão 11

10. E pratica-a com que regularidade?

- sempre..... 1
- quase sempre 2
- muitas vezes 3
- pouca vezes 4
- quase nunca 5
- nunca 6

11. Tem irmãos?

- sim 1 quantos?
- não 2

12. Tem filhos?

- sim 1 quantos?
- não 2

13. Conhece o movimento escutista?

- muito bem 1
- bem 2
- alguma coisa 3
- de forma vaga 4
- só de nome 5 → para si o questionário termina aqui, muito obrigado
- não 6 → para si o questionário termina aqui, muito obrigado

II. Caracterização do Escutismo

14. Do que conhece do Escutismo, classifique cada uma das seguintes palavras ou expressões, assinalando com um X na opção que considere adequada.

	Nada associada						Muito associada
	0	1	2	3	4	5	6
Acampamentos	<input type="checkbox"/>						
Acção	<input type="checkbox"/>						
Actividades	<input type="checkbox"/>						
Alegria	<input type="checkbox"/>						
Ambiente	<input type="checkbox"/>						
Amizade	<input type="checkbox"/>						
Apoio à comunidade	<input type="checkbox"/>						

Aprendizagem	<input type="checkbox"/>						
Aventura	<input type="checkbox"/>						
Baden-Powell	<input type="checkbox"/>						
Caminhada	<input type="checkbox"/>						
Cidadania	<input type="checkbox"/>						
Companheirismo	<input type="checkbox"/>						
Compromisso	<input type="checkbox"/>						
Construção	<input type="checkbox"/>						
Convivência	<input type="checkbox"/>						
Crescimento harmonioso	<input type="checkbox"/>						
Deus	<input type="checkbox"/>						
Disciplina	<input type="checkbox"/>						
Ecologia	<input type="checkbox"/>						
Educação	<input type="checkbox"/>						
Empreendedorismo	<input type="checkbox"/>						
Entreajuda	<input type="checkbox"/>						
Entretenimento	<input type="checkbox"/>						
Equipa	<input type="checkbox"/>						
Espírito de serviço	<input type="checkbox"/>						
Espiritualidade	<input type="checkbox"/>						
Felicidade	<input type="checkbox"/>						
Igreja	<input type="checkbox"/>						
Juventude	<input type="checkbox"/>						
Liberdade	<input type="checkbox"/>						
Método	<input type="checkbox"/>						
Mística	<input type="checkbox"/>						
Motivação	<input type="checkbox"/>						
Natureza	<input type="checkbox"/>						
Ocupação de tempos livres	<input type="checkbox"/>						
Organização	<input type="checkbox"/>						
Partilha	<input type="checkbox"/>						
Promessa	<input type="checkbox"/>						
Qualidade	<input type="checkbox"/>						
Regras	<input type="checkbox"/>						
Religião	<input type="checkbox"/>						
Respeito pelas diferenças	<input type="checkbox"/>						
Responsabilidade	<input type="checkbox"/>						
Saudável	<input type="checkbox"/>						
Solidariedade	<input type="checkbox"/>						
Trabalho em equipa	<input type="checkbox"/>						
Valores	<input type="checkbox"/>						
Voluntariado	<input type="checkbox"/>						

15. Tem ou já teve algum familiar directo ligado ao Escutismo?
 sim 1 refira o grau de parentesco (caso seja mais do que um, refira-os)
 não 2
16. E amigo(a)?
 sim 1 explique, se é da escola, do trabalho, do meio de residência
 não 2
17. O que é que o Escutismo tem de menos bom? (classifique cada uma das seguintes palavras ou expressões, assinalando com um X na opção que considere adequada).

	Não concorda						Concorda totalmente
	0	1	2	3	4	5	6
Autoritarismo	<input type="checkbox"/>						
Chefias pouco preparadas	<input type="checkbox"/>						
Demasiada hierarquia	<input type="checkbox"/>						
Desorganização	<input type="checkbox"/>						
Inadequação ao presente	<input type="checkbox"/>						
Muita dependência da Igreja	<input type="checkbox"/>						
Regras em excesso	<input type="checkbox"/>						
Vivência à parte da sociedade	<input type="checkbox"/>						
Outra justificação	<input type="checkbox"/>						

- Qual é essa outra justificação?.....

18. O que o levaria a aconselhar alguém a aderir ao Escutismo? (pode escolher até três opções, classificando-as de 1, a mais importante, a 3, a menos importante).

- não aconselhava 1
 para aprender a ser autónomo..... 2
 para formação de uma personalidade sadia 3
 por convivência com outros jovens 4
 por ocupação dos tempos livres 5
 por questões de valores 6
 por questões espirituais 7
 por outro(s) motivo(s) 8 explique?

19. Como deverão ser, na sua opinião, os escuteiros do século XXI? (pode escolher até três opções, classificando-as de 1, a mais importante, a 3, a menos importante).

- a formação dos dirigentes deve ser mais completa e exigente 1
 adaptados ao tempo presente, mantendo os princípios fundadores . 2
 como os do século XX 3
 mais comprometidos com a família, com a sociedade e com Deus .. 4
 mais intervenientes na sociedade 5
 mais preocupados com a preservação do ambiente 6
 outra situação 7 qual?

20. É ou já foi escuteiro?

- sim 1
 não 2 → para si o questionário termina aqui, muito obrigado

21. Em que associação?

- AEP – Associação dos Escoteiros de Portugal 1
 AGEEP – Associação Guias e Escuteiros da Europa 2
 AGP – Associação Guias de Portugal 3
 CNE – Corpo Nacional de Escutas 4
 Outra 5 qual?

22. Com que idade entrou para o Escutismo? ____ anos

23. Qual o motivo da entrada para o Escutismo? (pode escolher até três opções, classificando-as de 1, a mais importante, a 3, a menos importante).

- levado por amigos 1
 levado por irmão ou por irmã 2

- pelo uniforme..... 3
 pelos acampamentos..... 4
 por aventura 5
 por curiosidade 6
 por obrigação 7
 por sugestão dos pais 8
 outro motivo..... 9 qual?
- 24.** Ainda frequenta o Escutismo?
 sim 1 há quantos anos ____ anos → passe à questão **28**
 não 2 com que idade abandonou ____ anos
- 25.** Qual o motivo principal de ter abandonado o Escutismo? (pode escolher até três opções, classificando-as de 1, a mais importante, a 3, a menos importante).
 pelo trabalho 1
 pelos estudos 2
 por as chefias não saberem motivar 3
 por limite de idade 4
 por quebra de interesse no Escutismo 5
 por saturação 6
 por sobreposição de outras ocupações..... 7
 outro motivo..... 8 qual?
- 26.** Durante quantos anos esteve no Escutismo? ____ anos
- 27.** Após ter saído do Escutismo, ingressou em qualquer outro movimento associativo?
 sim 1 em qual?
 não 2
- 28.** Enquanto escuteiro, fez interrupção no seu percurso?
 sim 1 explique
 não 2
- 29.** O que fica da mensagem do Escutismo? (pode escolher até três opções, classificando-as de 1, a mais importante, a 3, a menos importante).
 companheirismo..... 1
 convivência..... 2
 educação diferente 3
 espírito de serviço aos outros..... 4
 experiência de vida..... 5
 preocupação em deixar o mundo melhor 6
 respeito pelo semelhante..... 7
 responsabilidade pessoal e social 8
 saudade..... 9
 sensibilização para a defesa da Natureza..... 10
 sentimento de fé de forma especial 11
 valores como honra e lealdade..... 12
 outra opção..... 13 qual?
- 30.** Escutismo e Igreja, que relação? (pode escolher até três opções, classificando-as de 1, a mais importante, a 3, a menos importante).
 de comunhão de valores 1
 de cooperação 2
 de maior aprofundamento..... 3
 dependente da relação da Igreja com a sociedade..... 4
 não deveria ser tão grande 5
 não é fundamental para o Escutismo 6

nenhuma..... 7
outra opção..... 8 qual?

O questionário termina aqui, muito obrigado pela sua importante colaboração

ÍNDICES

Índice de figuras e de valores

Fig. 1	Evolução do número efectivo de escuteiros, incluindo dirigentes: 1990-2006.....	32
Fig. 2	Evolução do número de escuteiros por secções e de dirigentes: 1990-2006.....	34
Fig. 3	Evolução da Relação de Masculinidade por secções de escuteiros e por dirigentes: 1990-2006.....	35
Fig. 4	Escuteiros efectivos por secções e dirigentes: 1990.....	38
Fig. 5	Escuteiros efectivos por secções e dirigentes: 2006.....	38
Fig. 6	Número de Lobitos por cada cem Dirigentes por regiões agregadas: 1990, 1998, 2006	41
Fig. 7	Número de Lobitos, de Exploradores, de Pioneiros e de Caminheiros por cada cem Dirigentes por regiões agregadas: 1990, 1998, 2006.....	43
Quadro 1	Posição relativa das regiões agregadas do CNE.....	40

Índice de anexos

Anexo I:	Representação em pirâmides das secções e dos dirigentes por regiões: 1990, 1998, 2006.....	123
Anexo II:	Entrevistas Semi-Directivas.....	127
Anexo III:	Questionário.....	156

ÍNDICE GERAL

Nota de abertura.....	1
Introdução.....	4
Capítulo I: Procedimento metodológico e técnicas de análise.....	7
1. Método e perspectivas de análise.....	7
2. O Censo do CNE.....	12
3. O inquérito por questionário.....	17
4. As entrevistas semi-directivas.....	21
Capítulo II: Ensaio teórico e descritivo sobre o associativismo – o Escutismo por enfoque.....	25
1. Enquadramento teórico.....	25
2. Enquadramento descritivo – censos	31
3. Enquadramento descritivo – inquérito por questionário e entrevistas semi-directivas.....	44
Capítulo III: O Escutismo e a sociedade.....	48
Capítulo IV: O Escutismo para si mesmo.....	94
Conclusão	116
Referências bibliográficas	122
Anexo I: Representação em pirâmides das secções e dos dirigentes por regiões: 1990, 1998, 2006.....	123
Anexo II: Entrevistas Semi-Directivas	127
Anexo III: Questionário	156
Índice de figuras e de valores.....	163
Índice de anexos.....	163
Índice geral	164